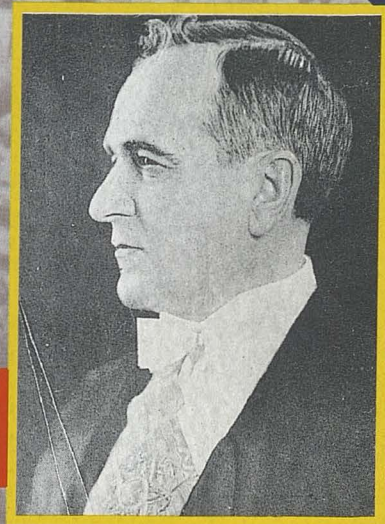


PUBLICAÇÃO MENSAL • R\$ 4,00

GRANDES REPORTAGENS:
SAARA, A GUERRA DO DESERTO

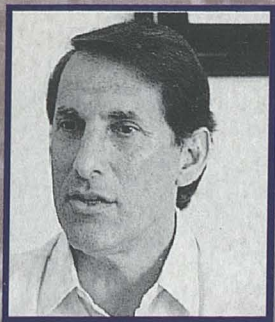
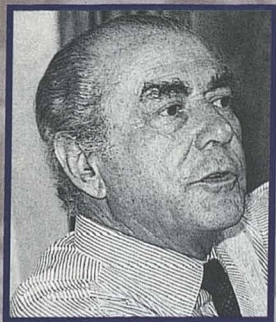
175



1950-1994

44 ANOS DEPOIS

ELEIÇÃO CASADA



NEOFASCISMO: A VOLTA DOS CAMISAS NEGRAS

IMPLANTAR. QUALIFICAR. EVOLUIR.

Acompanhando as tendências do mercado. Perseguindo qualidade e produtividade. É assim que o Mercantil tem conquistado seu crescimento. Fundado em 1970, o banco expandiu-se numa rede supra-regional, implantando agências nos principais centros financeiros do país. Uma prova de trabalho bem estruturado. Uma evolução direcionada pelo claro objetivo de situá-lo, solidamente, entre as mais importantes instituições financeiras do país.



Administração Sul do Banco Mercantil, em São Paulo

*Ocupar espaços.
Consolidar parcerias.
perseguir qualidade e
produtividade.
Evoluir. Solidamente.
Conquistar novos mercados.
Valorizar, mais que tudo, o cliente.
Ser um banco contemporâneo.*

MERCANTIL

Banco Mercantil S.A.

O Banco que dá valor a você.

Administração - Sul:

Alameda Santos, 880 - Jardim Paulista, CEP 01418, São Paulo, SP
Tel. (011) 289.4666 - Fax (011) 289.4007 - Telex (11) 33708

Administração - Sede:

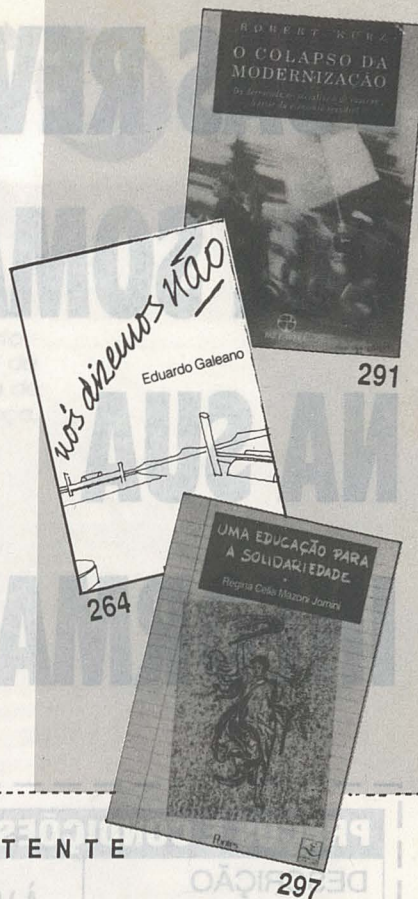
Rua do Imperador D. Pedro II, 307, Santo Antônio, CEP 50.010, Recife, PE
Tel. (081) 224.3466 - Fax (081) 424.1069 - Telex (81) 2424/8801

MONTE SUA BIBLIOTECA, INTEIRAMENTE GRÁTIS!

Apresente, todos os meses, 3 pessoas para conhecerem "cadernos". Podem ser seus amigos(as), alunos(as), professores(as), colegas de curso ou trabalho. O importante é que sejam pessoas que vão gostar de "ler a nossa diferença".

COMO FUNCIONA E COMO VOCÊ GANHA.
As pessoas indicadas receberão 1 exemplar (de arquivo) da revista. Para cada uma que tornar-se assinante você ganha 1 livro de sua escolha, dentre os livros brinde do mês.

BRINDES DO MÊS



INDICAÇÕES:

Nome:
End:
Bairro:
Cidade: UF:
CEP: Tel.:

Em relação ao remetente o indicado é:
() amigo(a) () colega de trabalho () professor(a)
() aluno(a) () colega de curso

Nome:
End:
Bairro:
Cidade: UF:
CEP: Tel.:

Em relação ao remetente o indicado é:
() amigo(a) () colega de trabalho () professor(a)
() aluno(a) () colega de curso

Nome:
End:
Bairro:
Cidade: UF:
CEP: Tel.:

Em relação ao remetente o indicado é:
() amigo(a) () colega de trabalho () professor(a)
() aluno(a) () colega de curso

REMETENTE

Se dentro de até 2 meses algum indicado tornar-se assinante por intermédio de mala direta oriunda desta promoção, desejo como brinde, pela ordem:

Código do brinde

1º () 2º () 3º ()

Nome:
End:
Bairro:
Cidade: UF:
Cep: Tel.:
Profissão:

Sou assinante de cadernos

Data: ____/____/____

Assinatura do remetente

IMPORTANTE:

1- No caso de duplicidade de indicados prevalece a primeira. Após o prazo, será considerada como indicação, a do 2º remetente
2- Com a finalidade de aumentar as probabilidades de assinatura, o remetente pode mandar mais nomes em relação anexa.

DUAS REVISTAS QUE SOMAM NA SUA INFORMAÇÃO



PREÇOS E CONDIÇÕES DE PAGAMENTO

DESCRIÇÃO DAS OPÇÕES	À VISTA	À PRAZO
Assinatura anual de "cadernos" ou "Ecologia"	A R\$ 44,00	B 2 cheques de R\$ 23,00 p/ 30/60 dias
Assinatura anual de "cadernos" + "Ecologia"	C R\$ 88,00	D 2 cheques de R\$ 46,00 p/ 30/60 dias

CUPOM DE PEDIDO PARA UM AMIGO

cadernos Ecologia

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____

Cidade: _____ Estado: _____

CEP: _____ Tel.: _____

Profissão: _____

Editora Terceiro Mundo Ltda. - Deptº de Assinaturas
Rua da Glória, 122 - 1º andar - Glória - CEP 20241-180 - Rio de Janeiro, RJ
PEÇA TAMBÉM PELOS TELS (021) 252-7440/232-3372
OU PELO FAX (021) 252-8455

MEU PEDIDO DE:

Assinatura "cadernos" Assinatura "Ecologia"

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____

Cidade: _____ Estado: _____

CEP: _____ Tel.: _____

Profissão: _____

Minha opção de pagamento é: (A) (B) (C) (D)

A opção do meu amigo é: (A) (B) (C) (D)

Estou efetuando meu pagamento por:

Cheque(s) nominal(ais) à Editora Terceiro Mundo Ltda.

Reembolso Postal

Por Telefone (fornecer o nº do cartão de crédito)

Vale Postal Ag. Lapa

De acordo com a opção feita, autorizo o débito no cartão de crédito: _____, que tem validade até ____ / ____ / ____
(nome do cartão)

Nome do titular do Cartão

Nº do Cartão

ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

DATA: ____ / ____ / ____

Comprador

POSTAL NORTE SUL

"FICAR COM"

um novo código entre jovens



Com a palavra

LEONEL BRIZOLA



A FARSA NA CPI DO ORÇAMENTO

GUSTAVO KRIEGER
FERNANDO RODRIGUES
ELVIS CESAR BONASSA

PREFÁCIO DE BORIS CASOY



MÃES DE ACARI - UMA HISTÓRIA DE LUTA CONTRA A IMPUNIDADE

Carlos Nobre

A tragédia do desaparecimento de 11 pessoas, seqüestradas e mortas na Baixada Fluminense em 1990. A peregrinação das mães das vítimas em busca de justiça

172 pp

E 337

R\$ 12,00

COM A PALAVRA, LEONEL BRIZOLA

Oswaldo Maneschy, Madalena Sapucaia, Paulo Becker
Trechos de entrevistas, discursos e textos em que o ex-governador do Rio de Janeiro expõe seu pensamento político e sua visão de mundo, respondendo a situações cotidianas no período de 1991 a 94. 214 pp

E 345

R\$ 10,00

O BARNABÉ DE BRASÍLIA

Flávio Bruno
Von Sperling

Os bastidores da construção da capital do país, vistos e mostrados com bom humor por um dos pioneiros na vida de Brasília. Memórias e história se misturam.

177 pp

E 333

R\$ 12,00

ALMANAQUE BRASIL 1993/94

Editora Terceiro Mundo/Ivan Alves

Publicação voltada para a discussão de um projeto nacional.

Formação da nacionalidade brasileira, conjuntura atual, povo e instituições, atividades produtivas, roteiro da cidadania e suporte estatístico com 60 quadro e tabelas atualizadas. Complementa o *Guia do Terceiro Mundo*, cuja nova edição está sendo preparada.

327pp E 318

R\$ 19,00

O CORONEL TEM UM SEGREDO: PAULO WRIGHT NÃO ESTÁ EM CUBA

Debora Jan Wriqth

A história dramática de Paulo Stuart Wright, filho de missionários, ex-deputado estadual e dirigente de uma organização clandestina de 1964 a 1973, contada por sua sobrinha. Ele é um dos desaparecidos durante a ditadura militar brasileira.

132 pp

E 331

R\$ 12,00

1994 - IDÉIAS PARA UMA ALTERNATIVA DE ESQUERDA

Vários autores

Os autores (intelectuais, militantes ou simpatizantes do PT) desenvolvem propostas para um governo popular e democrático no Brasil

195 pp

R\$ 10,00

OS DONOS DO CONGRESSO

A farsa na CPI do

Orçamento
Gustavo Krieger, Fernando Rodrigues e Elvis Cesar Bonassa

Uma análise aprofundada e ágil sobre um dos maiores escândalos políticos brasileiros dos últimos tempos. A informação a serviço da consciência nacional. Prefácio de Boris Casoy.

237 pp

E 335

R\$ 8,00

"FICAR COM"

Jacqueline Chaves

Um fenômeno recente que ocorre sobretudo na adolescência é analisado neste volume, originalmente uma tese de mestrado. Seria uma nova forma de relacionamento criada pelos jovens, ou a falta de compromisso do "ficar com" reflete apenas uma sociedade consumista e anti-social?

154 pp

E 336

R\$ 14,43

PARTICIPAÇÃO POPULAR, EDUCAÇÃO E SAÚDE

Organizado por Victor Valla e Eduardo Stotz

Os artigos do livro foram produzidos por membros do Grupo de Trabalho Participação Popular do Programa de Apoio à Reforma Sanitária da Fundação Oswaldo Cruz. Os temas vão desde as práticas alternativas nestas áreas até as lutas ambientais

160 pp

E 343

R\$ 8,00

CUBA CHEGA LÁ!

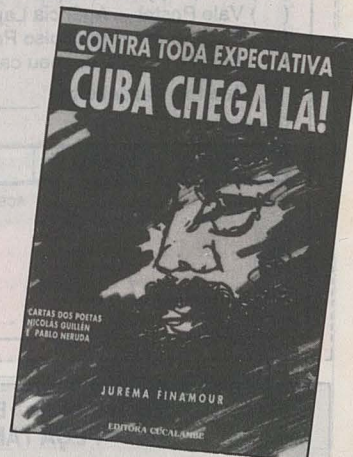
Jurema Finamour

O livro fala sobre as descobertas, invenções, realizações científicas, tratamentos e curas de várias enfermidades. Em meio a mais de 30 anos de bloqueio econômico que asfixiou a economia cubana, o país sobrevive graças aos esforços do povo e do governo e à solidariedade internacional.

406 pp

E 349

R\$ 10,00



CARTAS DOS POETAS
NICOLAS SHLEIER
E PABLO NEBUJA

JUREMA FINAMOUR

EDITORA CEALANE

VISÕES DO GOLPE DE 1964

Maria Celina D'Araujo, Gláucio A. D. Soares e Celso Castro

O livro reúne depoimentos de militares que vieram a ocupar posições de relevo no sistema de informações criado a partir de 1964. A obra nos faz rever páginas da história recente do país, desde a renúncia de Jânio Quadros em 1961 até a posse de Costa e Silva, em 67

256 pp

E 346

R\$ 15,00

SHORT CUTS - CENAS DA VIDA

Raymond Carver

Com prefácio do cineasta Robert Altman, responsável pela versão cinematográfica do livro, esta obra reúne pequenos contos sobre gente comum. Sua grande qualidade é dar emoção e significado a fatos aparentemente destituídos de grandeza

179 pp

E 348 R\$ 12,14

SOCIALISMO

Émile Durkheim

e Max Weber

Organizado por Luis Carlos Fridman

Dois grandes autores clássicos da sociologia discorrem sobre o futuro e a possibilidade da justiça social plena. São ensaios e conferências inéditas em português, com análises às vezes até proféticas

128 pp

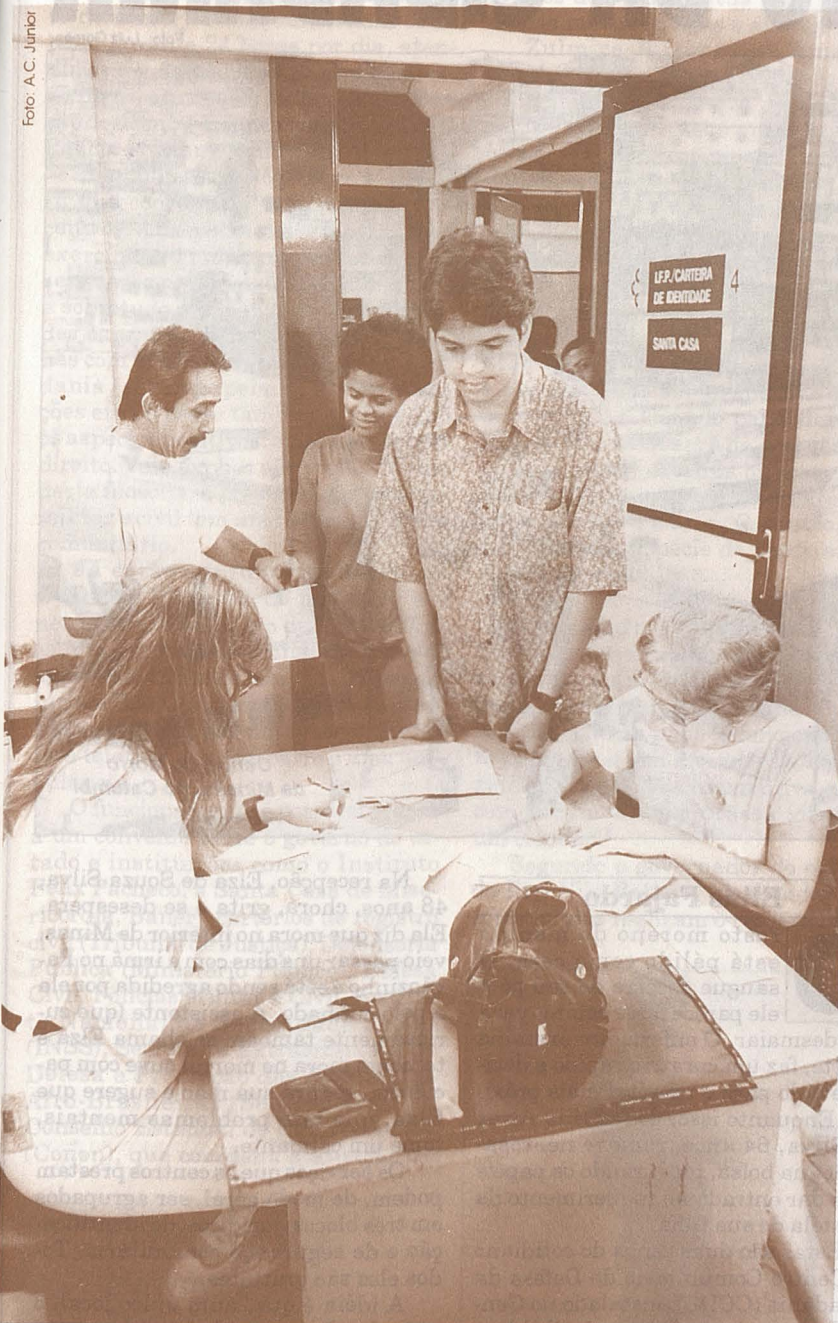
E 344 R\$ 11,50

ATENÇÃO: Se, por motivo de insuficiência de estoque, faltar algum livro de seu pedido, a entrega será feita parcialmente e completada posteriormente.

SUPLEMENTO

ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE TEMAS ALTERNATIVOS

Foto: A.C. Júnior



Centro
Comunitário
de Defesa da
Cidadania de
Nova Aliança,
Bangu

COMPORTAMENTO

Menos crianças
na Rússia

Página 10

COMPORTAMENTO

A morte do
escritor Ornetti

Página 11

A cidadania no dia a dia

O EXERCÍCIO DA CIDADANIA

Foto: Luiz Gomes



Centro do Morro da Mineira, no Catumbi

Os centros comunitários de defesa da cidadania oferecem serviços jurídicos, de identificação e de emergência em áreas pobres. Eles já fazem parte da paisagem urbana carioca

Elias Fajardo

O rosto moreno do menino está pálido como cera. O sangue escorre de seu pé e ele parece fazer esforço para não desmaiar. O enfermeiro examina o corte, faz um curativo rápido e decide levá-lo para o hospital mais próximo. Enquanto isso, dona Célia Alves da Silva, 64 anos, remexe nervosamente na bolsa, procurando os papéis para dar entrada no requerimento da curatela de sua filha.

Estas são duas cenas do cotidiano do Centro Comunitário de Defesa da Cidadania (CCDC), instalado no Centro Integrado de Educação Pública (Ciep) João Goulart, nos morros Pavão e Pavãozinho, em Ipanema, Rio de Janeiro. São uma pequena amostra dos 4.782 casos de atendimento que tem sido feito desde que foi aberto, há seis meses.

Na recepção, Elza de Souza Silva, 48 anos, chora, grita e se desespera. Ela diz que mora no interior de Minas, veio passar uns dias com a irmã no Pavãozinho e está sendo agredida por ela e pelo cunhado. A assistente (que curiosamente também se chama Elza e também mora no morro) ouve com paciência, segura sua mão e sugere que Elza, que tem problemas mentais, tome um calmante.

Os serviços que os centros prestam podem, de modo geral, ser agrupados em três blocos: jurídicos, de identificação e de segurança comunitária. Todos eles são gratuitos.

A idéia é que, num único local, o morador de comunidades pobres possa tirar carteira de identidade, certidão de nascimento ou atestado de óbito, ter assistência jurídica para legalizar situações familiares (separação do casal, pensão para filhos e cônjuges), abrir cadernetas de poupança, pagar

contas ou receber pagamentos no posto do Banerj. Neles funcionam também, durante 24 horas por dia, atendimentos da Defesa Civil (primeiros-socorros, auxílio em acidentes e remoção de doentes para a rede hospitalar), Polícia Militar e Polícia Civil.

Segundo a socióloga Vera Malaguti, que coordena a implantação dos centros, a proposta deles é permitir o exercício da cidadania positiva. Ou seja, fazer com que o cidadão comum, e sobretudo o que vive em comunidades carentes, deixe de conviver apenas com os aspectos negativos da cidadania (ser interpelado, sofrer punições etc.) e passe também a vivenciar os aspectos positivos: aquilo a que tem direito. Vera explica ainda que, dentro desta filosofia, a presença das polícias militar e civil tem um caráter de apoio comunitário.

Já estão em funcionamento os CCDC de Ipanema, do morro da Mineira, no Catumbi, e o de Nova Aliança, em Bangu. Até o final do ano, deverão estar abertos mais 12, incluindo um em São Gonçalo, Campos, Jacarezinho e Acari. Cada um deles já tem ou terá telefone, fax, um carro e uma ambulância.

O funcionamento é possível graças a um convênio entre o governo do estado e instituições como o Instituto Félix Pacheco, a Santa Casa de Misericórdia, Banerj, cartórios de registro civil (Tribunal de Justiça), Defensoria Pública (Ministério Público), Defesa Civil, Polícias Militar e Civil, Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), Secretaria Extraordinária de Defesa e Promoção das Populações Afro-Brasileiras (Seafro), além do Conselho Estadual de Entorpecentes (Conen), que coordena a atuação de

grupos de ajuda mútua para dependência mútua (drogas e álcool).

Zulmira Bittencourt Amador, coordenadora do centro do Pavão e Pavãozinho, explica: "Aqui, o cidadão se sente respeitado, sabe que conta com os serviços públicos essenciais. Atendemos a bairros que, somados, têm uma população de mais de 20 mil pessoas." O curioso é que cresce a cada dia o número de pessoas que não moram no morro (chamados de "pessoal do asfalto") que vêm em busca de documentos ou atendimento. Alguns serviços são exclusivos para os moradores, mas a maioria pode ser usada por qualquer cidadão. Grande parte dos que vêm de fora também é de pessoas humildes, como porteiros ou empregadas domésticas, e tem gente até das zonas Norte e Oeste. O centro, assim, faz uma espécie de ponte entre o morro e o asfalto.

Tornando-se cidadãos - O CCDC de Ipanema faz uma pesquisa constante entre os usuários e as respostas são significativas. "Finalmente, alguma coisa pública funciona neste país", disse um morador do Pavãozinho. "É uma idéia construtiva, pois, com documentos, a pessoa torna-se um cidadão."

Segundo o governador do estado do Rio, Nilo Batista, idealizador dos centros, eles realizam o resgate da ci-

dadania, deixada de lado por mais de 20 anos, para atender a interesses econômicos e políticos. Os habitantes das áreas urbanas marginalizadas, como se pode ver nas declarações dos usuários, são as maiores interessadas nesta recuperação dos direitos do cidadão.

Mas os novos cidadãos também sabem cobrar. Um rapaz do Pavãozinho disse: "Deve ser realmente para uso das comunidades. E os funcionários têm de cumprir horário." E outro do morro do Cantagalo acrescentou: "Está agradando, mas pode crescer ainda mais." Tem gente que sugere que o centro permaneça como está. Outros querem que se amplie o atendimento acrescentando a presença do Juizado de Menores, Justiça do Trabalho, setor cultural e aumentando os primeiros-socorros. E um morador do Leblon acrescentou: "O atendimento deve ter mais explicações sobre o procedimento a ser adotado."

Na verdade, o cidadão comum ainda não se acostumou a ver a Justiça como coisa sua, a seu serviço, já que tradicionalmente a sociedade apresenta a ele um aparelho judiciário inacessível. Daí a importância do setor jurídico.

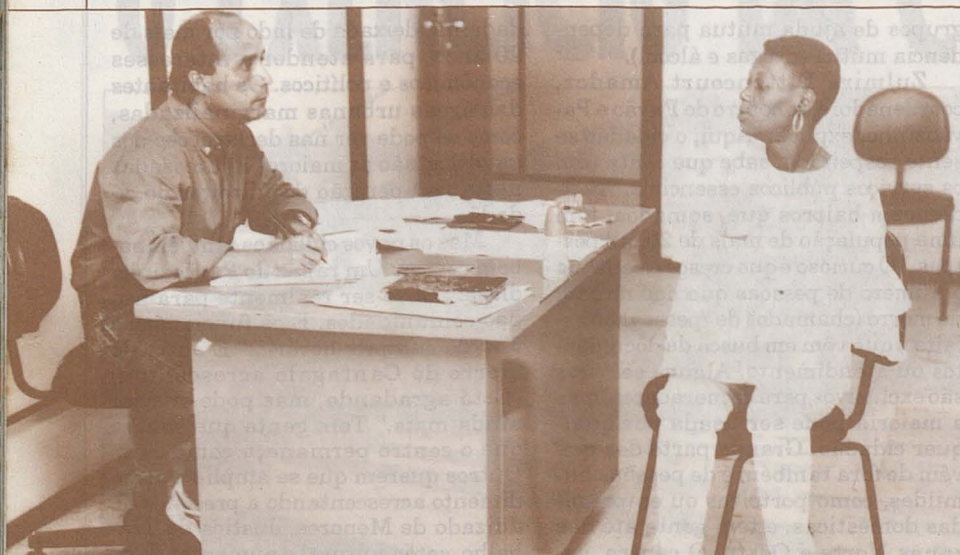
Uma das experiências esboçadas através dos centros é a de uma administração co-participativa das lideranças comunitárias. Para isto, existe

Foto: A. C. Junior



O centro do Pavão e Pavãozinho atende gente do morro e do asfalto

Foto: A. C. Junior



A Fundação Leão XIII dá isenção de taxas para documentos

dona da casa deu queixa no Centro de Defesa da Cidadania, alegando que a culpa era dos PMs que teriam atirado.

A Defensoria Pública acolheu a queixa e contactou o batalhão da PM acusado. Mas o marido da queixosa pediu para cancelar a ação, pois ele achava mais prudente resolver o assunto com *durepox*, consertando a caixa d'água.

Segundo a coordenadora do centro, "é preciso vencer o ceticismo e a descrença dos moradores". Para tanto, é necessário superar também a falta de compromisso do funcionalismo público com as populações de baixa renda.

Mas essas dificuldades só serão vencidas com o tempo e a continuidade do trabalho. Com a prática a população se convence de que os policiais dos centros estão lá para ter uma atuação comunitária, e não repressiva. Foi o caso de um garoto de 15 anos que sumiu de casa. A mãe, desesperada, procurou o centro. O policial percorreu várias instâncias e não o encontrou. Finalmente, descobriu-se que o sumido, que trabalhava numa farmácia, havia pegado um dinheiro do dono para depositar no banco e, em vez disso, comprou uma bicicleta. A mãe procurou o centro para demonstrar seu temor de que o filho virasse ladrão. O policial a aconselhou a não bater no rapaz e o dono da farmácia concordou em não dar queixa.

Nova Aliança – O Centro de Defesa da Cidadania de Nova Aliança, em Bangu, se funde com a figura de seu coordenador, o cabo da PM Josafat Rodrigues, o *Fafá*, de 39 anos. Em

no de Ipanema um conselho comunitário, que está presente e executa sua crítica no dia a dia. Carlos Dionísio é presidente do conselho comunitário e comenta: "Algo assim já devia ter existido há muito tempo. Os governos passados não davam importância à cidadania. Chegou no momento certo e nós temos a obrigação de preservar e conservar este centro."

Morro da Mineira – Na esquina do morro com a cidade, ao lado do campo de futebol, está o centro comunitário do morro da Mineira, uma das favelas mais problemáticas do Rio de Janeiro, dada a presença intensa e constante do tráfico de drogas. A paisagem é característica: ruas irregulares, ladeiras com cheiro de esgoto no ar, cães fuçam grandes latões onde se deposita o lixo, os becos enfeitados com bandeiras verdes e amarelas, pipas rasgando o ar. Tem até mesmo ecos da distante vida rural: uma montanha com árvores e pasto ao fundo e carneiros que passeiam entre as vielas. E, na maior parte do tempo, os gritos de crianças, muitas delas caçando grilos na grama do centro.

O centro comunitário do morro da Mineira teve uma implantação difícil. Foi contestado pelos traficantes, que não queriam uma instituição que tivesse polícia por perto dos seus domínios. O governo do estado insistiu,

pressionou, fez muitas reuniões e o prédio de 515,62 m² de área está lá, desafiando as pressões e, ao mesmo tempo, com uma mensagem serena de que é possível chegar ao exercício da cidadania mesmo nos lugares mais difíceis.

De março a junho foram atendidas cerca de duas mil pessoas, segundo sua diretora Maria Lúcia Araújo Pazian. A maior procura é de gente interessada em tirar carteira de trabalho e de primeiros-socorros. Maria Lúcia considera que a parte de atendimento jurídico vai ser da maior utilidade na área, na medida em que as pessoas tomem conhecimento da existência dela e criem uma rotina de seu uso.

Mas o atendimento começa em casa. Havia um funcionário do centro que trocou seu telefone e não recebeu a contrapartida. Procurou a Defensoria Pública, que fez contato com a outra parte, que não devolveu o telefone, mas pagou o preço correspondente a ele.

No entanto, para exercitar os direitos, é preciso vencer o medo. O que, numa das favelas mais antigas do Rio, com cerca de 50 anos, onde nunca houve antes um posto policial, é algo bem difícil. Um exemplo da prevalência do medo é esta história, que começa com um tiroteio no morro. As balas furaram a caixa d'água de uma casa. A

seus 20 anos de polícia, ele trabalhou inicialmente patrulhando favelas, desde a da Maré até Vila Cruzeiro. "Vi o povo sofrido, castigado, e cisme de ajudar", diz. Começou organizando time de futebol e festas comunitárias. Depois abriu uma barraca (restaurante e bar) e separava uma parte do lucro para fazer doações: material esportivo, dinheiro para o pão, remédios, além de contatar empresários para pedir empregos para as pessoas da favela. Foi eleito presidente da associação de moradores em 1991 e transformou-se numa unanimidade no bairro: todos o procuram para solucionar os problemas mais diferentes. "Essa comunidade me ajudou muito, frequentando meu estabelecimento comercial e me dando condições de ter algum recurso para ajudá-los", afirma.

O resultado são os números de atendimento do centro de Nova Aliança. Em dois meses e meio (de 17 de março ao fim de maio), foram 7.412 casos. É uma comunidade de cerca de 13 mil habitantes e os bairros vizinhos, que somados, dão 40 mil moradores. E nem todos os setores estão ativos, pois faltam o Juizado de Pequenas Causas, Promotoria e INSS.

Na manhã ensolarada de junho, o prédio parece brilhar, cheirando à limpeza. Não pára de chegar gente. O PM enfermeiro, nervoso, tenta encontrar uma condução para internar um doente e acaba conseguindo.

"Lido com todo mundo com sinceridade e todos têm confiança em mim", continua Fafá. "Me sinto feliz de ajudar, recebo remédios de laboratório (mais de 100 caixas distribuídas toda semana), comida de supermercados e dinheiro das pessoas do bairro para construir a creche e a sede da associação de moradores. Não olho para a cara e nem

quero saber quem estou ajudando." Ele às vezes chora, como aconteceu diante do olhar agradecido de um adético para o qual havia conseguido internação.

Este clima de solidariedade estimula atitudes semelhantes. Voluntários fazem a limpeza e trabalham no posto do Instituto Félix Pacheco, cujos funcionários estão em greve. "Nossos braços estão abertos, o que quiserem doar a gente recebe", sorri Fafá, cujo pai o ajuda nos mutirões noturnos para calçar ruas e cuja mulher e filhos estão tão engajados na melhoria da qualidade de vida dos moradores quanto ele próprio.

O centro nunca teve problema com traficantes, e Fafá praticamente obriga as crianças a assistirem palestras sobre drogas. Além disso, ele dá aulas

de ginástica à noite e o PM Ayres ensina xadrez aos interessados. Segundo ele, o segredo é acreditar na formação familiar recebida dos pais e reconhecer as necessidades do ser humano, "que vive uma crise e um vazio muito grande, maior ainda nos locais pobres".

Nova Aliança oferece ainda um serviço específico, da Secretaria Extraordinária de Assuntos Fundiários. O assistente jurídico Rogério Gomes de Araújo explica que a região pertence à antiga fábrica de tecidos Bangu, que foi vendendo seus terrenos para pagar aos credores. A área foi sendo ocupada por pessoas pobres e o estado do Rio de Janeiro fez um decreto de desapropriação. O próximo passo é pagar a indenização à Companhia Bangu de Desenvolvimento. Enquanto isto, os moradores estão ganhando títulos de concessão de uso com direito real.

Na fila de espera, a cozinheira comercial Ivonete Reis, de 45 anos, tem um brilho de esperança nos olhos. Tentou três vezes tirar certidão de nascimento na Campanha da Cidadania e não conseguiu. Agora acha que vai ter o documento, e acrescenta: "É preciso melhorar o mundo."

Fafá explica que, às quintas-feiras, os serviços de identificação só atendem aos idosos. Uma moça se aproxima e vem pedir mais vitaminas.

Ele pergunta: "Você está bem ou mal-amada?". Ela responde: "Mal". "Então é por isso que se queixa de doença", retruca ele.

No mês de julho, começam a ser construídos os centros comunitários de defesa da cidadania de Campos, Acari, São Gonçalo e Jacarezinho. E foram liberados em junho mais de 7 bilhões de cruzeiros reais, destinados à construção de oito centros e a equipar os já existentes. ■

Em Nova Aliança, 'Fafá' e a garotada constroem juntos a cidadania



GENOCÍDIO

Pesquisa realizada pela Pastoral da Criança, ligada à Igreja Católica, aponta que ocorreu uma elevação de 15% na taxa de mortalidade infantil no país. O estudo foi feito junto a 1,3 milhão de famílias carentes de mais de 2 mil municípios brasileiros. O número mostra uma inversão do quadro, já que, desde 1989, o índice de mortalidade de crianças entre essas famílias era decrescente.

Segundo o Ministro da Saúde, Henrique Santillo, um verdadeiro "genocídio" está ocorrendo no Brasil causado pela miséria. O fato pode ser constatado pelo aumento nos índices de mortalidade infantil no interior de estados nordestinos e na periferia de centros urbanos, como Rio e São Paulo.

Santillo atribui parte da responsabilidade pelo aumento da mortalidade à "seca prolongada no Nordeste, combinada com o cólera e a desnutrição". O ministro culpa também a "vergonhosa" concentração de renda no país.

INJUSTIÇA SOCIAL

O Brasil apresenta a segunda maior concentração de renda do mundo, segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), perdendo apenas para Botsuana, na África. Os 20% mais ricos da população do Brasil têm renda 32 vezes superior aos 20% mais pobres. Conforme o Relatório de Desenvolvimento Humano 1994, as disparidades entre as regiões do Brasil também são enormes.

A distância entre os índices sociais e econômicos do Nordeste e os estados do Sul do país são maiores do que a existente entre a região de Chiapas, palco de uma rebelião civil no início do ano, e o restante do México. A região Nordeste do Brasil tem potencial "para o surgimento de conflitos", adverte o relatório.

O país ocupa o 63º lugar entre 173 países no setor de desenvolvimento humano, considerando fatores como expectativa de vida, nível educacional e poder aquisitivo. A colocação melhorou em comparação com o levantamento de 1993, quando o país ocupou o 70º lugar. Mas a concentração de renda aumentou, já que no ano passado os ricos brasileiros ganhavam 26 vezes mais que os pobres.

O Canadá é o país que apresenta o melhor índice de desenvolvimento humano, seguido da Suíça, Japão, Suécia e Noruega. Guiné ocupa o último posto da lista.



CONTRA O DESPERDÍCIO

Pesquisadores do Laboratório de Gnotobiologia da Universidade Federal de Minas Gerais estão realizando experiências de transformação de frutas, verduras e legumes que normalmente vão para o lixo em uma farinha que teria alto valor nutritivo. Para que o uso do alimento possa ser aprovado, basta apenas que o governo financie a última etapa do projeto, que prevê a comprovação do teor de vitaminas, minerais e a toxicidade do produto. O valor necessário é de US\$ 170 mil.

Os alimentos usados nas pesquisas são geralmente descartados pelos consumidores, como bananas com casca muito escura, pimentões murchos e tomates, quiabos e repolhos amassados ou muito maduros. Apesar de não apresentarem um aspecto muito bom, os alimentos mantêm o valor nutritivo.

Num primeiro momento, os alimentos são lavados e esterilizados numa espécie de panela de pressão. Em seguida, colocados numa estufa à temperatura de 60° C para não perder os nutrientes durante o processo de secagem. Os alimentos são então moídos e transformados em farinha. O pó vegetal pode ser um alimento complementar importante, combatendo a fome e o desperdício de comida. Com a farinha, já foram feitos bolos, biscoitos, massa de pizza e até pão-de-queijo.

ACESSO À TECNOLOGIA

O Brasil poderá se livrar das restrições ao acesso de tecnologia de ponta impostas pelos países desenvolvidos após ter assinado em 31 de maio o Tratado de Tlatelolco, que regulamenta o desarmamento nuclear na América Latina e no Caribe. A opinião é do senador Dirceu Carneiro (PSDB-SC), relator do projeto de salvaguardas nucleares.

Pelo tratado, o Brasil se compromete a não produzir, fabricar, armazenar, depositar ou vender armas nucleares e tem assegurado o poder de utilizar a energia nuclear e as tecnologias de ponta para fins pacíficos.

Possuidor da terceira maior reserva de urânio do planeta e com 60% do território ainda não-prospectado, o Brasil realiza experiências sobre o uso de elementos nucleares na medicina e na destruição de bactérias que contaminam alimentos.

Ciência e comunidade

A Universidade Federal do Espírito Santo – onde se realiza este mês a reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – caminha cada vez mais para uma integração com a sociedade capixaba

Antonio de Pádua Gurgel

Mesmo enfrentando dificuldades orçamentárias como a maioria das instituições de ensino público do país, a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) completa 40 anos de atividades dando destaque aos projetos de integração com comunidades, procurando ultrapassar os limites do campus universitário. A ciência também está em alta na instituição, que será sede este mês da 46ª reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

O tema central do encontro é “Ética e Consolidação da Democracia”. Mais de 15 mil pessoas deverão comparecer às 40 conferências e 142 mesas-redondas, onde serão discutidas questões como a inflação brasileira, desafios da saúde pública, cinema nacional, fome no país, favelização e meninos de rua. Durante o evento, serão apresentados 1.600 trabalhos científicos e mil de iniciação científica.

Um dos principais programas paralelos da reunião será a 2ª SBPC Jovem, direcionada a estudantes de 1º e 2º graus, com a realização de palestras, conferências, mostra de vídeos educativos e oficinas. Outro destaque é a Expociência, onde serão apresentados novos produtos que ainda não estão sendo comercializados.



Campus da Ufes

Foto: David Protti

O projeto de integração universidade-comunidade prevê também a defesa dos direitos do cidadão, com atendimento jurídico gratuito

Universidade e comunidade – Os projetos de extensão da Universidade Federal do Espírito Santo visam a integração da unidade acadêmica com a realidade da população capixaba, procurando melhorar a qualidade de vida de pessoas carentes. Na área da saúde, técnicos da universidade realizam exames preventivos de hipertensão arterial e diabetes. Há também tratamento de casos de câncer de pele, cárie e consultas gratuitas ou a preço reduzido com psicólogos. A Ufes desenvolve na área o projeto “Cada doido com sua mania”, que estimula a criação artística em pacientes de psiquiatria. A instituição oferece ainda cursos de educação e saúde comunitária para mães que amamentam e aulas de pré-escolar na comunidade de São Pedro.

O projeto de integração universidade-comunidade procura também informar e garantir o cumprimento dos direitos do cidadão. A Ufes montou um escritório de advocacia, onde

estudantes de Direito, com orientação dos professores, atendem gratuitamente pessoas que normalmente não teriam condições de contratar os serviços de um advogado. A universidade também oferece serviços de produção e de difusão cultural nas áreas de artes plásticas, literatura, folclore, música e cineclube, e aulas de capoeira, futebol, dança de salão e afro.

O projeto da reitoria da Ufes inclui também a construção do Centro de Vivência, que terá sala de cinema, teatro, livrarias e lojas de discos cujos aluguéis serão revertidos integralmente para o financiamento de bolsas de estudo, a serem distribuídas pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE).

Projeto abrangente – A reitoria da Universidade Federal do Espírito Santo vem promovendo também programas de descentralização administrativa e orçamentária, ampliação das instalações da instituição para permitir um maior número de atividades, informatização dos departamentos e de avaliação dos cursos de graduação.

Com o processo de descentralização, fica a critério dos coordenadores de cada unidade a decisão sobre como gerir sua dotação. Os equipamentos de informática à disposição da universidade foram ampliados em quase 400% nos últimos 30 meses. ■

O atraso científico da África negra

Edouard Bailby

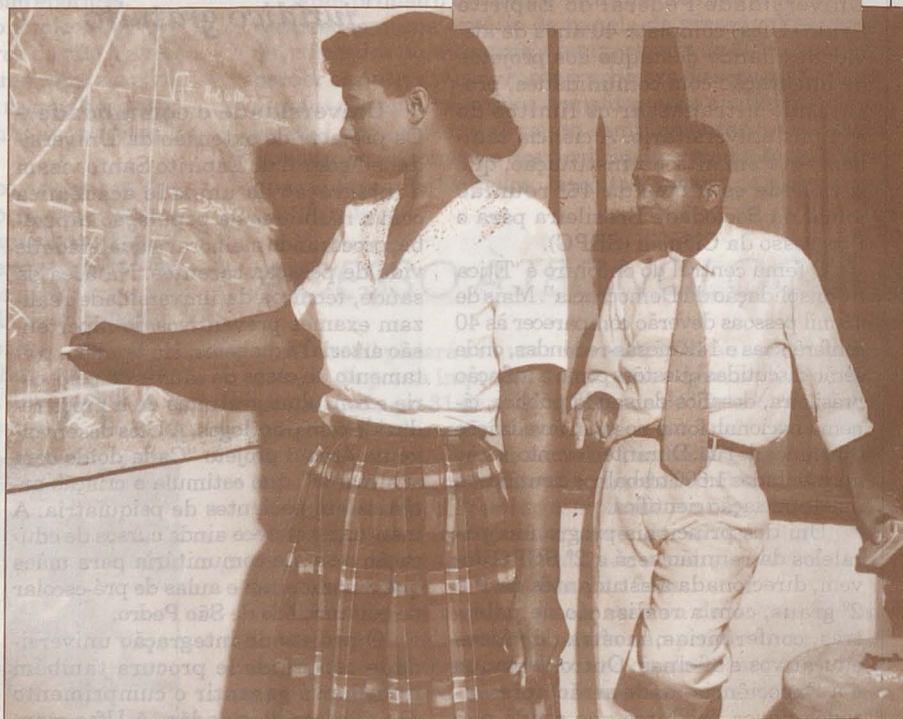
O professor paquistanês Ab-dus Salam, Prêmio Nobel de Física em 1979, considera que "o abismo entre o Norte e o Sul no campo da ciência é tão profundo quanto o abismo que existe no plano econômico ou no que diz respeito à qualidade da vida". De fato, em 1990 havia cerca de 3.600 cientistas e engenheiros por um milhão de habitantes no mundo industrializado. Em Israel e no Japão essa porcentagem chegou a 5.500. Em contrapartida, os países do Terceiro Mundo tinham no mesmo ano 200 cientistas e engenheiros por um milhão de habitantes!

No seu primeiro relatório sobre a ciência no mundo, publicado em fevereiro passado, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) confirmou que os benefícios da ciência na alvorada do século XXI continuam sendo privilégio dos ricos. Mais de 80% das atividades relacionadas com a pesquisa e o desenvolvimento estão nas mãos de algumas nações industrializadas. Enquanto que a Nigéria dedica à pesquisa apenas 22 centavos de dólar por habitante e a maioria dos países latino-americanos em torno de doze dólares por ano, os doze países membros da União Européia gastam juntos mais de 300 dólares em média por habitante.

Poucos recursos para a pesquisa – Esses dados não são suficientes para conhecer o desequilíbrio real entre o Norte e o Sul no campo da ciência. É necessário também levar em conta a proporção do Produto Interno Bruto (PIB) que cada país reserva à

pesquisa orientada para o desenvolvimento.

Neste ponto em particular as últimas estatísticas conhecidas são bastante significativas. Basta dizer que o Japão, os Estados Unidos e a União Européia ocupam, mais uma vez, os primeiros lugares. O mais surpreendente é que os quatro "tigres asiáticos" – Coreia do Sul, Malásia, Singapura e Formosa, além do território britânico de Hong Kong, gastam hoje com pesquisa para o desenvolvimento uma parcela mais importante de sua riqueza (1,6% do PIB) do que algumas nações européias, o Canadá e a Austrália.



África negra: um continente com poucas universidades

Sem especialistas ou recursos para adquirir novos equipamentos, os países africanos enfrentam grande dificuldade para superar a barreira tecnológica que os separa do Norte

O continente africano, por seu lado, só dedica a essas atividades 0,5% do seu PIB, o que demonstra o seu considerável atraso em relação ao resto do mundo.

Convém estabelecer outras comparações para medir a diferença entre os países que fazem da pesquisa um elemento motor do seu desenvolvimento e os que lhe dão uma importância relativa. Enquanto o Japão dispõe de 4,7 cientistas e engenheiros por mil habitantes, superando até Israel (4,4) e os Estados Unidos (3,8), o Terceiro Mundo no seu conjunto tem apenas um cientista por cada 5 mil habitantes. Quanto ao Oriente Médio, à Índia e à África negra, que são as regiões do mundo mais atrasadas nesse campo, elas têm apenas 0,1 cientista ou engenheiro por cada mil habitantes.

A situação dos países africanos é particularmente dramática. Além da falta de cientistas e engenheiros que possam acelerar o desenvolvimento através das suas pesquisas, eles não têm recursos suficientes para adquirir equipamentos modernos e assegurar a sua manutenção. É um problema da maior importância que poderá ter consequências incalculáveis no futuro. Aliás, produzidos nos países industrializados por multinacionais poderosas, esses equipamentos não se adaptam, na maioria das vezes, às necessidades das nações subdesenvolvidas.

Redução das bolsas de estudo -

Por falta de estruturas universitárias, a África negra é a região do Terceiro Mundo que tem o maior número de estudantes no exterior em relação ao número de habitantes, ou seja, 14,4% dos que seguem um curso superior. Calcula-se que cerca de 100 mil africanos da região subsaariana estão matriculados fora do seu próprio país. Atualmente, as três nações industrializadas que têm o maior número de estudantes estrangeiros são os Estados Unidos (400 mil), a França (136 mil) e a Alemanha (90 mil). Mas com a recessão econômica e as novas leis migratórias, a França e a Alemanha, para citar apenas estas duas nações da União Européia, estão começando a reduzir o número de bolsas de estudo destinadas aos africanos.



A União Soviética recebia anualmente milhares de bolsistas africanos. Hoje, tanto a Rússia quanto as nações da União Européia reduziram drasticamente as bolsas de estudos para os jovens africanos



Já a União Soviética, antes do seu desmoronamento, recebia anualmente milhares de bolsistas africanos, a tal ponto que hoje em dia não é difícil encontrar na administração local e nas organizações internacionais funcionários dessa região que falam russo.

Há, por outro lado, um fato novo que vai alargar o fosso entre o Norte e o Sul no campo da ciência. É que os países industrializados preferem agora oferecer bolsas a universitários de outros países industrializados. As multinacionais têm nesta política uma responsabilidade particular,

uma vez que elas necessitam de cientistas e engenheiros para as suas cursais que se estabelecem em número crescente nas nações do antigo campo socialista.

Se os países do Sul não reforçarem a sua política de cooperação mútua para enfrentar o poderio dos mais ricos, a nova ordem mundial significará o distanciamento cada vez maior entre os desenvolvidos e os subdesenvolvidos. No caso da África negra, esta terá ainda mais dificuldades em reduzir o seu atraso tecnológico e científico. ■

RÚSSIA

Diminui a família

A crise econômica e a incerteza sobre o futuro estão mudando o perfil demográfico da mais importante ex-república soviética

Rajiv Tiwari

Os dados oficiais revelam que na Rússia nascem cada vez menos crianças e morre mais gente. Em 1992, a população do país diminuiu pela primeira vez desde o fim da II Guerra Mundial e chegou a pouco mais de 148 milhões de pessoas.

Os nascimentos se reduziram nos últimos três anos a quase um terço e as estatísticas de fevereiro mostram que há 11% menos bebês este ano do que em 1991. As taxas de óbitos, por sua vez, subiram cinco por cento.

Os especialistas afirmam que a razão da queda no número de nascimentos é simplesmente porque os russos não podem se dar ao luxo de colocar crianças no mundo. Cada vez menos casais se casam e decidem ter filhos. "A crise familiar na Rússia é profunda e ameaça a existência da família como instituição social. As razões são muitas, mas a principal é a econômica", afirma a socióloga Svetlana Bestuzheva-Lada em um artigo publicado recentemente.

A espiral de preços, a contínua instabilidade e o fim do Estado paternalista soviético – que, entre outras medidas, estimulava o nascimento de crianças através da entrega de medalhas às "mães heroínas" (as que tinham mais de dez filhos) – reduziram a vontade dos jovens de serem pais.

A Rússia está à beira da hiperinflação – definida como uma inflação superior a 50% ao mês ou mais – e o sistema de saúde pública está entrando em colapso, sufocado pela onda privatizante.

O passado era melhor – Algumas mães afirmam que sentem saudades da época em que o governo comunista dava roupas, alimentos e brinquedos e investia grandes somas no futuro da criança. Esse sentimento foi confirmado por uma pesquisa rea-



Na nova Rússia, se vêem cada vez menos crianças

lizada em Moscou em novembro passado, segundo a qual um quarto dos entrevistados afirmou que vivia melhor na época do ex-dirigente soviético Leonid Brejnev, conhecida na Rússia como "a era da estagnação". Só cinco por cento dos consultados afirmaram que agora está melhor.

Preocupados com a queda da natalidade, os legisladores russos decidiram dar ajuda aos pais que quisessem ter filhos e dobraram a licença maternidade de 18 meses para três anos. Mas a desvalorização do rubro (a moeda russa) e o crescente desemprego afetaram em primeiro lugar as mulheres, deixando-as gradualmente sem trabalho, inclusive aquelas que ocupavam cargos no setor de serviços.

Minrauz Nazmetdinova, diretora da Comissão de Mulheres, Família e Proteção das Mães e das Crianças no Parlamento russo disse em um pronunciamento oficial que as maternidades em todo país estão quase vazias; a maioria das mulheres grávidas prefere abortar a terem os bebês. "A cada ano se fazem quatro milhões de abortos na Rússia, e esta é uma estimativa conservadora", assinalou. "Cinquenta por cento dos casais não têm filhos e a maioria dos restantes 50% só tem um filho."

As cifras mostram que o fenômeno não é exclusivamente russo. Os índices de natalidade estão baixando em praticamente todas as ex-repúblicas soviéticas, à exceção dos cinco Estados do centro da Ásia, onde as economias relativamente atrasadas permitem conservar laços familiares muito fortes.

O drama dos jovens – Mais de 80% das mulheres e homens adultos russos abaixo de 30 anos estão casados, mas dois terços desses jovens ainda não têm nenhuma profissão e não podem sustentar suas famílias. "Se um bebê nasce, se torna mais uma criança que tem que ser criada pelos avós", assinala o semanário *Megápolis Express*, em um artigo que aborda esse assunto.

O problema de moradia está quase tão grave quanto o desemprego e a dificuldade de acesso à educação. É quase impossível para um casal de classe média conseguir um apartamento de quarto e sala e ainda mais difícil comprar um pequeno apartamento de cooperativa. "Só um ingênuo ou um irresponsável pode esperar hoje em dia ajuda material do Estado quando decidir formar uma família, menos ainda ter um bebê", afirma a socióloga Bestuzheva-Lada. ■

URUGUAI

A morte de Onetti

Com o desaparecimento do escritor uruguaio Juan Carlos Onetti, a literatura de língua hispânica perde um dos seus principais expoentes

Daniel Mazzone

Para Juan Carlos Onetti, o escritor uruguaio que morreu aos 84 anos, só o amor recompensa os seres humanos da inevitabilidade da morte. “É a única compensação que Deus nos deu em troca de nos condenar a morrer”, disse certa vez.

Casado quatro vezes, opinava que “cada vez que a pessoa se apaixona, acha que o amor é eterno e depois você percebe que não é bem assim. Por exemplo, para mim, com Dolly – sua última esposa – é, realmente, eterno. Com a minha idade... não poderia ser diferente, não é mesmo?”

A vida de Onetti, morto em Madri, em fins de maio, transcorreu em sua maior parte nas capitais rio-platenses de Montevidéu e Buenos Aires para culminar em Madri, onde se radicou depois de libertado pela ditadura militar uruguaia sob intensa pressão internacional, em 1975.

Preso em 1974, aos 66 anos de idade, como integrante de um jurado literário que premiou um conto considerado ofensivo pelas autoridades policiais, foi internado sob vigilância num sanatório de Montevidéu, devido à sua precária saúde.

Já na Espanha, manifestou reiteradamente que não desejava voltar a seu país porque “havam transcorrido muitos anos e tudo aquilo e eu estamos mais velhos. E depois, o tempo vai passando e as coisas e os amigos se vão... Afinal, a vida é assim e não há nada a fazer...”

A mítica Santa María – Junto a Montevidéu, Buenos Aires e Madri, uma quarta cidade marcou sua vida: Santa María, cenário de todos os seus romances. A cidade imaginária virou cinzas num incêndio em seu romance *Dejemos hablar al viento*, mas ressurgiu milagrosamente no úl-

timo *Cuando ya no importe*.

Onetti, que era fascinado por Buenos Aires – cidade na qual viveu dois períodos (1930-34 e 1941-55) – justificava a invenção da cidade mítica dizendo precisar de um lugar que, ao contrário de Buenos Aires, pudesse controlar.

“Santa María eu domino. Eu a sinto. Posso modificá-la, construir, desconstruir... Além disso, Buenos Aires já foi completamente explorada por Roberto Arlt.”

Em outra oportunidade afirmou que “Santa María não existe fora dos meus livros. Se existisse, certamente eu faria ali o mesmo que faço hoje. Mas, naturalmente, inventaria uma cidade chamada Montevidéu”.

Autor de uma das maiores obras da língua hispânica, que começa com *El pozo* (1939) e chega ao seu ponto máximo com *El astillero* (1951), Onetti dedicou à sua agente, a catalã Carmen Balcells seu último romance “pelo único motivo de agradecer-lhe tudo que me fez”. Certamente, porque a ela o escritor devia boa parte do êxito literário e financeiro que desfrutou nos últimos anos de sua vida.

Automarginalizado dos círculos literários e longe das homenagens que freqüentemente e em múltiplos âmbitos tentavam lhe prestar, Onetti viveu preocupado “em escrever bem. A única coisa que me importa é sentar-me para escrever, ou escrever na própria cama. Se Proust o fazia, porque eu também não vou poder fazê-lo? Só há um caminho – havia dito várias déca-



Montevidéu, berço e fonte de inspiração para Onetti

das atrás –, aquele que houve sempre. Que o criador de verdade tenha a força de viver solitariamente e mergulhar dentro de si mesmo. Que ele compreenda que não temos pedagas a seguir, que cada um deve fazer o seu próprio caminho.”

Onetti, que nem chegou a terminar o segundo grau, havia se referido em diversas ocasiões à morte, a qual imaginava como “a sensação que tenho quando consigo dormir. É uma sensação de felicidade muito grande... me sinto bem, como um barco que se afasta lentamente da terra e entra no mar...”

O último de seus 14 romances, *Cuando ya no importe* (1993), o terceiro escrito na Espanha, termina precisamente com “a palavra morte, sem que seja necessário escrevê-la”.

Diz o romance: “Há nesta cidade um cemitério marinho, mais belo que o poema. E há ou havia ou houve ali, entre verdores e água, uma tumba em cuja lápide se gravou o sobrenome da minha família. Depois, em algum dia repugnante do mês de agosto, chuva, frio e vento, irei ocupá-la, com não sei que vizinhos.”. E conclui: “E além do mais, como já foi escrito, choverá sempre.” ■

COLÔMBIA

Vitória apertada de Samper

A vitória eleitoral do liberal Ernesto Samper Pizano, de 43 anos, ex-ministro de Desenvolvimento do presidente Cesar Gaviria, foi ofuscada pelas acusações da imprensa colombiana de que sua campanha teria sido financiada pelo narcotráfico. Samper rapidamente negou as denúncias e pediu uma investigação à Justiça.

Tudo começou com a divulgação de conversas telefônicas entre o jornalista

Alberto Giraldo – considerado o homem responsável pelas relações públicas do Cartel de Cáli – e membros da equipe de Samper. O assunto: financiamento da campanha. Gravações similares comprometem também o candidato derrotado, Andrés Pastrana, que também negou a veracidade das mesmas. Giraldo admitiu em uma entrevista na televisão que o Cartel de Cáli quis dar dinheiro para a campa-



Gravações telefônicas comprometem Samper e Pastrana com o narcotráfico

nha de ambos os candidatos, mas afirmou que o apoio foi recusado.

A acirrada disputa entre Samper e Pastrana, que na última enquete anterior à eleição estavam empatados em 48% das preferências, fez com que o segundo turno das eleições fosse uma verdadeira batalha campal entre ambas as máquinas partidárias, na qual foram consumidos rios de dinheiro. O governo autorizou cada um dos candidatos a gastar dois milhões de dólares no segundo turno, mas ninguém tem dúvida de que os valores reais foram muito superiores. Tanto os liberais como os conservadores contaram com assessoria de marketing eleitoral de especialistas norte-americanos.

Com 50,3% dos votos válidos, que lhe asseguraram a vitória por pouco mais de 100 mil sufrágios sobre seu adversário, Samper deverá colocar em prática uma política econômica menos ortodoxa que seu antecessor Gaviria, membro do mesmo partido. O recém-eleito presidente defende uma privatização moderada e a presença do Estado em certos setores, como a área social. Aos traficantes havia prometido “julgamentos justos” e à opinião pública “prisões seguras”, em uma alusão à cinematográfica fuga do já falecido Pablo Escobar.

Cúpula Ibero-americana

Os governantes dos 23 países que participaram da Quarta Conferência de Cúpula Ibero-americana defenderam a criação de um grande mercado comum continental. A Declaração de Cartagena, aprovada no encontro, defende a fusão dos tratados de livre comércio para viabilizar esse grande acordo. E solicita a aproximação da União Européia e a organização dos países da Bacia do Pacífico.

Também enfatiza a necessidade de consolidar os regimes democráticos, reduzindo a dívida social provocada pelos ajustes econômicos e fomentando a revitalização da economia. Os di-

rigentes exigiram um maior fluxo comercial entre os signatários da ata final da Rodada Uruguai do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (Gatt).

As árduas e lentas negociações realizadas no contexto do Gatt dispuseram a futura criação de uma Organização Mundial de Comércio (OCM), cuja hierarquia é similar à do Fundo Monetário Internacional (FMI). Dois candidatos, o brasileiro Rubens Ricupero, atual ministro da Fazenda, e o ex-ministro do Comércio Exterior da Itália, Renato Ruggiero, aspiram a ocupar o cargo de diretor geral da OCM, que será eleito em novembro próximo.

Bolívia

A Procuradoria Geral da República do Brasil aceitou a extradição do ditador boliviano Luis García Meza, pedida pelo governo de La Paz. García Meza deve cumprir na Bolívia uma sentença da Corte Suprema de Justiça, que o condenou a 30 anos de prisão, sem direito a indulto, por quase meia centena de delitos econômicos, contra a Constituição, assassinatos, violação aos direitos humanos e outros, todos cometidos durante seu sangrento governo de 13 meses.

NICARÁGUA

O desafio da unidade



Ortega terá a árdua tarefa de unir um partido rachado

Pela primeira em sua história, a Frente Sandinista viveu uma acirrada disputa pela direção da organização. A importância do fato pôde ser medida pela maciça presença de jornalistas estrangeiros, que acompanharam pessoalmente o I Congresso Extraordinário do partido, realizado em maio passado.

Por um lado, estavam os chamados "ortodoxos", da corrente "Esquerda Democrática", liderada pelo ex-presidente Daniel Ortega e que contava com o apoio, entre outros, do único sobrevivente dos fundadores da FSLN, o comandante Tomás Borge. Do outro lado, se encontravam os "moderados", da corrente "Volta às maiorias", liderada pelo ex-vice-presidente Sergio Ramírez, e da tendência denominada "Os sem corrente", que lançou a candidatura do comandante Henry Ruiz para a secretaria-geral da Frente.

Na verdade, mais do que cargos, estava em jogo a busca de uma identidade para a organização que passou anos na luta armada, experimentou durante uma década o desafio de governar (1979-1989) e, desde 1990, se encontra na oposição.

A corrente dos "moderados" propunha uma "renovação e modernização" do partido. Na prática,

isso significava, entre outros pontos, que se ratificasse a rejeição aos métodos violentos de luta, o abandono do termo "vanguarda" do povo, o fim da hierarquia entre os militantes e a substituição do nome da Direção Nacional pelo de Conselho Executivo Nacional.

Já os "ortodoxos" defendiam a ratificação dos princípios que nortearam o partido na década passada, como o antiimperialismo, o conceito de vanguarda, a hierarquia entre os militantes e a adoção de quaisquer métodos de luta.

Depois de quase 76 horas de debates, votações e tensas reuniões os delegados sandinistas deram a vitória à corrente "Esquerda Democrática", ratificando Daniel Ortega no cargo de secretário geral, por 287 votos de um total de 447 delegados.

Também se escolheu a nova Assembléia Sandinista, máximo órgão deliberativo entre os congressos da organização, integrada por 135 membros. Tanto na Assembléia quanto na Direção Nacional a "Esquerda Democrática" conseguiu ocupar mais de 70% dos cargos.

A incontestável vitória da corrente de Daniel Ortega não encerrou, porém, o intenso debate que se abriu dentro do partido. Poucas vezes a palavra "unidade" ecoou com tanta frequência como durante os três dias do congresso. Mas ainda é cedo para avaliar se a cúpula da Frente Sandinista será capaz de manter coeso o partido, condição *sine qua non* para viabilizar sua vitória nas eleições gerais de 1996.

CARIBE

Novo órgão de cooperação

Após a formação de blocos regionais entre países da América Latina resultou numa nova organização: a Associação de Estados do Caribe (AEC), aprovada na Convenção de Barbados de 4 de julho passado, em uma reunião de cúpula que reuniu 25 chefes de Estado nesta ilha. O acordo prevê a criação de um órgão de consulta, intercâmbio e cooperação que terá como objetivo de longo prazo o estabelecimento de um espaço econômico ampliado na chamada Grande Bacia do Caribe e servirá também para unificar posições políticas.

A idéia surgiu dentro da Comunidade do Caribe (Caricom), uma entidade integrada pelos 13 países insulares anglófonos e teve um desenvolvimento inédito por sua velocidade. A iniciativa do ex-primeiro-ministro da Jamaica, Michael Manley, lançada em meados de 1993, foi rapidamente adotada pelo Grupo dos Três (G-3), integrado pelas nações continentais mais poderosas da região: México, Colômbia e Venezuela. O G-3 propôs ampliar os objetivos da AEC no sentido de formar um espaço de livre comércio em toda a bacia caribenha.

A nova zona econômica engloba 202 milhões de habitantes, com um Produto Interno Bruto (PIB) de 508 bilhões de dólares, com um balanço de mais de 80 bilhões em exportações e 101 bilhões de dólares em importações.

Alguns especialistas que acompanharam o rápido processo de formação do minibloco alertaram sobre a possibilidade de que se trate de um tubo de ensaio destinado a projetar a influência do Nafta (área de livre comércio entre Estados Unidos, Canadá e México) na América Central e do Sul.

As ilhas de Guadalupe, Martinica e a Guiana Francesa — enclaves coloniais da França no Caribe — entrarão na AEC na qualidade de membros associados, não plenos. Essa mesma condição terá Porto Rico e a as Ilhas Virgens, anexadas pelos Estados Unidos.

ANGOLA

A guerra recrudesce

O cerco à estratégica cidade de Cuito, no centro do país, mantido pelas forças da Unita (União Nacional pela Independência Total de Angola), há mais de um ano e meio, produziu um saldo de pelo menos 15 mil mortos e a situação pode piorar se não houver uma urgente intervenção da ONU.

Segundo as últimas informações das organizações humanitárias que atuam no país, em especial da Cruz Vermelha, Oxfam e Save the Children, se a ONU não intervir para impedir a matança em Angola, as perdas de vidas humanas podem chegar aos níveis de 1993, ou seja, quase mil por dia. Os combates mais intensos se dão atualmente na periferia de Cuito, defendida pelo governante Movimento para a Libertação de Angola (MPLA).

“Os rebeldes avançaram



As perdas de vidas humanas podem chegar a mil por dia

até a periferia da cidade e agora combatem corpo a corpo com as tropas do MPLA”, afirma um relatório da Oxfam tornado público em Londres em fins de junho. Fontes diplomáticas angolanas na Europa informaram que a Unita enfrenta o governo em outras seis frentes, entre elas o enclave de Cabinda, situado entre Zaire e Congo, rico em petróleo, cuja exportação rende três bilhões de dólares ao ano. “A tomada de Cabinda seria um triunfo estratégico para a Unita, que já controla outras regiões ricas em diamantes, o que lhe permite financiar os gastos com a guerra”, revelou essa fonte diplomática.

Em novembro de 1992, o governo do MPLA convocou eleições reconhecidas internacionalmente como livres e limpas, nas quais saiu vencedor o atual presidente José Eduardo dos Santos. No mês seguinte o líder da Unita, Jonas Savimbi, que ficou em segundo lugar na disputa, anunciou que não reconheceria o resultado e lançou uma ofensiva militar que dura até hoje. Desde então, o conflito já custou a vida de 500 mil pessoas, segundo cálculos de organizações humanitárias.

ETIÓPIA

De novo, a ameaça da fome

A dez anos da terrível fome que assolou este país do Chifre da África, uma grande escassez de alimentos ameaça novamente boa parte da população e as mortes por inanição começaram a se multiplicar. Cerca de sete milhões de etíopes estão ameaçados de morrer de fome e pode haver uma repetição da catástrofe de 1984, se não houver uma enérgica reação internacional para evitá-la.

A denúncia foi feita em Londres por Robert Hayward, diretor do *Christian Aids*, um programa humanitário internacional com sede na Inglaterra. Segundo Hayward, que visitou a Etiópia em fins de junho, um grande número de pessoas das províncias do norte do país emigraram em busca de alimentos e água potável devido à seca. “Milhões de homens, mulheres e crianças já têm a morte por inanição marcada em seus rostos e morrerão se

não fizermos algo para evitar essa tragédia”, afirmou.

Fontes diplomáticas etíopes informaram que, entre os meses de abril e maio passados, morreram cinco mil pessoas de fome e somente nas duas primeiras semanas de junho houve 260 vítimas fatais, das quais 50% eram crianças.

Ao contrário do que ocorreu em meados da década de 80, quando a fome — conseqüente da guerra e dos deslocamentos forçados, que obrigaram a população a abandonar as áreas férteis — ma-

tou milhares de etíopes, a atual ameaça é produto da seca e da falta de políticas agrícolas adequadas.

Especialistas no assunto estimam que este país africano vive uma crise alimentar estrutural, herança de duas décadas em que a guerra e as adversidades do clima se somaram aos desacertos governamentais para controlar o déficit da produção agrícola.



Novamente o mundo se vê chocado pelas degradantes imagens das crianças etíopes morrendo de inanição

CORÉIA

O fantasma da bomba

Um dos principais temores das potências ocidentais – a falta de controle sobre a disseminação de bombas atômicas no pós- Guerra Fria – foi colocado em evidência com a atual crise em torno do programa nuclear da Coreia do Norte.

Desde que o governo de Piongueianguê decidiu desligar-se da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) – órgão da ONU que fiscaliza o Tratado de Não-Proliferação Nuclear – o fantasma da eclosão de um conflito com este tipo de armamento voltou a rondar o mundo.

A decisão da Coreia do Norte de não permitir a fiscalização do seu programa nuclear por técnicos da AIEA foi considerada uma ameaça pelos Estados Unidos, já que há algum tempo circulam insistentes rumores sobre o desenvolvimento, ainda em caráter experimental, de armas atômicas na usina norte-coreana de Ionguibiom.

Em retaliação, o governo de Bill

Clinton chegou a cogitar pedir ao Conselho de Segurança da ONU a adoção de sanções econômicas

contra o regime norte-coreano, intenção apoiada pela França e Japão. Porém, Washington esbarrou na oposição da Rússia, que defendia antes de tudo a convocação de uma conferência internacional, e, principalmente, na da China, aliada histórica da Coreia



Kim Jong Il, filho de Kim Il Sung, é o chefe do programa nuclear

do Norte, com quem compartilha um parte da fronteira. “As sanções só exarcebariam o confronto”, disse em Beijing Shen Guofang, porta-voz do Ministério do Exterior chinês.

Apesar do tom agressivo adotado pela Coreia do Norte – ameaçando arrasar a Coreia do Sul, se houvesse uma segunda guerra na península, e punir o Japão, se apoiasse as sanções econômicas –, o governo de Kim Il-Sung, aparentemente, decidiu flexibilizar sua posição.

Isso ficou claro após a visita do ex-presidente Jimmy Carter à Coreia do Norte, onde obteve a promessa de que o governo permitirá a inspeção de suas instalações nucleares. Ao regressar aos Estados Unidos, Carter afirmou que Piongueianguê aceita congelar, mas não suspender o seu programa nuclear. “Não vejo como exigir que não tenham programa nuclear”, declarou.

A crise parece agora encaminhar-se para uma solução diplomática, mas serviu para reacender o debate sobre uma questão crucial: o que fazer para controlar a disseminação e, pior ainda, o contrabando de material atômico com fins bélicos.

RUANDA

Denúncia compromete franceses

Denúncia feita pelo principal jornal belga de que dois militares franceses teriam sido os responsáveis pelo assassinato dos presidentes de Ruanda e Burundi, em abril passado, desvelou a ponta de um iceberg cuja extensão ainda é difícil de avaliar.

Segundo a reportagem, publicada em meados do mês passado por *Le Soir*, os dois franceses estariam a serviço de ultranacionalistas hutus contrários à divisão do poder com a minoria tútsi. O presidente Juvenal Habyarimana, assassinado junto com seu colega do Burundi, Cyprien Ntaryamira, também pertencia ao grupo étnico majoritário hutu, mas aceitava a divisão do governo com os tútsis como única saída para salvar o país.

O atentado se deu precisamente quando Habyarimana voltava da Tanzânia, acompanhado de Ntaryamira, onde havia ido negociar a formação de um governo de transição com a minoria tútsi.

O jornal belga afirma que apenas quatro dirigentes hutus da Coalizão Ruandesa para a Defesa da República, que teriam contratado os dois militares, estavam a par

do complô. “Esses dois franceses haviam deixado Ruanda em dezembro e voltaram em fevereiro. Embora circulassem normalmente a paisana, foram reconhecidos quando deixaram o local de onde

derrubaram o avião presidencial, vestidos com uniformes belgas”, garantiu o periódico.

Esse último detalhe explicaria porque após o crime os hutus passaram a perseguir cidadãos belgas, o que resultou na morte de dez pára-quedistas desse país, destacados para proteger a primeira-ministra Agathe Uilingimana, também assassinada.

O jornal belga descreveu com detalhes como teria sido realizado o crime. “Os tiros foram disparados de um lugar próximo à base militar de Kanombe, conhecida como Massaka, onde estava a guarda presidencial. Nos três dias seguintes à derrubada do avião, todas as possíveis testemunhas, inclusive soldados hutus, foram mortas. Só aí mais de oito mil pessoas perderam a vida.”

A versão do jornal desmente as informações divulgadas em Ruanda, que acusavam os rebeldes da Frente Patriótica de Ruanda – integrada por membros da minoria tútsi – e soldados belgas da Força de Paz das Nações Unidas, pela morte de Habyarimana e Ntaryamira.

NÃO-ALINHADOS

Hora de definições

Uma maior ênfase nas questões econômicas, a reivindicação de reestruturar as Nações Unidas e um pedido de redução ou cancelamento da dívida externa dos países em desenvolvimento estão entre as principais conclusões da reunião de chanceleres do Movimento dos Não-Alinhados, realizada no Cairo em fins de maio.

Em seu primeiro grande encontro nos últimos dois anos, o Movimento dos Não-Alinhados procurou definir políticas que lhe dêem maior peso nos assuntos internacionais. "A organização está atualmente numa encruzilhada. Esta reunião é uma boa oportunidade para redefinir o seu papel no mundo de hoje", ponderou Vladimir Petrovsky, vice-secretário geral da ONU, antes da abertura do evento.

Ao longo de quatro dias, a análise das questões econômicas dominou as discussões, que contaram com a participação de chanceleres de 85 países. O documento final assinalou que as novas regras surgidas com a conclusão da Rodada Uruguaí do Gatt (Acordo Geral de Tarifas e Comércio) deveriam se traduzir em um "aumento do acesso

ao mercado, na expansão do comércio mundial e no incremento do emprego em todo o mundo, em particular nos países em desenvolvimento". A conferência lembrou também que um estudo da ONU sobre a cooperação Sul-Sul concluiu que o Norte deveria cancelar ou reduzir a dívida oficial das nações em desenvolvimento e tomar "uma atitude urgente" em relação à dívida comercial.

Outro tema amplamente debatido foi a reestruturação das Nações Unidas. "O poder de veto que garante um papel dominante para os membros permanentes do Conselho de Segurança vai contra os propósitos democráticos da ONU e deve ser revisado", afirma o documento final.

O momento mais marcante da conferência talvez tenha sido a aceitação da África do Sul como membro pleno. "Esta é uma ocasião muito emocionante para nosso povo e expressamos nosso sincero apreço pelo interesse dos não-alinhados durante os obscuros tempos do *apartheid*", manifestou o chanceler sul-africano Alfred Nzo. Igualmente importante foi a designação da Colômbia para presidir os Não-Alinhados a partir de setembro de 1995. A última vez que América Latina ocupou a presidência do Movimento foi entre 1980 e 1983, quando Cuba foi escolhida para o cargo depois da Conferência realizada em Havana em 1979.

CURDOS

Alemanha no banco dos réus

A cada dia que passa, a questão curda vai ganhando contornos de problema político na Alemanha, país onde vivem 450 mil pessoas desse grupo étnico. Nos últimos meses, milhares de manifestantes têm protestado nas ruas de Bonn contra "a participação do governo alemão" na guerra que a Turquia trava contra o povo curdo.

As denúncias sobre as atrocidades cometidas pelo regime de Ancara contra a minoria curda não são novidade nos foros internacionais. Agora, no entanto, organizações não-governamentais puseram também a Alemanha no banco dos réus. "Nem se discute mais que os deslocamentos em massa dos curdos, após a queima de suas aldeias, as torturas e a guerra em si

são perpetradas com armas alemãs. A questão é o *montante* da ajuda militar, no passado e hoje, fornecida à Turquia desde 1964", afirmou Karin Leukefeld, representante do Comitê de Solidariedade com o Curdistão, sediado na Alemanha.

Segundo um recente relatório da Anistia Interna-

cional, entre 1990 e 1991 a Alemanha forneceu àquele país 100 mil lança-granadas antitanques, 300 tanques BTR-60, mais de 250 mil metralhadoras Kalashnikov e 450 milhões de unidades de munições, entre outras peças.

A utilização de armamento alemão contra os cur-

dos foi denunciada também pela representante do movimento católico internacional Pax Christi, Ingrid Roessel-Marxsen, que comprovou o fato *in loco*. "Estive na Turquia e vi caminhões e armamento alemão sendo usados pelas tropas turcas na guerra. Também tive oportunidade de conversar com representantes de organizações humanitárias em Ancara. Eles nos contaram que as violações aos direitos humanos aumentaram tanto, que agora os relatórios passaram a ser mensais, em vez de anuais."

Nos dez anos que dura a guerra do governo de Ancara contra os curdos, foram assassinadas mais de 12 mil pessoas, 800 aldeias foram destruídas e mais de 1,7 milhão de pessoas tiveram que abandonar seus lares, segundo a União para a Proteção da Cultura Curda, com sede em Bonn.



Curdos organizam protesto em Hamburgo

CAPA

Com mais de mil cargos em disputa e 35 mil candidatos, a primeira eleição *casada* em 40 anos pode ser um divisor de águas para o país. Um paralelo entre o Brasil de 1950 e o de hoje

2 CARTAS

POLÍTICA

- 4 Uma eleição diferente
- 10 Com licença, eu vou à urna

EDUCAÇÃO

- 14 A formação de novos cidadãos
- 16 Alicerce da democracia

CULTURA

- 17 Manoel de Barros: a desconstrução da palavra
- 20 A escola da experiência

MATÉRIA DE CAPA

- 24 Neofascismo: A volta dos *camisas negras*
- 25 O ovo da serpente eletrônica
- 29 Tempo de barbárie

AMÉRICA LATINA

- 32 República Dominicana: Eleição de cartas marcadas
- 35 Cuba: Um primeiro passo

ORIENTE MÉDIO

- 38 Iêmen: Unificação em pedaços

GRANDES REPORTAGENS

- 40 Saara Ocidental: A guerra do deserto
- 41 Por dentro da guerrilha
- 44 Nasce um país nas dunas

☐ SUPLEMENTO

COMUNIDADE

- 2 O exercício da cidadania

6 PINGUE-PONGUE

COOPERAÇÃO

- 7 Ciência e comunidade

CIÊNCIA E TECNOLOGIA

- 8 O atraso científico da África

POPULAÇÃO

- 10 Rússia: Diminui a família

CULTURA

- 11 Uruguai: A morte de Onetti

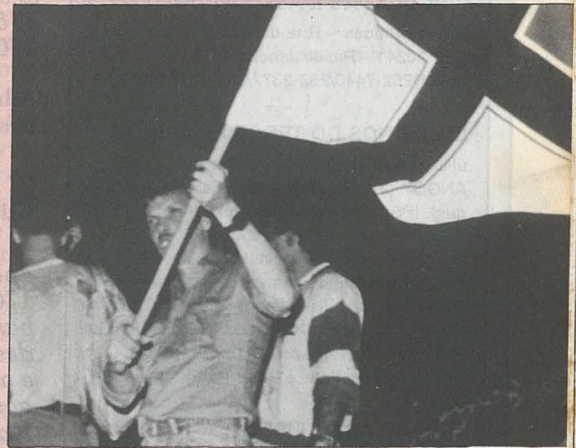
SUMÁRIO

Os centros comunitários de defesa da cidadania oferecem serviços jurídicos, de identificação e de emergência em áreas pobres e já fazem parte da paisagem urbana carioca



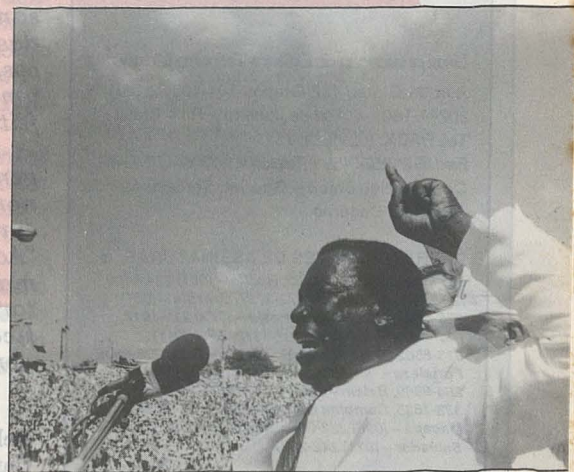
S-2

A quase meio século da morte de Benito Mussolini, os neofascistas voltam ao poder na Itália, graças à sua aliança com o czar das comunicações Silvio Berlusconi, e ganham espaço em vários parlamentos da Europa



24

A fraude praticada pelo governo de Joaquín Balaguer provoca a indignação do povo e deixa a República Dominicana numa situação dramática



32

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO

Publicação com informação e análise das realidades e aspirações dos países emergentes

DIRETOR: Neiva Moreira
DIRETOR ADJUNTO: Pablo Piacentini
EDITORA: Beatriz Bissio

SUBEDITORES: Claudia Guimarães, Elias Fajardo. CONSULTORES ESPECIAIS: Darcy Ribeiro (Brasil), Henry Pease García (Peru), Eduardo Galeano (Uruguai) e Juan Somavia (Chile)
REDAÇÃO: Marcelo Monteiro (Brasil), Roberto Bardini (México), Carlos Pinto Santos (Portugal), Cristina Canoura (Uruguai)
REVISÃO: Cláudia M. Soares e Valdenir Peixoto
DEPTO. DE ARTE: Nazareno N. de Souza (editor e capa) e Roberto S. Lourenço
FOTOS: A. C. Júnior
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO: Jessie Jane V. de Sousa (diretora), Juliana Iooty, Sílvia Arruda, Mônica Pérez, Marcus Sanchez, Luciane Reis e Rosângela Vicente Ferreira
EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Macário Costa (chefia), Andréa Corrêa e Paulo Henrique
ADMINISTRAÇÃO: Henrique Menezes
PUBLICIDADE: Ari J. Silva
CIRCULAÇÃO E ASSINATURAS:
Mauro Mendes - Rua da Glória, 122 1º andar
CEP 20241 - Rio de Janeiro - Brasil
☎(021)252-7440/232-3372/232-1759/222-1370

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO

utiliza os serviços das seguintes agências:
ANGOP (Angola), AIM (Moçambique), INA (Irã), IPS (Inter Press Service), SALPRESS (El Salvador), SHIHATA (Tanzânia), WAFA (Palestina), e o pool de agências dos Países Não-Alinhados. Intercâmbio com as revistas: *Africa News* (EUA), *Altercom* (Ilet-México-Chile), *Third World Network* (Malásia), *Israel and Palestine Political Report* (Paris) e *Against the Current* (EUA)
Fotos: Agence France Press (AFP)

SUCURSAL DE LISBOA:

Diretor: Artur Baptista
Tricontinental Editora Ltda. Calçada do Combro 10/1º andar. Lisboa, 1.200 - Tel.: 32-0650.
Telex: 42720 CTM-TE-P

Uma publicação da Editora Terceiro Mundo:

Rua da Glória, 122 Grupos 101/102 - 105/106
20241-180 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Tel. PABX: (021)221-7511
Fax: 55 21 252-9455 - Telex (021) 33054 CTMB-BR
Correio Eletrônico - Geonet: Terceiro-Mundo
Alternet: Caderno

REPRESENTANTES DE ASSINATURAS ☎

Maringá - (0442) 224182, Recife - (081) 224-9609
/224-0936, BH - (031) 271-3757, Brasília - (061)
226-6644 e 225-0683, Aracaju - (079) 211-1912,
Rio - (021) 252-7440 /232-3372, SP - (011)
573-8562/571-9871, Porto Alegre - (051) 228-8836,
Fortaleza - (085) 252-4858, Curitiba - (041)
264-9969, Belém - (091) 235-2146, Uberaba - (034)
333-1635, Campina Grande - (083) 322-7536,
Macapá - (096) 222-0855, Maceló - (082) 326-4922,
Salvador - (071) 242-2077

CARTAS

Cooperação

Cadernos do terceiro mundo não é apenas uma publicação informativa, mas formativa, que serve como excelente fonte de dados para os mais variados propósitos. Considerando que passei a ter condições de consultar os números antigos da revista, por intermédio de biblioteca de fácil acesso - isso aliado à necessidade de desocupar espaço -, resolvi doar os números de minha coleção, para possíveis interessados com maior dificuldade de acesso a publicações passadas.

Entidades interessadas em receber, como doação, os números 40 a 141 desta revista (faltam alguns), deverão escrever para Caixa Postal 3751, Brasília - DF, CEP: 70084-970.

Adalberto Oliveira
Brasília - DF

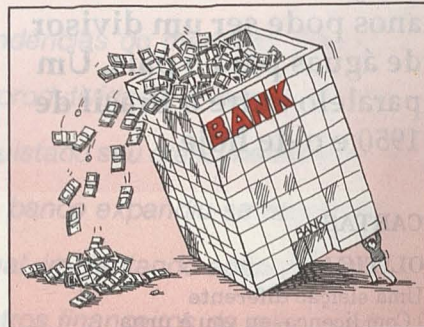
Cuba x Globo

Sou estudante de História e me apaixonei pela revista ao ler o nº 170, com reportagens como "Os tubarões e a medicina", que trata da descoberta de um método que reduz e até pode curar o câncer. Sobre ela gostaria de fazer um comentário. Na matéria, afirma-se que "autópsias realizadas em pacientes que se trataram com o extrato de cartilagem de tubarão revelaram que houve diminuição do número de vasos sanguíneos nas áreas contaminadas e aumento nos tecidos periféricos, restringindo a área infectada", uma conclusão tirada de pesquisas feitas em Cuba.

Logo depois que li esta reportagem, vi na Rede Globo: "Médicos norte-americanos descobriram a cura do câncer", e fiquei pensando: "Acho que a descoberta é de Cuba, mas na Globo há 'tentativas' de evitar a admissão da produção científica cubana, apesar dos boicotes norte-americanos."

Sem mais comentários.

Selma Barreto Nobrega
Campina Grande - PB



Você sabia que...

A dívida externa brasileira gira em torno de US\$ 136 bilhões atualmente. E o Brasil se compromete, no total, a enviar cerca de US\$ 15 bilhões ao ano para pagamento de juros e amortização.

Desses US\$ 136 bilhões, cerca de US\$ 100 bilhões referem-se à "dívida velha", adquirida antes do governo Collor/Itamar, sendo que 50% são de responsabilidade do Tesouro Nacional, 25%, das empresas estatais exportadoras, e os restantes 25% são das empresas estatais que não exportam mercadorias. Os outros US\$ 36 bilhões referem-se à "dívida nova", cuja dinâmica acentuou-se nos últimos dois anos com a entrada maciça de recursos do exterior. Estima-se que no máximo 50% desses recursos estão sendo aplicados em investimentos produtivos. Os demais são recursos especulativos.

Nos últimos dez anos, o Brasil enviou US\$ 135 bilhões para o exterior, enquanto que, no mesmo período, investiu US\$ 85 bilhões em saúde, educação e saneamento básico.

Portanto, apesar de o país estar com um saldo na balança comercial de US\$ 32 bilhões, metade desse dinheiro pode sair daqui a qualquer momento, o que nos coloca em uma situação muito delicada. Ou seja, certamente o próximo governo terá maiores condições de adiar os problemas do fluxo de recursos para o exterior (pagando cerca de US\$ 15 bilhões ao ano), mas os mecanismos perversos do endividamento externo continuam.

Rolf Hackberth
Programa Educativo Dívida Externa
São Paulo - SP

Outros mundos

Primeiramente, parablenizo toda a equipe desta revista pela organização e riqueza de informações.

Gostaria de saber qual é o critério utilizado ao focar determinados países. Logicamente, há predominância de matérias sobre países do Terceiro Mundo, mas também encontramos artigos sobre o Japão e os EUA.

Oswaldo Eurico Rodrigues

São Gonçalo - RJ

Realmente, Oswaldo, nossa linha editorial privilegia os assuntos ligados ao Terceiro Mundo; porém, quando ocorrem fatos significativos em países do Primeiro Mundo, que afetam diretamente todos os outros, fazemos artigos a respeito, como foi o caso das eleições presidenciais nos Estados Unidos. Também costumamos abordar aspectos da realidade social dos países industrializados pouco divulgados na grande imprensa, como uma reportagem sobre trabalhadores no Japão.

Opressão capitalista

Gostaria de saber se já foi publicada alguma matéria sobre a OPM, organização que luta pela criação de Irian Jaya, vizinha a Papua, Nova Guiné, que foi ocupada ilegalmente pelo Exército da Indonésia. Este cometeu verdadeiras atrocidades contra um povo indefeso e desesperado, despreparado para enfrentar militarmente o inimigo invasor que não perdoa e é implacável na repressão aos verdadeiros donos daquela terra. A guerra é muito desigual; tentam defender seu solo da sagacidade das grandes empresas norte-americanas e indonésias, que estão retirando suas riquezas e destruindo seu meio ambiente.

Peço a valiosa atenção dos senhores para este caso. O povo de Irian Jaya precisa de ajuda; todos os organismos internacionais de defesa dos povos oprimidos, das minorias étnicas e a própria ONU precisam ser acionados.

Não é possível ignorar o sofrimento e a injustiça contra mais este povo pobre e indefeso, vítima da ganância dos Estados Unidos, da Indonésia etc.

Antonio Roberto de Meira

Curitiba - PR

Sua sugestão é muito interessante e estamos colhendo informações que nos permitam fazer um artigo a respeito do assunto. No número 65, de abril de 1984, publicamos extensa reportagem sobre o tema.

Tocantins

Gostaria de, além de parabenizá-los pelos temas e conteúdos das reportagens, solicitar que abram espaço para a temática referente aos novos estados da Federação, particularmente o Tocantins. Digo isso porque aqui cheguei e venho desenvolvendo uma pesquisa acerca do "Plano Estratégico de Desenvolvimento do Estado do Tocantins", elaborado pelo atual governo, e tenho tido a oportunidade de constatar algumas repetições de velhos e desgastados (será?) chavões, como "Novo Eldorado", "última fronteira agrícola" etc.

Apesar das reservas que alguns mais cuidadosos aparentam, não há como negar (ou esconder) que o ufanismo e as tendências megalomaniacas de outros beiram a irresponsabilidade civil. O que representa, dentro de uma situação sócio-econômica caótica, uma maior concentração da miséria que corre "par a par" com a da riqueza, não só na capital, Palmas, como nas demais cidades.

Há um manancial de assuntos de grande relevância e que podem apresentar o Brasil desconhecido - e maquiado de rostos brasileiros - de nós mesmos.

Talvez possa lhes ser útil pois, além de pesquisador da Universidade do Tocantins (Unitins), conto com um acervo razoável e outros trabalhos sobre temas pertinentes ao estado.

Francisco de Assis Pereira

Miracema - TO

INTERCÂMBIO

• Gisele Gibson

R. Setúbal, 860-B/ 703
Boa-Viagem
51030-010 Recife - PE

• Roberto Delgado Valero

Apartado Postal 6248
Zona Postal 6
10600 La Habana - Cuba
"Tenho 40 anos e quero vincular-me a pessoas que porventura visitem meu país"

• Roberto Pupo Díaz

Calle 5 # 87
Pueblo Nuevo
Holguín - Cuba
"Tenho 24 anos e desejo ter amizades em qualquer parte do mundo"

• Raquel Andino Pérez

San Octavio # 77 esq. San Javier
87510 Manzanillo Granma - Cuba
"Tenho 31 anos e quero saber dos costumes dos brasileiros"

• Marlenis Ramos Mayo

Camilo Cienfuegos 56
Apartado Postal No. 15
67500 Central Ciro Redondo - Cuba
"Tenho 25 anos e gosto de música, cinema, praia e duradouras amizades"

• Yadiris Aladro Caballero

Calle 62 # 3305 e/ 41 y 33A
Playa
11400 C. Habana - Cuba
"Tenho 24 anos e desejo conhecer os hábitos e costumes deste cálido país".

• Edson Nogueira Nonato

Conj. Sr. do Bonfim, R.C - nº 101
Plataforma
40715-100 Salvador - BA

• António Eduardo Zumbua

Cx. Postal 18442
Luanda - República de Angola

• Solange Bispo

R. Buíque, 17 - Pina
51110-080 Recife - CE

• Rosa Jorge F. de Sousa

Rua Tipografia Mama Tita nº 27
Andar 2º, aptº A - Engonhotas
Luanda - República de Angola

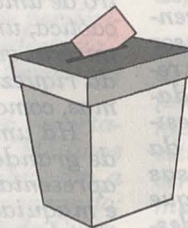
UMA ELEIÇÃO

Foto: Iatã Cannabrava



Beatriz Bissio e Juliana Iooty

Com mais de mil cargos em disputa e 35 mil candidatos, a primeira eleição casada em 40 anos pode ser um divisor de águas para o país



Ainda sem refazer-se da frustração causada pela primeira eleição presidencial direta em mais de duas décadas – quando elegeram como chefe de Estado um político que foi afastado do governo por *impeachment*, sob acusação de corrupção –, os eleitores brasileiros irão novamente às urnas

em outubro. No entanto, a deste ano não tem muitas semelhanças com a eleição *solteira* de 1989. Ela se assemelha mais ao pleito de 1950, a última eleição *casada* deste século.

No próximo 3 de outubro, os cem milhões de eleitores do Brasil atual não estarão votando apenas para presidente (com o vice embutido), mas também para eleger governadores (e os respectivos vices) de

DIFERENTE



26 estados e do Distrito Federal, 54 senadores (dois por estado, equivalentes a dois terços do total), 513 deputados federais e 1.059 estaduais. Ao todo, são 1.654 cargos em disputa através do sistema de dois turnos, com 35 mil candidatos.

Mas, apesar da sua importância histórica, segundo as mais recentes pesquisas, só 19% dos brasileiros estão empolgados com as eleições e há uma razoável proporção tendente a votar em branco ou anular o seu voto. Um dos desafios dos partidos políticos agora é mudar essa tendência.

Há 40 anos, Copa e Getúlio – Coincidentemente, a eleição de 1950 também foi em 3 de outubro e era ano de Copa do Mundo. O Brasil de então tinha 52,5 milhões de habitantes e 11,4 milhões de eleitores. Os vencedores foram Getúlio Vargas, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), para presidente, e Café Filho, do Partido Social Progressista (PSP) de Ademar de Barros, para vice. Na época, o vice-pre-

sidente era eleito independentemente e podia pertencer a uma coligação diferente da do presidente.

Os estados eram somente 20 (havia cinco territórios) e o Distrito Federal era o antigo estado da Guanabara, que elegia vereadores (hoje Brasília elege deputados distritais). Entre os governadores eleitos em 1950 estavam Juscelino Kubitschek, do Partido Social Democrático (PSD-MG), e Arnon Affonso de Mello (PSD-AL), pai de Fernando Collor. Os 22 senadores podiam ser eleitos por mais de um estado e o pleito era num só turno.

A consulta popular, há 44 anos atrás, era bastante diferente da atual. No terreno político, existiam proscricções (o Partido Comunista estava na ilegalidade) e a campanha eleitoral era feita na base de comícios e propaganda escrita; o rádio era um fator secundário e não havia televisão. Mas alguns dados lembravam os de hoje: o país tinha grupos sociais marginalizados, mesmo que, proporcionalmente, menos numerosos que atualmente, aos quais se destinava a Campanha da Panela Vazia (com aspectos semelhantes à atual Campanha contra a Miséria e a Fome e pela Vida, do sociólogo Betinho). E havia uma acirrada disputa – como aconteceu no Congresso Revisor no primeiro semestre deste ano – entre os setores nacionalistas, que criaram a campanha “O Petróleo é Nosso”, embrião da Petrobrás, e os que eram favoráveis ao capital estrangeiro.

No Brasil atual, as eleições casadas de outubro vão estar muito influenciadas pela chamada “propaganda gratuita” no rádio e na televisão. O artigo 73 da Lei Eleitoral determina que no período de 2 de agosto a 1º de outubro haverá duas horas diárias de propaganda nesses dois importantes meios de comunicação, divididas em dois blocos de uma hora. Na TV, das 7 horas da manhã às 7h30min e das 20 às 20h30min nas segundas, quartas e sextas-feiras, será o horário destinado à eleição presidencial. A seguinte meia hora é dos candidatos a governadores (20 minutos) e senadores (10 minutos). Outras duas horas diárias, terças, quintas e sábados, são reservadas aos candidatos a deputados federais e estaduais.

Como os estudiosos calculam em 110 milhões os telespectadores brasileiros (73% dos domicílios têm aparelho de TV), e levando-se em conta que podem desligar os aparelhos até a metade deles – cifra es-

O peso de cada região

O já citado professor Torquato é o autor do ensaio *Eleições 94: cenários, perfis e forças que, entre outros dados, analisa o peso eleitoral das diferentes regiões do país. Na sua avaliação, o Sudeste, com 45,5% dos votos totais, decidirá o pleito. Porém, o fato de quase todos os candidatos à presidência serem dessa região (de São Paulo e do Rio) ameniza a sua influência, porque se prevê uma grande divisão do eleitorado. Segue em importância o Nordeste (26,5%), Sul (16%) e, finalmente, o Centro-Oeste (6%) e o Norte (6%).*

timada alta demais por muitos especialistas – pelo menos 50 milhões de pessoas serão influenciadas diariamente pela programação eleitoral gratuita. Daí o fato de considerar-se o 2 de agosto como o começo da fase decisiva da campanha eleitoral.

Nesta eleição, só terá vez quem for bom de palanque, em particular, de palanque eletrônico. Essa é a opinião de muitos, entre eles do professor Gaudêncio Torquato, que leciona Marketing Político na Universidade de São Paulo (USP). Ao contrário das últimas eleições, e justamente por causa do que nelas se viu, desta vez os programas na televisão, pelas determinações do artigo 76 da Lei Eleitoral, não mais poderão ser superproduções de estilo *hollywoodiano* e sim singelos programas produzidos em estúdio. Não faltou quem protestasse, alegando que a programação eleitoral ficará mais monótona que nunca; porém o Congresso, ao modificar os critérios, não fez senão acatar o que a maioria do eleitorado reivindicava, isto é, que o programa gratuito não fosse desvirtuado e permitisse aos cidadãos conhecer, de fato, quem é quem na corrida eleitoral, sobretudo na que é considerada fundamental: a da presidência da República.

Partidos debilitados – Os candidatos têm uma importância ainda maior se se levar em conta o fato de o Congresso Revisor ter rejeitado, pela segunda vez, a proposta de fidelidade partidária. Os setores conservadores do Legislativo se opuseram à emenda constitucional que proibia os eleitos de mudarem de partido, sob pena de perderem o cargo. A falta de uma lei de fidelidade partidária e o conseqüente troca-troca de legenda – um mal que afeta a política brasileira – tem levado o eleitor a votar em candida-

tos, não em partidos. Essa tendência se agudiza pelo sistema de votação usado no Brasil, no qual o eleitor tem que escrever na célula o nome do seu candidato, em vez de votar no partido, como acontece na maioria dos países. Desta forma, os alicerces da democracia, que são os partidos políticos, ficam muito debilitados. Pesquisa do mês de julho registra nada menos que 67% dos consultados desprezando os partidos e dispostos a comporem o seu voto de forma independente de legendas. O dado mais alarmante, porém, não é esse e sim o elevadíssimo percentual dos que não pretendem exercer os seus direitos de cidadãos. Dos entrevistados, somente 47% irão votar para presidente; 29% para governador; apenas 8% para deputado federal e uma ínfima minoria de 3% para senador.

Por essa e outras razões, há políticos, particularmente nos setores progressistas, que falam na necessidade de uma reforma partidária em 1995. Ela seria necessária para superar a grande bagunça política e ideológica que poderá surgir da eleição de outubro, a qual, entre outros perigos, deixaria o futuro presidente sem maioria parlamentar, dificultando, e muito, a sua gestão. ■

É crescente a participação das mulheres nas eleições



Foto: Leonardo Aversa

Os candidatos e os seus vices

Eis os principais partidos e candidatos que disputam as eleições de outubro próximo, pela ordem em que apareciam nas pesquisas em junho: **PT** – Partido dos Trabalhadores – com Luís Inácio Lula da Silva; **PSDB/PFL** – Partido da Social Democracia Brasileira/Partido da Frente Liberal – com Fernando Henrique Cardoso; **PDT** – Partido Democrático Trabalhista – com Leonel Brizola; **PMDB** – Partido do Movimento Democrático Brasileiro – com Orestes Quércia; **PPR** – Partido Progressista Reformador – com Espiridião Amin, e

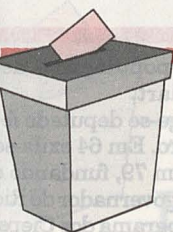
ainda os partidos pequenos, como o **PL** – Partido Liberal –, o **PRN** – Partido da Reconstrução Nacional –, o **PSC** – Partido Social Cristão – e o **Prona** – Partido de Reedificação da Ordem Nacional.

O **PL** lançou a candidatura do deputado e empresário Flávio Rocha à presidência, cujo principal ponto do programa é o Imposto Único.

Os pequenos partidos lançaram candidaturas de última hora, após a decisão favorável do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Ao contrário da eleição de 89, quando Fernando Collor de Mello candidatou-se pelo minúsculo PRN e foi eleito, em ou-

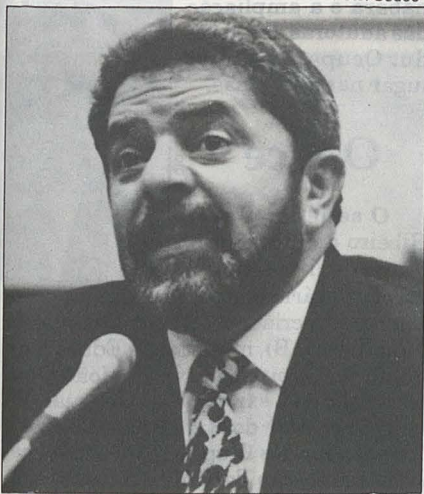
tubro próximo, partidos pequenos como o Prona e o PRN não têm chances de ganhar a eleição.

O Partido de Reedificação da Ordem Nacional lança pela segunda vez a candidatura do cirurgião Enéas Ferreira Carneiro. O inexpressivo Partido Social Cristão tem por candidato o almirante Hernani Fortuna. O PT do B – Partido Trabalhista do Brasil – registrou Caetano Matanó como candidato perante o TSE. São candidatos ainda: Walter Queiroz (PRN), Aldeonora Porto (PDDMDB) e Levy Fidélis (PTRB).



PT: Luís Inácio Lula da Silva

Foto: Cedoc



Alguns anos e muitas mudanças na estratégia política separam o líder metalúrgico do candidato à presidência Luís Inácio Lula da Silva. Derrotado no segundo turno das eleições presidenciais em 1989, Lula vem tentando substituir a imagem de líder operário pela de estadista. Em recente viagem aos Estados Unidos, encontrou-se com investidores e discursou sobre seu programa de governo, tocando em pontos como o cumprimento dos acordos da dívida externa firmados pelo Brasil.

Se eleito, Lula garante que o Brasil voltará a crescer 6% ao ano com investimento de 25% do Produto Interno Bruto (PIB). Promete também gerar oito milhões de empregos, alongar a dívida interna e reduzir a externa e realizar uma reforma tributária. Parcelará dívidas de empresários sonegadores com a Receita Federal e o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS).

O candidato do PT surgiu no cenário político durante as greves da década de 70. Tornou-se presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, em 1975. Participa da primeira grande greve operária da região do ABC paulista em 1978. Preso, com mais dez sindicalistas, é acusado de in-

fringir a Lei de Segurança Nacional; passa um mês na cadeia. Em 1980, ajuda a criar o Partido dos Trabalhadores e, em 1981, a Central Única dos Trabalhadores (CUT).

Em 1982, Lula candidata-se a governador de São Paulo, mas é derrotado. Em 1986, é eleito deputado federal para a Assembleia Nacional Constituinte, sendo este seu único mandato eletivo. Lula está em primeiro lugar nas pesquisas de opinião pública.

O vice

O Partido dos Trabalhadores decidiu repetir a dobradinha Lula-Bisol nas eleições deste ano. O senador gaúcho do Partido Socialista Brasileiro (PSB) José Paulo Bisol participou da Assembleia Constituinte como relator da Subcomissão de Soberania e Direitos e Garantia do Homem e da Mulher. É juiz, professor de direito e jornalista.

Foto: Gustavo Miranda

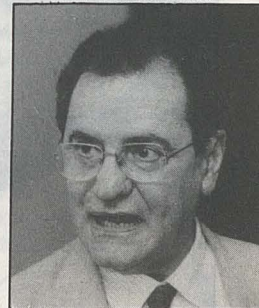
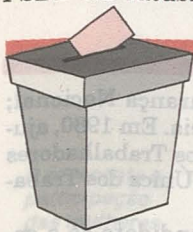


Foto: Cedoc



PSDB/PFL/PTB: Fernando Henrique Cardoso

Um dos primeiros a anunciar-se oficialmente candidato à sucessão de Itamar, Fernando Henrique Cardoso teve sua candidatura lançada pelo PSDB em outubro do ano passado. É



PDT: Leonel Brizola

O ex-governador do Rio de Janeiro, Leonel de Moura Brizola, permanece coerente com as idéias nacionalistas que marcaram sua trajetória. Nos pri-

Foto: Almir Lobo



acusado pelos adversários de ter abandonado o Ministério da Fazenda sem completar a sua obra e de usar realizações no governo em favor da sua candidatura, sobretudo o plano de reforma econômica que cria a nova moeda, o real.

Sob o *slogan* de cunho positivista "Ordem no Governo e Progresso no Brasil", o lançamento de sua chapa agradou a alguns setores do empresariado, preocupados com uma eventual vitória de Lula.

Fernando Henrique tem recebido manifestações de apoio do presidente Itamar Franco. Embora o vínculo de sua candidatura ao sucesso do real seja considerado um perigo, esta é a sua principal bandeira de campanha.

Sociólogo, formado em Ciências Sociais, autor de vários livros, Fernando Henrique iniciou sua carreira política em 1978 como suplente de senador pelo antigo Movimento Democrático Brasileiro (MDB), tendo assumido em

meios dias como candidato anunciou a sua determinação de, caso eleito, lutar para reduzir o número de deputados federais à metade e de senadores em um terço, para dar operacionalidade ao Congresso. Da mesma forma, comprometeu-se a lutar por mudanças no Poder Judiciário, no sentido de tornar eleitos os juizes de primeira instância e promotores, como acontece nos EUA.

Para a proposta de pleno emprego, uma de suas preocupações maiores, o candidato promete incentivos e apoio às micro, pequenas e médias empresas. Brizola defende a criação de "milhões de novos proprietários" no campo, aproveitando terras públicas e devolutas, seguidas dos latifúndios improdutivos. Na educação, propõe, através do modelo dos Centros Integrados de Educação Pública (Cieps), a implantação de uma revolução pedagógica que coloque o aluno no centro do processo educativo.

Brizola ingressou na política em 45, quando ajudou a fundar o PTB. Eleito deputado estadual no Rio Grande do Sul em 1947, em 1954 elege-se deputado federal pelo mesmo estado. Um ano depois, elege-se prefeito de Porto Alegre. Como governador do RS construiu 6.302 escolas entre 1959 e 1962. Em 61, lidera o movimento conhecido como Cadeia da Legali-

dade, conclamando a população a defender a posse de Goulart.

1983 no lugar de Franco Montoro. Em 1986, é reeleito pelo PMDB, partido que deixa em 1988 para fundar o PSDB.

Tem um passado de intelectual de esquerda (esteve exilado no Chile, onde ajudou a fundar o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento - Cebrap, após o golpe de 1964, e recebeu aposentadoria compulsória pelo Ato Institucional nº 5 - AI-5 em 1969). Está em segundo lugar nas pesquisas.

O vice

A presença do senador alagoano Guilherme Palmeira na chapa de Fernando Henrique Cardoso é fruto da coligação entre o PSDB e o PFL. Palmeira foi candidato ao Senado na chapa de Geraldo Bulhões.

Um ano depois, elege-se deputado federal pelo Rio de Janeiro. Em 64 exila-se e volta com a anistia, em 79, fundando o PDT, pelo qual se elege governador do Rio em 1982. Implanta o programa dos Cieps.

Reeleito governador do Rio em 90, seu segundo governo é marcado por obras como a Linha Vermelha, a despoluição da Baía de Guanabara e a ampliação das adutoras do Guan- du. Ocupa o terceiro lugar nas pesquisas.

Reeleito governador do Rio em 90, seu segundo governo é marcado por obras como a Linha Vermelha, a despoluição da Baía de Guanabara e a ampliação das adutoras do Guan- du. Ocupa o terceiro lugar nas pesquisas.

O vice

O senador Darcy Ribeiro é antropólogo, autor de livros traduzidos em várias línguas e tratados etnológicos, foi criador da Universidade de Brasília (UnB), ministro da Educação e chefe do Gabinete Civil de João Goulart. Cassado, exilou-se no Uruguai. Vice-governador do Rio (1982-1986), é o idealizador dos Cieps e responsável pela implantação da Universidade Estadual do Norte Fluminense (Uenf), em Campos.

Foto: Jovenal Gonçalves



Foto: Cedoc



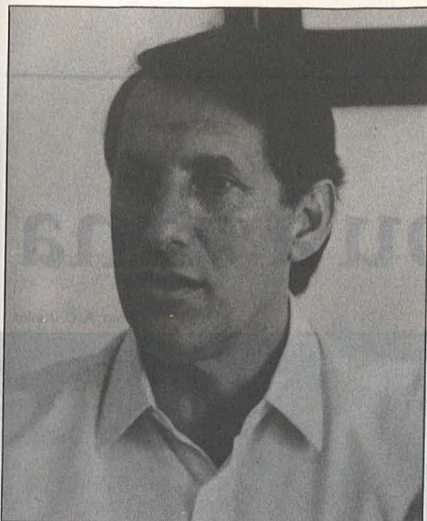


Foto: Claudio Rossi

PMDB: Orestes Quercia

O candidato do PMDB superou temporariamente as acusações de corrupção, que o abalaram durante as prévias do partido, mas, segundo os seus adversários, poderá ainda enfrentar um juízo

jurídico tendente a impedir sua candidatura.

O ex-governador de São Paulo defende a retomada e a regionalização do desenvolvimento baseado em uma parceria do Estado com empresários e trabalhadores. A sua palavra-chave é "competitividade". O principal alvo dos ataques de sua campanha será o Plano Real.

Nascido no interior de São Paulo, o político e empresário Orestes Quercia, 55 anos, ingressou na vida política brasileira como vereador em Campinas em 1963. Três anos depois, foi eleito deputado à Assembléia Legislativa do estado de São Paulo.

Em 1968, ganhou o pleito para a Prefeitura de Campinas. Em 1974 elege-se senador pelo estado de São Paulo.

Em 1982, com a vitória da candidatura de Franco Montoro ao governo de São Paulo, Quercia passa a ocupar o

cargo de vice-governador, sendo eleito governador nas eleições seguintes, em 1986. Atualmente está em quarto lugar nas pesquisas.



A vice

A escolha de Íris Rezende, 50 anos, mulher do homônimo governador de Goiás, como candidata a vice-presidente da chapa de Quercia surpreendeu até seus correligionários, que esperavam por um vice mais experiente e conhecido do eleitorado.

Dona de casa e sem experiência política prévia, Íris aceitou o convite depois da aprovação do marido.



PPR: Espiridião Amin

Foto: Marcos Issa



Com a desistência de Paulo Maluf, o senador Espiridião Amin foi o escolhido do PPR, proclamando-se o "candidato da terceira via". Já no início da campanha, ele afirmou que o candidato do PT, Luis Inácio Lula da Silva, será seu principal alvo de ataque, mostrando que não teme assumir o fato de sua candidatura representar os segmentos mais conservadores. Se eleito, ele promete governar sem editar medidas provisórias e "eliminando as incertezas jurídicas decorrentes de seu uso abusivo", garantindo que as propostas de seu governo serão encaminhadas através de projetos de lei. Seu programa de governo — que ainda está sendo elaborado por uma comissão da qual fazem parte os deputados Delfim Netto (PPR-SP) e Roberto Campos (PPR-RJ) — prevê a criação de 10 milhões de novos empregos em cinco anos, investimentos públicos anuais de U\$S 17 bilhões, além da elevação do salário-mínimo para U\$S 150 até o fim de seu governo.

A construção de quatro milhões de casas populares, o aumento das exportações brasileiras para U\$S 70 bilhões anuais e o desenvolvimento de um programa de combate à sonegação para do-

brar os investimentos públicos de U\$S 8 bilhões para U\$S 17 bilhões fazem parte da sua plataforma.

A vice

A ex-prefeita de São Luiz, Gardênia Gonçalves, 54 anos, é candidata a vice-presidente pelo PPR. Apesar de ter passado pela prefeitura, Gardênia define-se como uma "dona de casa com experiência administrativa", e diz ser "apenas uma flor na lapela" de seu marido, o ex-senador João Castelo.

Sua administração foi sempre muito contestada pelos seus adversários. Além da experiência em São Luiz, Gardênia militou na campanha de Fernando Collor em 1989 e participou da administração da Legião Brasileira de Assistência (LBA) como superintendente a convite da então primeira-dama, Rosane Collor.

Foto: Ricardo Stuckert



Com licença, eu vou à urna

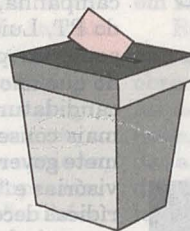
Foto: A. C. Junior



O eleitorado jovem de hoje em todo o país é caracterizado pela alegria e irreverência

Patrícia Costa

Os jovens de 16 e 17 anos estão acordando para o fato de que são parcela significativa da sociedade e podem se mobilizar para tentar mudar o quadro político do Brasil



Eles são muitos, mais do que se imaginava. Segundo uma pesquisa do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), realizada no mês passado, dos 100 milhões de brasileiros que estarão aptos para votar para presidente, cerca de 3,2 milhões são jovens de 16 e 17 anos. Uma cifra superior à de 1989, quando mais de

2,7 milhões de jovens foram cadastrados.

Mesmo que muitos adultos ainda não acreditem ou percebam, a garotada está despertando para a aventura da cidadania. As filas enormes que se formaram nos últimos dias de junho para o cadastramento do título de eleitor são uma prova. O que predominava era a presença de jovens, grupos barulhentos e alegres que não se importavam de esperar horas pelo título.

O voto aos 16 anos não é novidade. Nas eleições para presidente em 1989, ele já era válido, embora facultativo, como aliás ainda é. Mas não surgiu na Constituição por acaso. Manuela Pinho, hoje com 22 anos, é mais conhecida pelo movimento que encabeçou em 1989, o "Se Liga, 16 - Bota pra Votar". "Aqui foi uma continuidade do trabalho que a gente tinha feito durante a Constituinte, em 1988. O movi-

Alunos da cidadania

Dizem que o ex-presidente Fernando Collor serviu pelo menos para uma coisa boa: ensinou a juventude a força da mobilização popular, quando os estudantes foram às ruas pelo seu *impeachment*, em 1992. De lá para cá, a UNE foi se fortalecendo cada vez mais, reivindicando a meia-entrada para shows e cinemas, brigando por mais verba para o ensino público e querendo melhorar a qualidade do ensino em todos os níveis. Agora, está às voltas, mais uma vez, com os preços exorbitantes das mensalidades.

No começo de junho, Fernando Gusmão e Joel Benin, presidentes da União Nacional dos Estudantes e da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes), foram pedir ao presidente Itamar Franco que rejeitasse a medida provisória que congelaria as mensalidades escolares pelo pico. Depois de muitas conversas, o presidente assinou a

Medida Provisória 524, que obrigava as escolas a calcularem a mensalidade de junho pela média dos meses de dezembro, janeiro, fevereiro e março (tal qual os salários) e que devolvessem o que havia sido cobrado a mais. Isso significava uma redução de até 80% das mensalidades. Bom para pais e alunos, péssimo para os donos das escolas.

Enquanto a medida não é votada no Congresso, a Federação Interestadual das Escolas Particulares (Fiep) mandou que nenhuma escola levasse a sério a MP 524, pois alega que ela fere a Constituição. Do outro lado, o ministro da Educação, Murílio Hingel, aconselhou aos pais que não pagassem as mensalidades até a decisão do Congresso, e ameaçou as escolas de enquadramento na lei antitruste.

Diante do impasse, os líderes estudantis sorriem, pois viram uma vitória significativa de sua

mobilização, quando o presidente Itamar mudou a MP. Foi o próprio presidente quem afirmou que é do movimento estudantil que saem os grandes líderes. Ele mesmo foi presidente do diretório acadêmico de sua faculdade por duas vezes.

A lição de cidadania começa nas ruas, com os jovens brigando para estudar melhor e a um preço justo. Daí para passeatas por aumento do salário mínimo, melhoria no setor da saúde, e outros tantos problemas sociais que o Brasil enfrenta é um pulo. O estudante está aprendendo direitinho.



Manuela Pinho: "Se Liga, 16"

mento estudantil em todo o país estava concentrado em Brasília fazendo o *lobby* para o voto aos 16 anos e pelo serviço militar opcional. Só passou o primeiro", conta ela.

Aprovada a medida, Manuela e os seus companheiros descobriram que a grande maioria dos jovens brasileiros não sabia que tinha o direito de votar. Por isso, o movimento: "Foi uma campanha nacional, e a imprensa teve participação importante. Com conversas e palestras, a gente conseguiu que 60% dos jovens dessa faixa tirassem o título."

Maior consciência – Cinco anos depois, esse contingente aumentou porque os jovens estão com muita vontade de mudar o quadro político nacional.

Guilherme Brandão tem 17 anos e é presidente do grêmio estudantil do Colégio Andrews, um dos mais atuantes no Rio de Janeiro. Ele acredita que, mesmo querendo votar, grande parte dessa juventude ainda não tem uma consciência muito aprofundada: "Eles não têm muita informação. Por isso, o grêmio está promovendo para o segundo semestre palestras onde serão abordados temas sobre as eleições. Eles não sabem da importância do seu voto, de

sua postura como cidadãos."

Para o estudante, esse crescente interesse da juventude

reflete um cansaço em relação à classe política que está aí. "A gente está cheio de ver os problemas do país sem solução. Vamos votar para tentar mudar."

É essa vontade que fez Manuela – formada pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ) em Jornalismo e cursando Direito na Faculdade Cândido Mendes – se candidatar a deputada estadual pelo Partido Verde (PV): "Esse é um ótimo momento para renovar. Mas reclamar e não fazer nada não adianta. Quem quer mudar deve se apresentar e propor ações concretas." Ela sempre gostou de política. Desde os sete anos está metida com movimentos como o "Se Liga 16" e outros de cunho ecológico.

Para ela, e para muitos outros jovens, o *impeachment* de Collor serviu para botar para fora uma vontade latente de se mexer. "A ditadura fez a gente desaprender a se mobilizar. A campanha contra a fome também serviu para mostrar que o cidadão comum pode fazer, é só querer", acredita ela.

Com licença, eu vou à urna

A mobilização da juventude serviu também para derrubar a impressão errada de que o jovem é alienado. A geração *shopping center* também pode querer votar: "Não pode haver rótulos. O jovem militante não é aquele chato que berra pelos seus direitos e tem um pôster do Che na parede. Ele também vai ao *shopping*, pega onda e gosta de cinema. Ninguém se lembra de que 55% dos jovens dessa idade trabalham", defende Manuela.

Revoltados sem voto – É claro que nem todos pensam deste modo. Carlos Alberto Teixeira tem 17 anos e não tirou o título. Ele alega que gostaria de votar para presidente, mas não para deputados e vereadores. "Elegger um cara que vai lá e depois só rouba não vale a pena. Prefiro não votar." Também para André Aquino, 17 anos, votar é perda de tempo. "Não tirei o título porque não acredito nessa droga de política. Só vou votar quando for obrigatório." Essa descrença é compreensível, pois a maior parte da classe política atualmente só tem dado motivos de desgosto. Mas deixar de votar não é a melhor forma de demonstrar o descontentamento. Assim pensa Bruna Braga Silva, 16 anos. Mesmo não gostando muito de política, ela quer fazer a sua parte: "Eu sempre ouvi que é bom votar. A gente pode ajudar a escolher alguém que represente bem o Brasil."

Conversando com o pai, que "é muito atuante e vive falando nisso", Bruna diz que passou a entender melhor as coisas e ficou com vontade de votar. "Esse lance de consciência não pode ser generalizado. Vai de cada um. Eu voto pelo que eu acho que é certo."

Sinal dos tempos – O que se tem percebido é que o jovem está cada vez mais precoce. Com 16 anos ele já pode votar e, se emancipado, já pode ter talão de cheques, conta em banco e até casar.

O advogado Marcos Heusi, especialista em direito

eleitoral, alega que a lei que afirma que o jovem de 16 anos não é responsável penalmente é um equívoco: "Se ele é responsável para eleger um presidente, ele tem de ser responsável para responder criminalmente a um delito." Para ele, os direitos e deveres do cidadão deveriam começar aos 16 anos, pois "o mundo de hoje é uma aldeia global. A modernidade ajuda o jovem a amadurecer mais cedo."

O Dr. Heusi crê que o jovem está muito bem preparado para votar, pois tem percepção das deficiências da sociedade. "Ele estuda e vê que o seu projeto de vida não tem sustentação social; sabe que não há mercado de trabalho para ele e quer mudar, romper com esta estrutura falida de um modo democrático", acredita ele.

O jovem tem pressa, e acompanha os novos tempos; ele é dinâmico, alegre, sem preocupações com o futuro, se liga no aqui e agora, corre atrás do prazer



Bertha Lutz foi a segunda mulher a ingressar no serviço público brasileiro

Direito adquirido

A conquista do voto dos jovens de 16 e 17 anos, obtida na Constituinte de 88, remete à luta de grupos civis feministas no Brasil, sobretudo durante a década de 20 e início dos anos 30, para tornar a mulher um membro efetivo da sociedade, com direitos civis totais, como a possibilidade de votar e ser votada. As eleições de 1994 marcam os 60 anos do primeiro pleito que contou com a participação de eleitoras, em outubro de

1934, depois da criação do voto feminino pela Constituição promulgada no mesmo ano.

Uma das principais defensoras dos direitos das mulheres na época foi a bióloga Bertha Lutz. Ela foi a segunda mulher a ingressar no serviço público brasileiro, sendo aprovada em 1919 para o cargo de secretária-geral do Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Filha do cientista Adolpho Lutz, Bertha fundou a Liga para a Emancipação



No ano da Constituinte, estudantes lutaram pela aprovação do voto aos 16 anos

acima de qualquer coisa. Mas nem só de festas e badalação vive ele. Muitos se mobilizam em diretórios acadêmicos nas escolas, se unem aos pais para lutar contra o aumento abusivo das mensalidades das escolas, entram em campanhas para minimizar os problemas da sociedade, treinam para se tornar cidadãos conscientes.

No fim do mês de maio, o Tribunal Superior Eleitoral decidiu que os jovens que completassem 16 anos até o dia 3 de outubro poderiam tirar o título de eleitor. Antes, só quem completasse 16 anos até 100 dias antes das eleições é que poderia votar.

Tal decisão foi tomada depois que o presidente do TSE, Sepúlveda Pertence, recebeu uma carta da estudante capixaba Renata Rabelo Gomes, de 15 anos, que queria votar, pois fazia aniversário três dias antes do primeiro turno das eleições. Segundo a Constituição, ela estaria apta para tal. Tudo isso não é

vontade de aparecer, mas de ser. São jovens que estão ligados com o momento político brasileiro e querem fazer algo.

Continuidade – A deficiência de lideranças que se tem hoje é reflexo, segundo o advogado Marcos Heusi, dos anos negros da ditadura. “Cabe à juventude retomar o que nós deixamos incompleto. A minha geração, que foi às ruas em 68, quer que a juventude participe e se mobilize cada vez mais, pois é assim que a mudança vem”, diz este ex-dirigente da União Nacional dos Estudantes.

Antônio de Pádua é assim. Com 16 anos completos em 13 de junho, ele correu para sua zona eleitoral assim que soube que poderia votar e ficou horas na fila, “mas fiz questão de tirar o meu título”. Ele quer votar porque quer ver a situação do Brasil melhorar. “Eu conversei muito com meus pais e amigos sobre política. Viajei para os Estados Unidos e vi a diferença social que existe entre nós e eles. Isso me incomodou, mexeu comigo. Por que o Brasil não pode ser igual?”, questiona. E afirma que, votando com consciência, “a gente consegue mudar”.

Como cantou Belchior, “o novo sempre vem”, e faz parte do jovem acreditar nisso plenamente.

conto de salário. Permaneceu na Câmara até novembro de 37, quando foram dissolvidos os órgãos legislativos do país. Faleceu em setembro de 76.

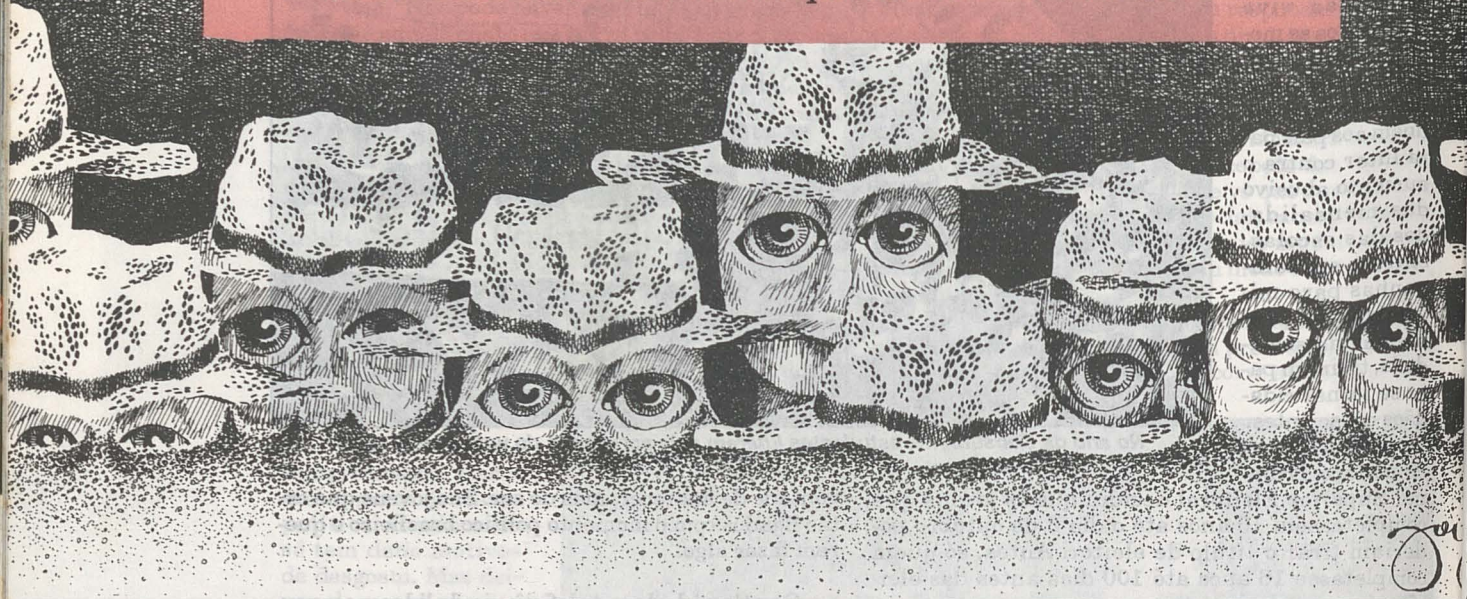
Mesmo formando 52% da população brasileira, as mulheres ocupam hoje apenas cerca de 5% das cadeiras do Congresso Nacional. Segundo a socióloga Moema Toscano, a distorção é reflexo da resistência das próprias mulheres em votar em candidatas e de certos partidos em indicarem um número grande de mulheres aos cargos eletivos. “Muitas mulheres não votam em mulheres porque acham que elas não têm experiência e tradição para atuarem no Parlamento”, conclui. (Marcelo Monteiro)

Intelectual da Mulher, em 1919, e a União Universitária Feminina em 1929. Em 22, como delegada do Museu Nacional no Congresso de Educação, obteve a admissão de meninas no externato do Colégio Pedro II.

Após a conquista do voto feminino, concorreu em 1934 à Câmara Federal, ficando com a primeira suplência. Com a morte do deputado Cândido Pessoa, Bertha Lutz assumiu a vaga, lutando pela alteração da legislação referente ao trabalho feminino e do menor. Dentre suas propostas, estavam a redução da jornada de trabalho das então 13 horas diárias para oito horas, igualdade salarial e a licença-maternidade de três meses sem des-

A formação de novos cidadãos

Cabe à escola lutar por um saber transformador, formando indivíduos conscientes de sua força política e acreditando mais na solidariedade do que no individualismo



Sandra Almada

Há cerca de cinco anos, Xuxa Meneguel estreava um novo programa. A programação, que levava a garotada ao delírio, não conseguia passar incólume pelo olhar crítico de pais e educadores. Segundo estes, havia estímulo ostensivo e exagerado à competição entre as crianças.

A apresentadora rebateu dizendo: “Acho uma bobagem não ensinar a competir, pois no mundo em que vivemos só os melhores vencem.”

Esta discussão tem como pano de fundo uma preocupação histórica das sociedades humanas: decidir quais os fins da educação das novas gerações.

“O filósofo grego Aristóteles dizia que era difícil saber se devemos ensinar à juventude aquilo que há de lhe ser útil na vida, ou aquilo que a conduzirá à virtude. Esse dilema aparece hoje, quando se pensa se devemos educar para a competitividade, valor básico do sistema capitalista, ou então estimular nos jovens outra forma de proceder”, indaga a professora Nilda Teves, autora de *Cidadania – uma questão para a educação*, tese de doutorado em Educação Brasileira, lançada pela editora Nova Fronteira no

ano passado. Em entrevista a **cader- nos do terceiro mundo**, ela debate a educação para a cidadania. Segundo a professora, nosso passado histórico e o legado que nos deixou a colonização portuguesa “abriram caminho para uma aprendizagem perversa de nosso povo, acostumado à imagem do governo-pai. A figura do ‘salvador da pátria’, que aparece nos resultados das eleições, tem raízes aí”, argumenta.

Neste quadro, a educação participa ajudando a formar um povo de cidadãos, com consciência crítica, cientes do papel que lhes cabe no jogo político da sociedade de classes, e, sobretudo, engajado na construção de uma ordem social mais justa.

Preocupação histórica – Na sociedade ocidental, sempre coube ao grupo hegemônico elaborar o projeto do ser humano que se quer formar. A cada época, atrelado à mudança de mentalidade, das normas, interesses e princípios morais, surgia um projeto de educação. A elite da antiguidade greco-romana decidiu-se pelo “homem político”; na Idade Média, o Renascimento foi a vez do “cortesão”; no século XVIII, a do “homem culto”.

Criado na realidade europeia do século XIX, ainda sob os reflexos do Século das Luzes, o cidadão moderno nasceu embalado pelas idéias liberais. Ele surgiu com a ascensão da classe burguesa e estaria fadado à liberdade individual. Na economia, o mercado auto-regulável – um dos princípios do liberalismo econômico – lhe asseguraria a liberdade das trocas livres, sem a intervenção de nenhuma instância reguladora. “Na esfera privada”, acrescenta Nilda Teves, “a família procura preservar-lhe a privacidade. No âmbito político, cabia ao governo, na figura do Estado, garantir-lhe o direito à liberdade e a defesa da propriedade”.

Hoje, a quantas anda a cidadania liberal? Com que grau de conflitos vêm se estabelecendo as relações entre Estado e cidadãos? Com dois terços da população do planeta vivendo na pobreza, para onde caminham as nações?

Drama mundial – Segundo Nilda Teves, o mundo vive hoje em contrastes extremos. A superabundância e a escassez, a riqueza milionária e a penúria total afetam de maneiras diferentes todos os povos. “As multinacionais estão levando ao impasse os Estados nacio-

nais da América Latina e do Caribe. Na maioria destes países o Estado está desgastado pela perversidade do subdesenvolvimento, que é a falta de soberania, deslocada do país de origem para aquele que o mantém sob domínio."

Podado pelas exigências de agências de financiamento, tais como o Fundo Monetário Internacional (FMI), sem independência para implementar políticas que vão ao encontro das necessidades prementes da população, os governos dos países pobres assistem ao naufrágio de seus projetos de desenvolvimento. Os custos sociais e políticos são altos. O aumento da criminalidade, a desagregação familiar, a alta taxa de consumo de drogas são mazelas comuns a todos eles.

De acordo com Nilda, os países periféricos vêm eventuais soluções escar-lhes entre os dedos. O setor industrial, que poderia ser parceiro na empreitada de equacionar os problemas nacionais, nem sempre está disposto a colaborar com novos empregos, com o barateamento dos custos de produção e diminuição da lucratividade. Sozinhos diante dos antagonismos, os governos não têm como enfrentá-los.

"Por que a classe empresarial procede assim?", indaga a educadora. "Não é difícil entender quando se conhecem a composição dessa classe social e seus compromissos com o capital internacional. Algumas empresas já são transnacionais e, como o capital não tem pátria, é indiferente para elas radicar-se no Brasil, Chile, China ou Japão. O que conta são os lucros e a garantia de que podem transferi-los para onde bem entenderem. Assim, essas empresas ameaçam a soberania dos países em que se instalam", adverte.

Dominação – O caso brasileiro merece uma reflexão específica. Na voz do cidadão comum e também daquele com visão mais "ampla", escuta-se num tom entre o sarcasmo e a crítica que "cada povo tem o governo que merece". Para Nilda Teves, "entender as relações de dominação que aqui se processaram e que funcionam como freio ao nosso processo de emancipação, assim como compreender a dinâmica da formação político-cultural de nosso povo, que o mantém nessa situação de dependência, é fundamental para definir o que é educação para a cidadania".

À procura destas pistas, a educadora centra o foco na sociedade escravocrata no Brasil. "Nas origens da nossa formação está uma ordem senhorial e escravocrata que ensinou a negros, mestiços e brancos a se ajoelhar e pedir favores a agradecer esses favores, mas não se imaginar semelhante, e muito menos igual em direito", ensina. Esta cultura de dependência mútua – entre senhores e escravos – estaria inibindo, até hoje, os processos de autonomia, de crença na capacidade de resolver por si mesmo seus próprios problemas, atitude fundamental à autêntica cidadania. "Em seu lugar", diz a professora, "forjaram-se a arrogância das elites, a timidez, a insegurança e o ressentimento

importantes, ou de alguma forma está ligado a elas. No caso norte-americano, a frase é "Quem você pensa que é?". Ela se impõe ao interlocutor, impelindo-o a que se coloque na condição de um cidadão igual, sem privilégios, com os mesmos direitos e deveres daquele que com ele fala.

Se, no Brasil, falar com alguém referindo-se a outrem que tem prestígio e poder é apenas um exemplo de nossos hábitos políticos, a isto somam-se, ainda, o favor, o jeitinho, o agrado, traços da nossa cultura da malandragem. Tais características culturais não devem ser entendidas como perversão ou falta de caráter do povo. Nilda explica que se tornou até difícil aceitar procedimentos mais universais, menos clientelistas, tendo em vista que aqui se sabe que "existem as leis, mas também as formas oficiais de burlá-las".

Vivendo esta complexa rede de relações sociais, conturbada pela crise ética que compromete a visão que projeta de si mesma, a sociedade brasileira vive momentos traumáticos. Nesse quadro, que se insere no panorama não menos preocupante da crise internacional, educar para a cidadania é extremamente importante. Não só às gerações de jovens e crianças, como também aos indivíduos adultos que integram a sociedade do país, devem ser dadas oportunidades de acesso, pela via do conhecimento sistematizado, oferecido pela escola, a formas de reflexão e de crítica frente à complexidade do mundo moderno. Sabemos que ter escolaridade, em nossa sociedade, ainda não é garantia de conversão à cidadania. No processo de exclusão imposto pelo sistema econômico, até letrados encontram-se às margens do conjunto da sociedade. Cabe à escola, portanto, reverter qualquer tendência que a faça, como instituição, reproduzir mecanismos de exclusão que afastem as classes populares do acesso ao saber. Um saber que seja transformador, que desenvolva no corpo da sociedade uma ética menos individualista, revigorando idéias de solidariedade e fraternidade, fortalecendo o entendimento, o compromisso e a força política dos indivíduos, transformando-os em cidadãos, "sem medo do poder do Estado, nem tão pouco ambicionando-o como forma de subordinar seus semelhantes".

*No Brasil,
a frase padrão é:
"Sabe com quem está
falando?" e
nos Estados Unidos
seria: "Quem você
pensa que é?"*

das classes populares". Nilda acrescenta que nossos atuais políticos não aprenderam com Maquiavel como conservar o poder, mas com fazendeiros e coronéis e também com os escravos. E nesse aprendizado incluem-se os obstáculos que precisam ser criados para excluir as massas dos processos decisórios, deixando para os políticos a negociação dos conflitos. E também, é claro, as benesses do poder.

EUA e Brasil – Duas frases bastante distintas explicam, segundo a educadora, os caminhos diferentes que Estados Unidos e Brasil trilharam na busca de seus direitos civis, políticos e sociais. "No Brasil, a frase emblemática é: "Sabe com quem você está falando?". Esta frase pretende convencer o outro de que não está falando com qualquer um. O autor da frase é "superior", ou porque tem dinheiro, ou descende de famílias

Alicerce da democracia

A formação de cidadãos para agir num mundo onde sejam exaltadas a paz, a justiça social e a igualdade entre as nações é a meta dos educadores socialistas, que se reunirão pela primeira vez no Brasil

Walmyr Peixoto

Discutir os objetivos comuns da educação pública no mundo de forma democrática. Esta é a filosofia da União Internacional dos Professores Socialistas (Uips), fundada em 1951. Seus membros pertencem a organizações educacionais filiadas à Internacional Socialista (IS) e propõem que o ensino promova justiça social e respeito aos direitos humanos.

A Uips realizou sua primeira conferência em Versalhes, sobre o tema "Educação e Treino para a Paz", no período posterior à Segunda Guerra Mundial. Desde então, já promoveu 38 reuniões anuais em diferentes países. Em

1970 começou a funcionar a Comissão dos Professores Socialistas da Comunidade Econômica Européia (CEE), atual União Européia, e em 1972 foram fundadas as comissões dos professores socialistas na América Latina e na África.

No Brasil, está ligada ao Partido Democrático Trabalhista (PDT), tendo como representante a professora Lia Faria, presidente da Fundação Pública Municipal de Educação de Niterói (RJ) e membro do Conselho Estadual de Educação. O 40º Congresso da entidade será realizado de 28 de julho a 4 de agosto, no Rio de Janeiro.

Até o 36º Congresso, a Uips se debruçou mais sobre a educação européia. A partir de 1990, tem procurado uma

integração político-educacional com outras regiões. Em 1990, em Lisboa, a América Latina participou pela primeira vez. Mas a situação interna não era muito favorável aos países em desenvolvimento, representados apenas por Brasil, Angola e Cabo Verde. A articulação entre eles resultou em um comunicado em nome do Terceiro Mundo, dando início à maior participação do Sul nessa entidade.

No 39º Congresso, no ano passado, em Helsinque, na Finlândia, a América Latina, representada por Lia Faria, apresentou as propostas de educação do governo Leonel Brizola, sobretudo a implantação dos Cieps (Centros Integrados de Educação Pública) no Rio. Enfatizou, também, o trabalho de Darcy Ribeiro em prol de uma educação democrática, com mudança nos livros, currículos, reciclagem de professores e uso da multimídia.

Para o 40º Congresso no Rio, o tema é "Escola, Comunidade: a Luta contra a Exclusão".

"Nos países do Primeiro Mundo não se respeita a diferença entre os alunos. As escolas, de maneira geral, trabalham na normatização. Há poucos espaços para superdotados e os imigrantes são discriminados." Daí a importância da realização do 40º Congresso no Brasil: "A cidadania não é só nacional e haverá a possibilidade de troca de experiência", afirma Lia Faria.

O sistema educacional brasileiro é bem visto no exterior. "Embora a mídia brasileira só mostre nossos defeitos, os europeus têm interesse em nossas artes e festas populares", assinala a educadora. Segundo ela, o Brasil passa para o Primeiro Mundo uma imagem mágica de alegria e lhe é reconhecida a capacidade de fazer educação, através de propostas inovadoras. ■

Propostas brasileiras

As principais propostas a serem apresentadas no congresso são:

□ **Horário integral** – Os Cieps solucionam o problema da educação nos países subdesenvolvidos, formando homens capazes de compreender sua realidade. A escola de horário integral é indispensável para crianças pobres de grandes metrópoles. Os índices de repetência nas escolas públicas contribuem para o mito de inferioridade das crianças das camadas populares. Os brasileiros mostrarão resultados do regime escolar dos Cieps, em progresso contínua (sem reprovação).

□ **Valorização do professor** – Os investimentos em educação incluem necessariamente o professor. Os planos de carreira devem incen-

tivá-los ao estudo e atualização. O fundamental é a remuneração salarial justa.

□ **Descentralização** – A descentralização da educação deve ser parte da reforma do Estado e das políticas sociais. Ao governo da União cabe estabelecer diretrizes gerais, incentivando a inovação e corrigindo distorções regionais.

□ **Universidades** – O ensino superior deve apoiar os esforços para melhorar a qualidade do ensino público de 1º e 2º graus, pela mudança na formação de professores e produção e difusão do conhecimento científico. A Universidade deve trabalhar na pesquisa e tecnologia e interagir e se integrar a outras instituições.

A desconstrução da palavra

Considerado um dos maiores poetas brasileiros da atualidade, Manoel de Barros se considera um inventor de palavras, seus "objetos sonhantes"

Ana Accioly

Aos 77 anos, com mais 50 de marginalidade na poesia, Manoel de Barros é reconhecido nos meios literários e universitários como um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos, mas ainda pouco conhecido do grande público.

Até a finalização do *Livro das ignoranças*, em 1993, ele passou, como nos outros dez que já publicou, pelo mesmo período de angústias e incertezas. Nessas ocasiões, o poeta garante ficar "casmurro e cascudo, dominado pelo diabo, um sofrimento só".

O poeta tem admiradores ilustres, como o filólogo Antonio Houaiss que, no prefácio de *Arranjos para assobio*, diz que os poemas de Manoel possuem "uma originalidade dificilmente encontrada na poesia universal".

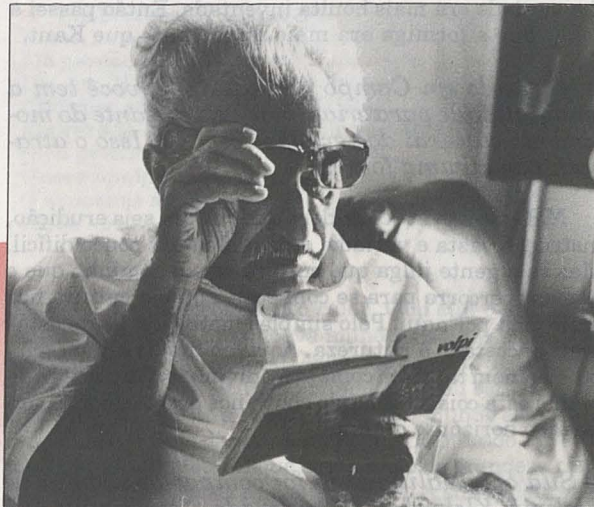
Cinquenta e seis anos após a publicação do primeiro livro, *Poemas concebidos sem pecado*, Manoel ficou muito feliz com a homenagem de um de seus admiradores: o empresário e colecionador de livros raros José Mindlin, que publicou, em novembro de 1993, uma edição especial do *Livro das ignoranças*, com apenas 300 exemplares.

Em entrevista a *cadernos do terceiro mundo*, Manoel de Barros fala do seu método de criação e afirma ser mais um inventor de palavras do que um poeta.

■ *Como é possível saber quando o livro está realmente pronto para ser publicado?*

MB – Ninguém sabe muito do seu fazer poético. Eu sei muito menos. Tudo se forma antes de mim. Não sei como as palavras atravessam as ancestralidades fósseis para chegar ao hoje. Sei que o poema vai se montando no papel. Eu monto e remonto palavras conforme o cheiro, o paladar e o som delas. Palavra do poeta tem que estar entorpecida, gorda. Para escorrer substantivo verbal. Eu desprezo as palavras solenes e as sublimes. Uso as que me são. Vou montando e remontando até conse-

Foto: Ana Accioly



guir a ressonância de mim nas sílabas. Mas nunca sei quando meu livro está nos trinques. Eu sou analfabeto para certezas.

■ *Em O quadrador de águas, você dizia estar dando "mais um passo em direção ao silêncio": as águas estavam contidas. No Livro das ignoranças, os delírios de Apuleio, canoieiro perdido numa grande inundação no Pantanal, se juntam às águas e tomam conta do chão. O que aconteceu?*

MB – Desaprender oito horas por dia ensina os princípios. Antesmente do verbo, a ignorância estava. No penúltimo livro meu havia um ancião que morava na árvore e dizia coisas malucas como "eu vi o êxtase do cisco". Os delírios do homem que está no alto da enchente agora, e só vê a fronteira do céu, se escoram mais nas vidências do que no ver. Estou buscando os deslimites da palavra. Penso que não desprezei as insignificâncias do chão. "Passa um galho de pau movido a borboleta"; esse não é um ver direto mas um transver. Eu só tinha as lembranças para ver. Eu queria tirar do desolo de um canoieiro perdido as suas impurezas de linguagem e alguns delírios fráscicos.

■ *O que atrai você para as coisas sem importância?*

MB – O que me atrai para as coisas desimportantes é a importância delas. Fazer crescer o ínfimo não tem tamanho. O caminho é sem rumo. Primeiro a gente se dana a estudar. Quer obter cultura. Chegamos a pensar que Kant é mais importante que uma formiga. Eu fui um sujeito estudado. Ia de Kant às formigas. Mas eu buscava o ouro do saber no filósofo. Um dia descobri o meu ninguém. Não me deixei agarrar pelas ciências, pela quântica, pelos computadores. E comecei a produzir concuscipências e ignorâncias: passei a inventar palavras. A liberdade absoluta era não ser ninguém.

E a verdade era mais bonita inventada. Então passei a achar que a formiga era mais importante que Kant.

■ *Morando em Campo Grande (MS) você tem a tranquilidade para criar, mas fica distante do movimento cultural dos grandes centros. Isso o atrapalha de alguma forma?*

MB – Se a gente considera que cultura seja erudição, instrução vasta e variada, a coisa fica um pouco difícil. Mas se a gente julga que cultura seja o caminho que o homem percorre para se conhecer, então a cultura fica mais fácil por aqui. Pelo simples motivo da gente estar mais encostado à natureza. Aqui, ao fim de algum tempo, o homem também começa a adivinhar. Ontem eu adivinhei esta coisa: “Quando chove nos braços de uma formiga, o horizonte diminui.”

■ *Sua originalidade já foi comparada com a de Vielimir Klebnikov, considerado o poeta mais original da Europa neste século. Ela é produto de sua infância no Pantanal, tão diferente dos centros urbanos? Qual é o segredo?*

MB – Não creio que a originalidade de um texto venha do lugar onde o autor nasceu ou tenha vivido. A infância que passei no Pantanal deixou em mim um lastro, é claro. Sou um depósito daquelas coisinhas do meu quintal, que se misturavam ao mesmo tempo às outras coisinhas dos meus armazenamentos ancestrais. Minha poesia há de ser um pouco o resultado dessa mistura, e mais o meu instinto lingüístico. Sempre acho que seja mais importante para um estilo o gen que gerou o poeta do que o quintal em que brincou. No caso da originalidade é ainda importante o gosto esquisito que tenho pelas doenças da linguagem antes que pela saúde dela. Gosto mais das sintaxes de exceção, da fala dos tontos, dos erros anônimos. Sou um sujeito inconfiável: tem horas leio avencas, tem horas Proust.

■ *A sua “Estética da Ordinarietàade” continua sendo uma constante em sua obra. Você é comparado a São Francisco de Assis. Por humildade ou orgulho?*

MB – São Francisco só queria o “apagamento”. Eu, no fundo, quero a glória. Não tenho competências pra ser ninguém. O que eu faço é me esconder por trás da humildade. É isso que o orgulho maior. O que eu sou é quase um praticante de charlatanismo, igual ao personagem de Dosztoiewski, cuja ação era derramar o nada no vácuo.

Quanto à minha “Estética da Ordinarietàade”, penso que ela acompanha o gosto do século XX. Estão aí os desheróis, os anti-heróis tomando conta de toda a sensibilidade moderna. Estão aí os Carlitos, os Riobaldos, as

Etelvinas, a barata de Kafka. Fazer o desprezível ser prezado é coisa do meu tempo.

■ *O silêncio da crítica o incomoda? E à sua poesia?*

MB – Bem que eu sou culpado de algum silêncio até. Eu escrevo com amor e irresponsabilidade. Sou irresponsável de mim. A desfortuna crítica me incomoda, sim. Temo que por ser a minha poesia tão boca própria, ela não alcance mais que a minha tribo. Temo que não ande além do meu quintal.

Eu gostaria de ser mais reparado como um inventor do que como um poeta. Eu inventei, entre outros objetos cantantes, o alicate cremoso, o abridor de amanhecer, o homem adequado à lata, uma fivela de prender silêncio, o canto em forma de asa. Queria ser visto como um artesão menor. Um fazedor de inutensílios. O olhar de um poeta é sem princípios. A coisa muito lógica o embaça. Assim é: e hará de ser assim.

■ *Você afirma que sua independência tem algemas, mas diz, com a maior liberdade: “ouço o tamanho oblíquo de uma folha”, ou “não sei mais calcular a cor das horas...”*

MB – Tenho um prazer imenso de atrapalhar as significâncias. Uso fazer-me promíscuo das folhas, das pedras, dos sapos, das águas, das estrelas. São misturamentos de metamorfoses. Os povos primitivos adquirem tanta intimidade com a natureza que sabem chamar as coisas pelo cheiro, pelo formato, pelo som do olho etc. Há entre eles uma completa desordem dos sentidos.

A gente precisa de desconhecer tudo de novo. Temos de botar um olho virgem nas coisas. Preciso do auxílio de uma criança para me desconhecer. Eis por que posso ouvir o tamanho oblíquo de uma folha. A razão me descompleta. A algema seria a estratificação sintática e semântica da linguagem. Para fugir da algema preciso da sensatez do absurdo. A gente não marca desencontros?

■ *Você disse que a poesia é um “inutensílio”. É a inutilidade da poesia ou a inutilidade da abstração?*

MB – Poesia é a virtude do inútil. É um objeto sonhante. É igual a um caneco furado que não segura água, mas serve para guardar besouros abstêmios, mosca frita, lírios. Assim o caneco furado vence o poder de não prestar, vira um objeto sonhante: um inutensílio.

Um meu parente afastado, violeiro de rua, Neco Caolho, se dizia um ser inútil, um traste, igual ao caneco furado. Dentro dele também havia besouros abstêmios, horas fagueiras, canções.

Andando devagar, ele atrasava o fim do dia. Talvez

“Poesia
não é para
compreender,
mas para
incorporar”

Dois poemas de Manoel

● "Passa um galho de pau movido a borboletas:
Com elas celebro meu órgão de ver.
Inclino a fala para uma oração.
Tem um cheiro de malva esta manhã.
Hão de nascer tomilhos em meus sinos.
(Existe um tom de mim no anteceder?)
Não tenho mecanismos para santo.
Palavra que eu uso me inclui nela.
Este horizonte usa um tom de paz.
Aqui a aranha não denigre o orvalho."

● "Um besouro se agita no sangue do poente.
Estou irresponsável de meu rumo.
Me parece que a hora está mais cega.
Um fim de mar colore os horizontes.
Cheiroso som de asas vem do sul.
Eis varado de abril um matim-pescador!
(Sou pessoa aprovada para nadas?)
Quero apalpar o meu ego até gozar em mim.
O açucenas arregaçadas.
Estou só e socó."

por sua virtude de ser inútil prosperasse em sabedoria. Perder o nada é um empobrecimento, ele dizia. A voz de um cantor tem que chegar ao nada para ter grandeza. Neco esculpia em água de cor.

■ *Como foi o seu encontro com Guimarães Rosa quando ele esteve em Mato Grosso?*

MB - Por impulso de admiração, peguei em Porto Esperança o vapor *Fernandes Vieira* que levaria o Rosa até Corumbá, pelo rio Paraguai. Manhãzinha, outro dia, um vento macio e alvo soprava. Rosa saíra cedo do camarote. Estava sentado no tombadilho tomando fresca. Do bolso de paisagem borboletas queriam escapar. Rosa abriu a paisagem e as borboletas escaparam.

O corpo do vapor quase tocava nas árvores do barranco. Dava pra ver um rancho amanhecendo. Dava pra ver um curral de bezerros, um homem e um menino parados. O menino mijava na cara de uma abelha. Dava pra ver até sem óculos.

Eu fabricava coragem para puxar uma prosa com aquele João. Uma anhumã rasou por cima de nós tocando fagote. Eu disse para o Rosa ouvir: o canto desse pássaro diminui a manhã. Rosa pôs tento. Ele tinha uma sede anormal por frases com ave. Me olhou sentado na frase e se riu para mim. Quer dizer que essa anhumã diminui a manhã?, perguntou. Eu disse: um homem que não tem ensino me ensinou. Esse homem se chamou Andaleço e trabalhou muitos anos para aprender só o que não tem tino. Obscuridade coerente do povo, disse Rosa. Exuberâncias de nadas, eu disse. Vai daí começamos a prosear lourengo.

Agora rasou um tuiuíú fazendo vento e barulhos. Rosa falou: Tu-you-you é mais importante nos seus pronomes do que no seu tamanho de crescer. Marquei isso com os ouvidos. Os nomes para ele eram mais importantes do que a coisa nomeada. Só via o corpo da palavra. Prestei atenção de coruja.

Coração de vespa não arfa, Manoel. Arfar não estava de graça ali. Pois que também é um termo náutico. Isso eu aprendi.

Perguntou-me depois sobre a noite, esse João. Se eu

houvera dormido com tanto calor. Que sim e muito sonhara. Sonhei que amontoava milhões de latas enferrujadas no fundo de um quintal. Acho que o monte de latas enferrujadas ficou da altura do Himalaia. E eu estava lá em cima, no pico do alto e só queria ver se o mundo estava inteiro. Logo no meio das latas, do seu fundo imundo, cresceu uma pequena violeta. O que ainda resta de grandeza para nós, Rosa disse, são as coisas pequenas. A sua violeta veio do insondável. Certa brisa espalhava para nós uma voz quase azul.

Ficamos conversando de prenúncios naquele tombadilho. Ele disse: e a luz arborizada pelos pássaros, de onde vem? Vem de insondáveis. Conversamos nessa língua horas e horas. Pensei mais tarde em recompor essas conversas. Estou fazendo um livro que se chamará *No sertão do pantanal: conversamentos com J. Guimarães Rosa*.

■ *Em seu auto-retrato, você diz que se sente como que desonrado quando publica um livro e foge para o Pantanal. Você se esconde no Pantanal ou é onde encontra mais matéria de poesia?*

MB - Fujo de ser por mim pego morto de medo. Parece que eu pratiquei um crime de ser preso quando publico um livro. Essa marca ficou-me por educação. Se dizia que a gente deve de ser sério, trabalhador etc. Passei muitos anos para descobrir o que era ser sério.

Não boto confiança no que faço. Penso que faço uma enganação. O embrião de onde me cresço é o culpado, pela insegurança e tudo o mais que o medo de mim encerra. Mas eu sei dosar isso com palavras. A tal ponto que pensam que eu sou humilde. Mas não. Eu tenho muito orgulho de meu texto. E gosto secretamente de ser lido, e mais: gosto de ser amado através de minha poesia.

Quanto a buscar matéria de poesia no Pantanal, isso não existe. A gente estava ali na terra desde pequeno e tudo ficou pregado na alma. Isso tudo ficou dentro da criança e está dentro do homem. O olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê. Eu esperava a manhã soltar as formigas para brincar com elas. Agora a lembrança revê. Mas só a transfiguração dessas lembranças através da linguagem poderá me dar poesia. Assim seja. ■

"Sempre
tive um
relacionamento
voluptuoso
com a palavra"

A escola da experiência

Fotos: A. C. Junior

Cineasta brasileiro vai ajudar a estimular o ensino de cinema em Campos, com diretrizes semelhantes às da Escuela Internacional de Cine e TV de Cuba

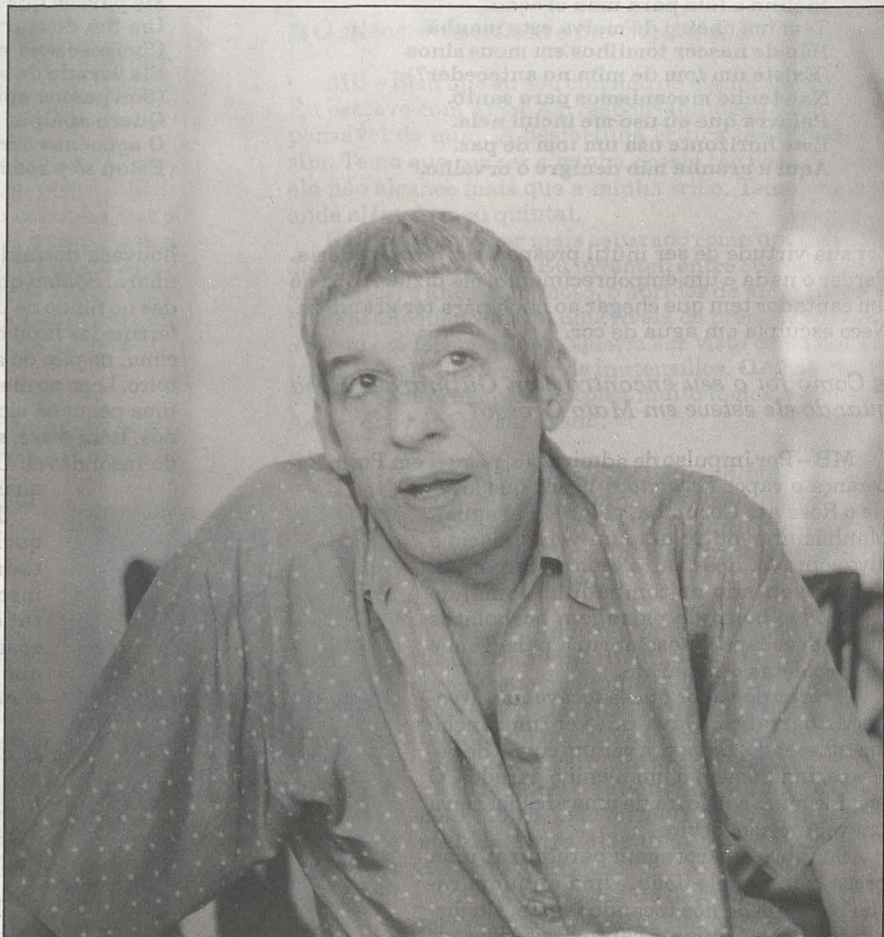
Ana Helena Gomes

Cineasta e roteirista, jornalista e escritor, o baiano Orlando Senna há quatro anos dirige a Escuela de Cine e TV de San Antonio de Los Baños, em Cuba. Agora, depois da experiência numa instituição considerada pioneira em matéria de ensino das linguagens ligadas à imagem e ao som, ele se prepara para voltar ao Brasil e dirigir em Campos, estado do Rio de Janeiro, a Escola Brasileira de Cinema e Televisão.

Atenção cineastas e videomakers em potencial: ela é ligada à Universidade Estadual do Norte Fluminense (Uenf) e foi poeticamente batizada de "Engenho de Investigação e Capacitação do Sonho e da Imagem". Criada à imagem e semelhança da Escuela de Cine e TV de San Antonio de Los Baños, que há sete anos funciona em Cuba, no próximo ano já estará recebendo alunos para o curso regular.

Orlando Senna, idealizador e futuro diretor da escola de Campos, de passagem pelo Rio de Janeiro, falou a cadernos do terceiro mundo sobre a experiência cubana e contou seus planos para o funcionamento da nova instituição.

San Antonio de Los Baños, pequena cidade nos arredores de Havana, sedia um dos maiores orgulhos da revolução cubana. A Escuela de Cine e TV é a menina dos olhos do escritor Gabriel García Márquez, uma espécie de mentor intelectual do projeto. Desde sua inauguração estava previsto que ela seria um



Orlando Senna: a escola de Campos será um engenho de investigação e sonho

embrião de novas iniciativas. Em Fortaleza, no Ceará, já está funcionando um outro curso – chamado Luz, Câmera, Iluminação –, também semente da escola cubana. Ex-alunos cearenses da escola da ilha caribenha voltaram para a terra natal e estão levando adiante o projeto de formação de profissionais do vídeo. No Equador foi montada uma escola por um grupo de ex-alunos.

A escola de Campos é considerada filha diletta da de Cuba. E tem um projeto maior: o ensino de cinema e televisão acoplado ao Centro de Humanidades. A unidade terá independência em relação à universidade, com exames próprios. A filosofia de ensino reflete a conformação da escola de San Antonio,

mas naturalmente o currículo será adaptado à realidade brasileira.

Ao lado da mulher, a atriz Conceição Senna, Orlando conta que serão três as formas de ensino em Campos: o curso regular, com dois anos de duração, um polivalente, e outro com especialização, destinado a jovens. Tal como na instituição cubana, alunos e professores irão morar na própria escola.

As oficinas de informação e reciclagem serão destinadas a profissionais da área que queiram ampliar seus conhecimentos. O seminário permanente de dramaturgia e comunicação irá funcionar como um espaço de análise. O ensino será voltado para o vídeo e a computação gráfica, respondendo ao avanço tecnológico audiovisual.

Ainda este ano, uma velha escola jesuíta de 300 anos, localizada nos arredores de Campos, será reformada e em seguida inaugurada com um grande seminário e oficinas. A previsão para o início regular das aulas é fevereiro de 1995. Orlando vai usar a seguinte metodologia: professores fixos, além de uma grande quantidade de professores rotativos, convidados de toda a parte do mundo. A escolha dos docentes será feita em conjunto com Cuba e com a Federação Latino-Americana da Imagem e do Som. A unidade de Campos contará com toda a sustentação internacional da escola de San Antonio. Por isso, os alunos não se espantem caso vejam entrar nas salas de aula, tal como em Cuba, professores do porte de Francis Ford Coppola, George Lucas ou Costa-Gavras.

Orlando ressalta que o critério mais importante trazido de San Antonio para Campos será o da auto-avaliação. O caráter não-escolástico será respeitado, já que, segundo ele, nem a vida nem o destino podem ter regras rígidas. Tudo é mutável e dinâmico. "Traremos profissionais de vídeo e TV que estejam em ação. As pessoas que estão em atividade divulgam a sua experiência pessoal, muito mais importante do que o ensino acadêmico."

A idéia é que se aprende fazendo. E errando, completa Orlando. A escola, diz ele, tem que ser prática. "Teremos três etapas: pré-produção, produção e pós-produção." Os equipamentos de alta tecnologia serão comprados na Alemanha e na França.

História cinematográfica - San Antonio tem tradição de fazer cinema. A primeira sala de exibição data de 1907 e desde a década de 50 se faz cinema amador em super-8 e em 16 mm. A localidade é conhecida como a cidade do humor e anualmente sedia um festival humorístico. Em San Antonio, moram muitos artistas e intelectuais e a cidade foi a primeira do interior de Cuba a ser ligada à capital, Havana, por trem. Campos, em compensação, foi a primeira cidade a ter luz elétrica na América Latina. Espera-se que, tal como San Antonio, Campos se beneficie com a chegada dos intelectuais, com discussões estimulantes sobre o nosso tempo.

Sucesso em Cuba

Desde 1991, quando Orlando assumiu a direção da Escuela de Cine e TV de San Antonio de Los Baños, a atriz Conceição Senna, sua mulher, começou a trabalhar na TV local. Ela participa todos os sábados do programa "Contacto" onde, no quadro "Ventana ao Sul" entrevista artistas, cantores e cineastas latino-americanos.

Com humor, ela fala sobre o sucesso que vem fazendo na ilha: "As pessoas gostaram da mistura do português com espanhol e se impressionaram com a minha gesticulação. Comecei trabalhando com gente ligada à música, como Caetano, Gil, Ney Matogrosso, os primeiros entrevistados. Depois, passei a conversar com atores das novelas brasileiras que são exibidas em Cuba."

Hoje, Conceição convida também cantores da América Latina, como o roqueiro argentino Fito Paes, José Luís Guerra, Mercedes Sosa, e tem um painel onde entrevista cineastas. Ela é muito querida e conhecida em Cuba. O povo cubano, diz, é muito expansivo e não poupa palavras doces para ela: "Depois de 30 anos trabalhando em cinema e teatro, sou quase desconhecida no Brasil. Em Cuba, através da televisão, me tornei popular. Continuo trabalhando em cinema, faço pelo menos dez filmes por ano, em geral curtas dos alunos da escola. Trabalho com diretores jovens, jamaicanos, haitianos, africanos."

A atriz também não abandona o teatro. Já levou uma peça para Havana. Chegou a abrir o Festival de Monólogos e ficou um mês em cartaz. Em julho, ao lado de dois amigos cubanos, está apresentando uma peça que pretende trazer para o Brasil através do Memorial da América Latina, em São Paulo.

Conceição Senna está entusiasmada com a possibilidade de morar em Campos, embora reconheça que o ator se frustra no nosso país. Depois do sucesso em Cuba, está feliz, mas reconhece que é difícil produzir teatro no Brasil. "O teatro é visto como um luxo aqui. Tudo é caríssimo. Cinema, então, nem se fala. Mas acredito que possam acontecer coisas maravilhosas nessa volta", afirma Conceição.

Em Cuba, diz Orlando, "temas-tabu foram rompidos pela escola de cinema. Não existe censura e assuntos como a morte de Fidel ou o homossexualismo são abordados sem problemas. Os documentários dos alunos da escola estão registrando o período especial - economia de guerra em tempo de paz - e refletem o aperto causado pelo bloqueio norte-americano".

Orlando se refere aos últimos três anos, quando foi retirada a ajuda soviética. A Escola de San Antonio recebe US\$ 100 mil por ano do governo da Es-

panha, doações do escritor García Márquez e o governo cubano, o principal financiador, entra com verba para alimentação, energia e estrutura de apoio. Tudo isso faz com que a unidade seja considerada uma das sete melhores escolas de cinema do mundo. Ela recebeu o prêmio Rosselini no Festival de Cannes de 1994, que a cada ano premia uma instituição que tenha colaborado para o avanço do cinema. A escola cubana derrotou outras cem escolas de cinema de vários países. ■



Conceição entrevista artistas e cineastas latino-americanos

Praticar para aprender

Escola de Cinema da Uenf vai priorizar a parte prática, procurando formar cineastas e técnicos capacitados para ingressarem no mercado de trabalho

Marcelo Monteiro

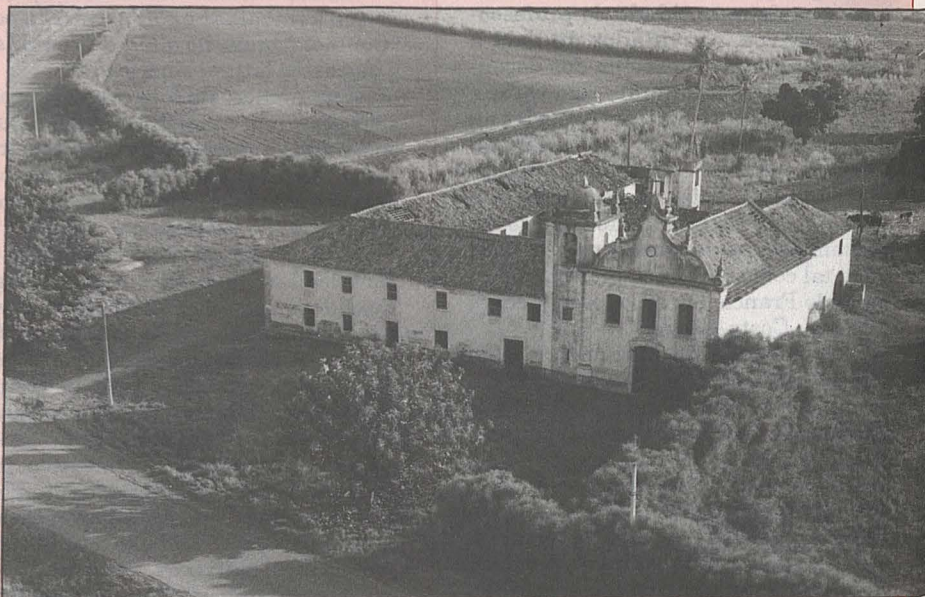
A Escola Brasileira de Cinema e TV da Universidade Estadual do Norte Fluminense (Uenf) oferecerá aos alunos um curso técnico, baseado na teoria de que somente se aprende praticando. "Os alunos passarão a maior parte do dia lidando com cinema e vídeo; ou praticando durante o horário de aula ou assistindo a filmes nas horas vagas", afirma Irene Ferraz, uma das coordenadoras da escola.

Os professores serão cineastas e técnicos que atuam no mercado. Além de Orlando Senna, que será o diretor da unidade, Walter Lima Júnior, Néelson Pereira dos Santos e Geraldo Sarno e cineastas estrangeiros poderão transmitir suas experiências aos alunos.

Como a unidade vai adotar o sistema de horário integral e de residência de alunos e professores, os candidatos deverão ter entre 18 e 24 anos. "Tentaremos com o limite evitar desistências, já que há a necessidade de dedicação exclusiva ao curso", afirma a coordenadora. O modelo de tempo integral usado na Escuela de Cine e TV de San Antonio de Los Baños, em Cuba, foi idealizado pelo cineasta argentino Fernando Birri.

A data do vestibular ainda não está confirmada, dependendo da conclusão das obras do antigo solar dos jesuítas que abrigará a unidade, mas a expectativa é de que os exames sejam realizados no início de 1995. Serão oferecidas 12 vagas por ano para alunos bolsistas.

O curso regular terá duração de dois anos. Na primeira metade, os alunos trabalharão exclusivamente com vídeo, tendo aulas de produção, roteiro, fotografia, som, edição, computação gráfica e direção. No segundo ano, o estudante escolherá entre uma das especialidades. A parte de cinema será ministrada no segundo ano, por ser uma técnica "mais difícil e mais cara, enquanto o vídeo é uma linguagem bastante difundida e com menor custo de produção", segundo Irene Ferraz.



O antigo solar dos jesuítas, erguido no final do século XVII, será a sede da escola de cinema

A unidade contará com salas de edição, de projeção para filmes de 16 e 35 milímetros, estúdio de cinema e TV, videoteca, biblioteca e central multimídia.

Integração com a sociedade – Assim como as demais unidades da Universidade Estadual do Norte Fluminense, a Escola Brasileira de Cinema e TV tem como uma das prioridades a integração com as comunidades vizinhas. Os estudantes deverão realizar documentários retratando a realidade dos trabalhadores, como os cortadores de cana-de-açúcar, o principal produto agrícola de Campos. Os alunos também poderão colocar equipamentos de filmagem em praças, como em Cuba, para colher depoimentos de pessoas comuns e até mesmo explicar o funcionamento dos equipamentos.

Os moradores de San Antonio de Los Baños, sede da Escuela de Cine e TV de Cuba, são "a comunidade mais filmada no mundo", garante Irene, que durante um ano foi coordenadora de

produção da escola cubana. O grau de integração dos alunos da escola com a comunidade faz com que os moradores cedam suas casas para locações de filmes e cheguem mesmo a hospedar alguns alunos.

Locação histórica – O prédio que abrigará a Escola Brasileira de Cinema e TV poderia ser um belo cenário para um filme de época. Erguido no final do século XVII, o solar de um antigo colégio de jesuítas foi tombado em 1946 pela extinta Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) e considerado como de utilidade pública em maio de 1977. Desapropriado pelo governo federal em janeiro de 1983, foi repassado para a administração estadual. O solar fica dentro de uma área de 20 hectares de canaviais, na comunidade de Tocos, a 20 km do centro de Campos, e vem passando por uma completa restauração para que possa sediar a Escola Brasileira de Cinema e TV da Uenf.



Editora Terceiro Mundo Ltda.

1. Que seções você considera mais interessantes?

- | | |
|---|------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> América Latina | <input type="checkbox"/> Minorias |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Drogas |
| <input type="checkbox"/> Ásia | <input type="checkbox"/> População |
| <input type="checkbox"/> Oriente Médio | <input type="checkbox"/> Mulher |
| <input type="checkbox"/> Economia | <input type="checkbox"/> Outros |

2. Quais seções lhe parecem menos interessantes?

.....
.....

3. Interessa que incluamos outras regiões?

- | | |
|------------------------------|------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não |
|------------------------------|------------------------------|

Quais?

4. Gostaria que tratássemos de outros temas?

- | | |
|------------------------------|------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não |
|------------------------------|------------------------------|

Quais?

5. Você considera bom o tamanho dos artigos?

- | | |
|------------------------------|------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não |
|------------------------------|------------------------------|

Explique por que:

6. O que você acha de nossas capas?

- | | |
|------------------------------------|--------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Boas | <input type="checkbox"/> Ruins |
| <input type="checkbox"/> Regulares | |

7. Alguma em particular chamou a sua atenção?

- | | |
|------------------------------|------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não |
|------------------------------|------------------------------|

Lembra qual foi o número da revista?

8. Você considera adequado o nome da revista?

- | | |
|------------------------------|------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não |
|------------------------------|------------------------------|

Por quê?

9. O que você acha da apresentação visual dos temas?

- | | | |
|------------------------------|----------------------------------|-------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Boa | <input type="checkbox"/> Regular | <input type="checkbox"/> Ruim |
|------------------------------|----------------------------------|-------------------------------|

10. Qual a sua opinião sobre o Suplemento?

- | | | |
|------------------------------|----------------------------------|-------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Bom | <input type="checkbox"/> Regular | <input type="checkbox"/> Ruim |
|------------------------------|----------------------------------|-------------------------------|

11. Tem algum outro comentário ou sugestão sobre nosso trabalho?

.....

Nome

Endereço

Cidade

EstadoCEP

Nossos leitores sabem que desde o começo de 1994 estamos comemorando os vinte anos de **cadernos do terceiro mundo**, que se

cumprem em setembro deste ano. A proximidade do nosso vigésimo aniversário nos levou a criar uma nova seção, "Grandes Reportagens", onde estamos republicando os principais artigos desse período. Por isso, almejamos que os leitores mais conscientes conheçam melhor a trajetória de nossa publicação e os mais antigos avaliem, à luz das novas realidades, a cobertura que demos a fatos que marcaram estas duas décadas.

Mas a data não pode ser comemorada só olhando o passado. Pretendemos projetar nosso trabalho para o futuro, levando em consideração as mudanças produzidas nestas duas décadas e as novas expectativas de nossos leitores. Assim, queremos estabelecer um "diálogo" com nosso público para conhecer sua opinião sobre a revista, suas diferentes seções, o tratamento dos temas, a diagramação etc.

O questionário que publicamos a seguir é uma tentativa de estabelecer com nossos leitores uma relação mais direta. Desde já, agradecemos o tempo que dedicarem a respondê-lo.

As respostas devem ser dirigidas a:

Editora Terceiro Mundo Ltda.
Rua da Glória, 122 - Gr. 105-106
Glória - 20241-180
Rio de Janeiro - Brasil

NEOFASCISMO: A volta dos



Como a ave Fênix que renasce das cinzas, o nazismo e o fascismo voltam a fazer ecoar seus hinos de guerra e o ruído de suas botas sobre o asfalto das ruas da Europa, diante da apatia de governos e cidadãos comuns.

Ressurgem agora – como apareceram nas décadas de 20 e 30 – alimentados pela recessão econômica, a inflação, o desemprego, a ineficácia dos partidos políticos, o ressentimento de setores urbanos marginalizados. Mas, se é de surpreender o fato de que a Itália e a Alemanha sejam novamente cenário onde desfilam os *camisas negras* e os agressivos emblemas do passado, mais ainda surpreende que este fenômeno se estenda à ex-União Soviética e à devastada ex-Iugoslávia. Desde o final da II Guerra Mundial – cujo famoso *Dia D*, o desembarque aliado na Normandia, acabou de completar 50 anos – o nazifascismo parecia derrotado.

A ação de pequenos grupos de extrema-direita não representou um fenômeno novo no Velho Mundo. O novo é sua legitimação através das urnas, como acaba de ocorrer na Itália e, em menor medida, na França, Rússia e Grã-Bretanha. Com um agravante: em alguns casos – como o italiano, precisamente – já não se trata de campanhas propagandísticas ao velho estilo; agora se trata da mais moderna e maciça rede de recursos eletrônicos a serviço da irracionalidade política. E este fato, uma vez mais, coloca em discussão o papel dos grandes meios de comunicação.

Camisas negras

ITÁLIA

Jovens neofascistas da Aliança Nacional comemoram o triunfo do Pólo da Liberdade nas eleições parlamentares



O ovo da serpente eletrônica

A quase meio século da morte de Benito Mussolini, os neofascistas voltam ao poder graças à sua aliança com o czar das comunicações Silvio Berlusconi

Roberto Bardini

No sábado 14 de maio, 200 jovens – entre os quais se encontravam 50 mulheres – da direita Aliança Nacional, com suas cabeças raspadas, jaquetas e botas de couro pretas, desfilaram pelas ruas de Vicenza, uma cidade ao norte da Itália, repetindo a coreografia fascista do passo de ganso, o braço estendido e as palavras de ordem raivosas que fazem novamente estremecer os alicerces da velha Europa.

A volta dos fantasmas do passado, além de causar preocupação entre os habitantes da cidade, fez rolar as primeiras cabeças no recém-constituído governo do primeiro-ministro Silvio Berlusconi e do Pólo da Liberdade, coalizão integrada pela liberal Força Itália, a separatista Liga Lombarda e a neofascista Aliança Nacional.

Os chefes de polícia de Vicenza foram obrigados a renunciar por terem autorizado a marcha neofascista, cujas imagens pela televisão correram o mundo. O ministro do Interior, Roberto Maroni, membro da Liga Lombarda, se salvou por pouco, alegando que não havia sido informado sobre a permissão para o desfile. Trinta jovens da Aliança Nacional foram expulsos dessa organização por decisão do próprio secretário geral, Gianfranco Fini, que pouco tempo antes tentava apresentar seu movimento como uma força de direita desvinculada do fascismo.

O episódio se somou a outros parecidos, que dão a pauta dos novos ventos que sopram na Itália a partir da esmagadora vitória do Pólo da Liberdade nas eleições parlamentares de 27 e 28 de março em meio aos estertores da I República fundada em 1948.

A quinta-essência do novo poder – O magnata Silvio Berlusconi, um advogado milanês de 57 anos, conhecido como *il cavaliere* e considerado o empresário mais bem-sucedido da Itália, surgiu no cenário político apenas dois meses antes das eleições como representante de duas paixões do cidadão italiano: a televisão e o futebol.

Proprietário da Fininvest, um truste que é o terceiro grupo privado da Itália depois da Fiat, Berlusconi controla três canais de televisão que monopolizam quase 50% da audiência nacional, em cadeias da Espanha e Alemanha, e que representam a maior rede comercial sob o controle de um único dono fora dos Estados Unidos. Possui, além disso, revistas, agências de publicidade, empresas de seguros, cinemas, supermercados, editoras – entre elas, a prestigiada Mondadori – e o clube de futebol Milan. Em seu último exercício fiscal, a Fininvest faturou 7,5 bilhões de dólares.

Em fins de janeiro, o multimilionário utilizou o

Os "carecas" brasileiros

"Atacar alguém dá mais prazer do que drogar-se". A frase foi recolhida pela antropóloga brasileira Marcia Regina da Costa quando realizava uma pesquisa sobre os *skinheads* de São Paulo, que finalmente publicou um livro sob o título "Os *carecas* do subúrbio".

Os "carecas" apareceram nessa cidade nos anos 70, inicialmente como um fenômeno de classe média

ligado ao movimento *punk* surgido na Grã-Bretanha, com manifestações na música e nas roupas, com uma certa inclinação para o anarquismo sem violência. Entre 1971 e 1972, o movimento se espalhou pelos subúrbios da capital paulista, conquistou adeptos entre filhos de operários e famílias pobres e adquiriu outras características: adotou a cruz gamada como símbolo,

incorporou a violência e elegeu como alvo de seu ódio os negros, os judeus, os nordestinos e os homossexuais.

Como os *skinheads* britânicos, "os carecas" brasileiros têm um discurso que exalta os valores nacionais, rejeita tudo o que vem de fora e despreza os políticos e a democracia formal. Mas, diferentemente dos ingleses, os "carecas" de São Paulo – cujas idades variam entre 14 e 30 anos – combatem o uso de drogas e muitos deles trabalham, sobretudo como guardas de segurança, professores de musculação e instrutores de artes marciais.

Os grupos nazistas de São Paulo e os separatistas do Rio Grande do Sul começaram a se aproximar e a trabalhar com eles. O Partido dos Trabalhadores (PT) também. O resultado é que hoje muitos "carecas" defendem posturas antiimperialistas e, ao mesmo tempo, simpatizam com Adolf Hitler porque "defendia os operários".



Alessandra Mussolini, neta do Duce: o discreto charme do fascismo com saias

Canal 4, uma das suas estações de TV, para anunciar dramaticamente que fundaria seu próprio partido: Força Itália, um nome que evoca o grito de alento dos simpatizantes da seleção de futebol nas partidas internacionais. Sem nenhuma experiência política, colocou a seu serviço seus três canais e um exército de especialistas em comunicação, imagem, publicidade e psicologia de massas, lançou um único slogan – "Para um novo milagre italiano" – e soube explorar inteligentemente a rejeição dos italianos aos escandalosos casos de corrupção dos partidos tradicionais.

Da Força Itália, Berlusconi projetou uma aliança para unir a península de norte a sul. Assim, se aliou com a direita moderada de Umberto Bossi, da Liga Norte, e com os neofascistas de Gianfranco Fini, da Aliança Nacional (ex-Movimento Social Italiano).

O czar da TV também empreendeu com sucesso um intenso trabalho de sedução da máfia no sul da Itália, onde a influência dos *padrinhos* sobre os eleitores – prometendo conseguir-lhes trabalho em troca de votos – é enorme. São no total quatro regiões comandadas pe-

la máfia, com mais de 20 milhões de habitantes, que representam um terço do país caracterizado pelo atraso econômico e o conservadorismo político.

O jornal *The Guardian*, de Londres, escreveu: "Força Itália e sua vitória só põem em destaque as tendências que se observam na Europa. Sua campanha e sua vitória são criações do império dos meios de comunicação de Berlusconi. Diante deste desafio, as forças tradicionais dos partidos de esquerda, como as do ex-Partido Comunista Italiano – sua capacidade organizativa e seus contatos com os sindicatos – se tornaram inexpressivas. O que vale é o controle dos meios de comunicação, uma figura de direita carismática e uma agenda populista."

Um total de sete partidos e movimentos formaram a Aliança Progressista, que ficou em segundo lugar. O Partido Socialista mal conseguiu chegar aos dois por cento dos votos nas eleições de 27 e 28

Berlusconi elogia Mussolini

“Mussolini fez coisas positivas durante um certo período do seu governo”. A declaração do magnata das comunicações Silvio Berlusconi ao jornal *Washington Post*, em fins de maio, três dias antes da visita do presidente Bill Clinton à Itália, provocou uma tormenta política. Paradoxalmente, a intenção do primeiro-ministro ao conceder uma entrevista ao

jornal norte-americano era melhorar internacionalmente a imagem do seu governo, afetado pela presença de cinco ministros neofascistas da Aliança Nacional em seu gabinete.

Imediatamente Berlusconi tratou de emendar sua frase. Disse que depois desse período “positivo”, Mussolini “nos tirou a liberdade e levou o país à guerra” e garantiu que nunca

tinha sentido simpatia por *Il Duce*.

Acrescentou que “não existe um perigo fascista na Itália”, onde, a seu ver, “o verdadeiro perigo são os ex-comunistas”. Sua declaração provocou reações, entre elas a do senador Leo Valiano, um veterano constitucionalista de 85 anos, que lhe recomendou “ler um bom livro de história”.

de março, enquanto que a Refundação Comunista obteve 5,5%.

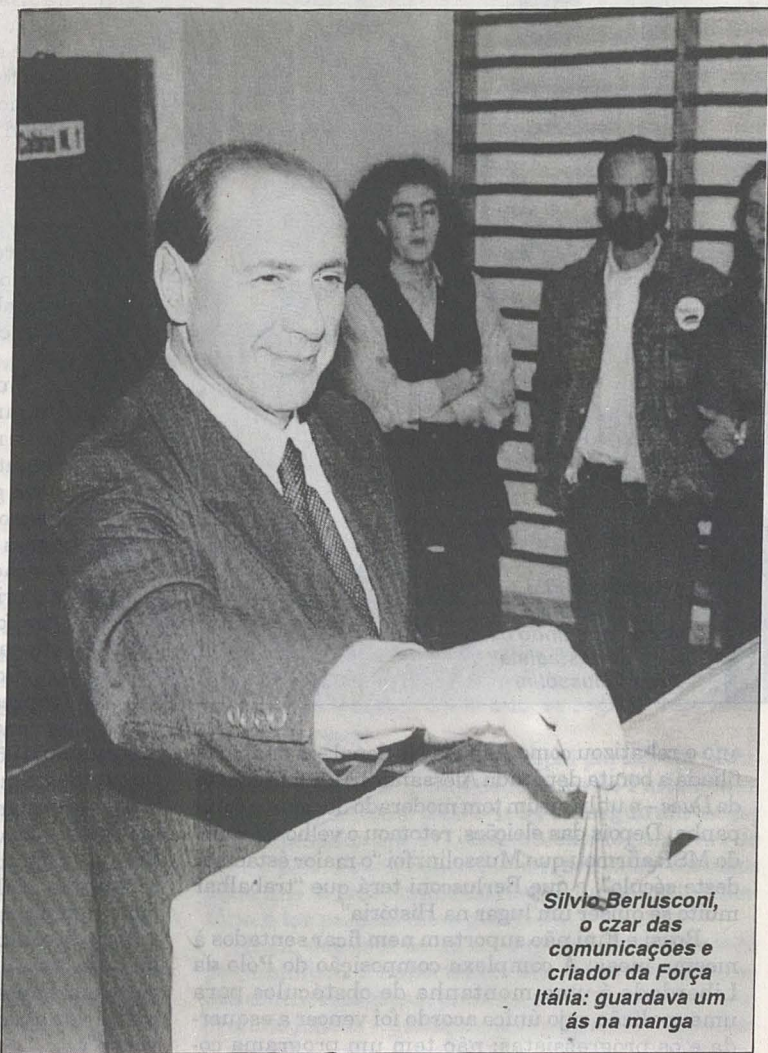
Mais adiante, *The Guardian* assinalava: “Força Itália é a quinta-essência do novo partido político. Não tentou filiar membros maciçamente e virtualmente não tem representações de base. É uma criação dos meios de comunicação. Seu nome, seu slogan e suas políticas foram elaboradas pelos melhores e mais brilhantes publicitários italianos que, desnecessário dizer, trabalham para empresas que pertencem a Berlusconi. As três estações de TV deram ao magnata todo o tempo de transmissão e o apoio sem crítica do qual necessitava. Não havia nada parecido com a imparcialidade.”

O satânico “Dr. Berluskaier” – “Reconduzir os fascistas novamente ao poder na Itália equivale a dar o governo aos nazistas na Alemanha”, disse Humberto Bossi, da Liga Norte, a poucos dias da vitória do Pólo da Liberdade, ao ver que seu partido perdia força em virtude dos novos acordos entre Silvio Berlusconi e Gianfranco Fini, da Aliança Nacional. E advertiu: “Cuidado com *Berluskaier*. Graças às suas três redes de televisão pode manipular a opinião pública. Por isso, digo que é um perigo para a democracia.”

O dirigente passou por cima de um detalhe nada insignificante: ele também ajudou a levar Berlusconi e os fascistas ao poder.

Bossi, de 52 anos, pertence a uma classe política relativamente nova e considerada uma intrusa. Agressivo e inimigo de morte dos partidos tradicionais, fundou em 1982 a Liga Lombarda, que agrupava uma série de pequenos partidos do norte do país, para criar a Liga Norte em 1991. Sua vitória nas eleições legislativas de 1992 foi o de *uomo qualunque* (um homem comum) dos anos 40, com o qual muitos italianos ainda se identificam.

Fini, de 42 anos, pertencia ao Movimento Social Italiano, criado em 1946 pelos fascistas, mas este



Silvio Berlusconi, o czar das comunicações e criador da Força Itália: guardava um ás na manga

Os fascistas argentinos

Benito Mussolini e Adolf Hitler têm vários seguidores na Argentina: se organizam em pequenos grupos como Falange da Fé, Força Nova, Movimento Nacionalista de Restauração e o Partido Ariano Nacionalista Integral.

Um dos mais conhecidos se chama Alejandro Carlos Biondini, filho de um operário comunista e chefe do grupo fascista Alerta Nacional, criado em 1982, que de vez em quando deixa seus bigodes ao estilo Adolf Hitler (ou Charles Chaplin, segun-

do asseguram seus adversários). Os membros de Alerta Nacional são poucos mas muito ativos. Editam um jornal com o mesmo nome, cuja tiragem é de 900 exemplares, que vendem em postos do centro de Buenos Aires, sobretudo nas ruas de pedestres Florida e Lavalle.

Eles foram responsáveis pela colocação de várias bombas em cinemas e restaurantes de Buenos Aires em 29 de março de 1988, na comemoração ao levante militar do ex-tenente-coronel "carapintada" Aldo

Rico na Semana Santa de 1987. O saldo foi de sete pessoas feridas.

Biondini acredita - da

mesma forma como todos os neofascistas e neonazistas - que todos os males da humanidade são produto da ação mancomunada de "judeus, comunistas, maçons e os liberais". Mas, além disso, tem idéias muito originais: sustenta, por exemplo, que o general Juan Domingo Perón continuou na América Latina "a obra" que iniciaram na Europa personagens como Adolf Hitler, Benito Mussolini e Francisco Franco.

Garante, também, que Jesus não era judeu mas árabe. Os hebreus - diz - falsificaram a história e estabeleceram as bases da "subversão mundial", que logo fará dois mil anos. Propõe, em conseqüência, a fusão do cristianismo e do islamismo para enfrentar o judaísmo e o marxismo.



Gianfranco Fini, líder da Alianza Nacional: seguindo os passos do "estadista" Benito Mussolini

ano o rebatizou como Aliança Nacional - a qual está filiada a bonita deputada Alessandra Mussolini, neta do Duce - e utilizou um tom moderado durante a campanha. Depois das eleições, retomou o velho discurso do MSI: afirmou que Mussolini foi "o maior estadista deste século", e que Berlusconi terá que "trabalhar muito se quiser um lugar na História".

Bossi e Fini não suportam nem ficar sentados à mesma mesa. A complexa composição do Pólo da Liberdade é uma montanha de obstáculos para uma coalizão cujo único acordo foi vencer a esquerda e os progressistas: não tem um programa co-

mum, não está de acordo sobre o sistema institucional com o qual o país deverá funcionar e seus integrantes se enfrentam abertamente na divisão dos cargos públicos.

Europa na mira - A II República Italiana nasceu oficialmente na noite de 20 de maio de 1994, quando a Câmara dos Deputados deu um voto de confiança ao novo governo liderado pelo primeiro-ministro Silvio Berlusconi com 366 legisladores a favor, 245 contra e nenhuma abstenção. É 53º governo civil do pós-guerra e o primeiro nos últimos 50 anos formado por forças políticas que nunca haviam chegado ao poder.

Conta com um Parlamento onde os representantes do Pólo da Liberdade têm a maioria absoluta: Aliança Nacional conquistou 105 das 630 cadeiras da Câmara dos Deputados, o que - somado aos cinco ministros neofascistas designados no gabinete - lhe dá um poder inédito desde a década de 20. "A Aliança Nacional deve ser o motor do governo", declarou Gianfranco Fini no dia 29 de abril em seu relatório à direção do movimento neofascista ao completar-se um mês da vitória da coalizão direitista. Afirmou que após a vitória da "revolução silenciosa (nas eleições de março), os italianos olham para a direita, que pela primeira vez estará presente com seus homens no governo".

Tempo de barbárie

EUROPA


Protesto antinazista em Londres. A polícia intervém

Um fantasma percorre o Velho Mundo, em uma nova versão dos skinheads. Não perambula apenas pelas ruas: ganha cadeiras nos parlamentos e planeja “limpezas étnicas” nas frentes de guerra

Alemanha: nada de novo no front – “Não vejo nenhum perigo neonazista na Alemanha”, declarou o chanceler (primeiro-ministro) Helmut Kohl em 27 de maio à BBC de Londres. Oito dias antes, sete soldados de um batalhão especial do exército, encarregado de prestar honras militares aos chefes de estado estrangeiros em visita ao país, gritaram palavras de ordem racistas (“gases para os judeus” e “estrangeiros fora da Alemanha”) e agrediram um passageiro no ônibus que os levava a Bonn, onde está sua base.

Quando a polícia os deteve e o assunto passou às mãos da Justiça, um funcionário do Ministério da Defesa qualificou o incidente de “lamentável” mas considerou que não havia influência da extrema-direita no Exército alemão, que tem cerca de 370 mil homens.

O fato, de uma gravidade sem precedentes porque os soldados pertenciam à guarda de Kohl, não é o primeiro episódio que envolve as Forças Armadas alemãs. Em 1992, pelo menos três pessoas foram assassinadas por militares que participaram de agressões violentas da extrema-direita contra comunidades estrangeiras. No ano passado, vários suboficiais e soldados se juntaram a um ataque contra uma residência de refugiados no oeste da Alemanha.

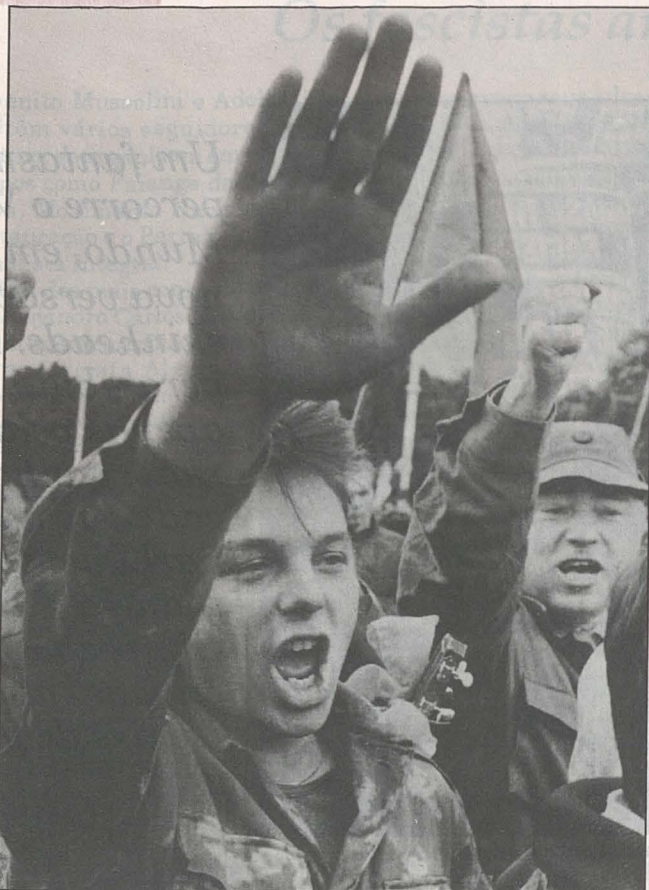
Existem 82 organizações de extrema-direita no país, integradas por 42 mil pessoas. Essas cifras não incluem partidos xenófobos e racistas, como Os Republicanos (REP), que contam com 23 mil membros. Todos atuam com a tolerância da justiça, a simpatia das Forças Armadas e a cumplicidade da polícia.

Em 1992, ocorreram mais de 2.500 atentados de natureza xenófoba na Alemanha. Segundo o Escritório de Interesses dos Estrangeiros, em 1993 se cometeram mais de 6 mil atos de violência racial. Entre janeiro e março deste ano, se registraram mais de 700 ataques.

Os REP constituem o principal partido da ultra-direita: contam com oito deputados no Parlamento, em Berlim, e entre 1989 e 1994 conseguiram eleger 611 deputados em 211 assembleias legislativas de todo o país. Franz Schoenhuber, seu líder, costuma dizer que “o único crime da Alemanha perante a história é ter perdido duas guerras”.

Kohl, que está há 12 anos no poder, tem tratado de minimizar a importância dos reiterados atentados contra sinagogas, profanação de cemitérios – sobretudo judeus – e ataques a albergues de trabalhadores estrangeiros e refugiados políticos, fundamen-

EUROPA



Moscou:
jovens russos
reproduzem,
com orgulho,
a saudação
nazista

talmente turcos. Os co-governantes partidos Democrata Cristão, Social-Cristão e Liberal Democrático garantem que não há motivos para endurecer as leis penais.

Segundo o Ministério do Interior, os REP não cumprem os requisitos para serem classificados como "nazistas" e garante que apenas há "casos individuais" de delitos racistas cometidos por membros dessa organização. A Corte de Justiça Federal decidiu em março passado que os que negam que durante a II Guerra Mundial judeus e outras minorias foram assassinadas em massa nos campos de concentração – como é o caso dos REP – não podem ser punidos pela lei.

França: o fascismo bate à porta duas vezes – A derrota da Alemanha em 1945 sepultou as posições da extrema-direita francesa durante mais de duas décadas. Embora seus simpatizantes tenham mostrado suas unhas durante a guerra de libertação da Argélia (1954-62), os fascistas locais carregavam sobre seus ombros o estigma de ter colaborado durante a II Guerra Mundial com os ocupantes nazistas.

Porém, quando terminou o período de crescimento do Plano Marshall – o respaldo econômico dos Estados Unidos na época do pós-guerra – e a Europa entrou na etapa de recessão, desemprego e crise social que dura até hoje, os extremistas voltaram a exibir suas garras.

Em 1970, o advogado Jean-Marie Le Pen – criado em um orfanato, ex-pára-quadista na Argélia e um dos fundadores da Internacional Fascista – formou a Frente Nacional. Sua primeira incursão nas eleições presidenciais de 1981 redundou em um fracasso: não conseguiu reunir as 500 assinaturas necessárias para avaliar sua candidatura.

Ao longo dos anos 80, porém, conseguiu eleger 12 deputados para o Congresso. A Frente Nacional prometia lutar contra os vários "males" gerados pelo "comunismo e o capitalismo através do sionismo internacional": a imigração estrangeira, a perda de empregos, a queda do poder aquisitivo da classe média, o projeto da União Européia. Sua tática é simples: apelar para as frustrações, o medo e a insegurança de pequenos comerciantes, funcionários de baixo nível, jovens desempregados, aposentados e católicos integristas através da xenofobia e racismo.

Tempestade na ex-Iugoslávia – Quando, em junho de 1991, as tropas sérvias desencadearam um sangrento processo de "limpeza étnica" contra muçulmanos e croatas, ficou claro que os 35 anos de estabilidade racial do governo de Josip Broz Tito (1945-1980) se desintegraram junto com o território balcânico.

A destruição quase total de cidades centenárias como Zagreb, os bombardeios arrasadores contra populações civis, a criação de campos de concentração, a violação em massa de mulheres como "arma de guerra" e o êxodo de centenas de milhares de pessoas para os países fronteiriços demonstraram quais eram os sinais dos novos tempos.

Vojislav Seselj, ex-funcionário comunista e atual líder do Partido Radical da Sérvia e Montenegro (denominação da nova Iugoslávia) defende agora posições racistas e ultranacionalistas. Propõe expulsar da Sérvia as minorias étnicas e não dissimula suas ambições – compartilhadas com outros dirigentes – de conquistar todo o território da Bósnia-Herzegovina, onde o domínio sérvio chega a 72%.

Mas Seselj parece um civilizado parlamentar se o compararmos a seu colega Zeljko Raznjatovic, conhecido como *Arkan*, líder do Partido dos Cidadãos Independentes e chefe do grupo paramilitar "Os Tigres". *Arkan* e seu grupo armado, acusados perante a Organização das Nações Unidas por crimes de guerra na Bósnia, tem uma triste fama na região de Kosovo, onde os habitantes albaneses (90% da população) são diariamente atacados.

Na Croácia, os antigos inimigos dos sérvios não ficam atrás. No dia 1º de junho quando se comemorou o terceiro aniversário da separação da ex-Fede-

ração Iugoslava, o governo de Franjo Tudjman reimplantou a moeda usada durante a II Guerra Mundial (1939-45) pelo regime pró-nazista de Ante Pavelic e suas tropas de assalto conhecidas como *ustachis*.

A *kuna* era moeda circulante entre 1941 e 1945, quando Pavelic exterminou milhares de sérvios, judeus e outras minorias não croatas. Anteriormente, o governo tinha mudado os nomes de ruas, escolas e praças dedicadas à memória de combatentes antifascistas. No ano passado, um colégio foi rebatizado com o nome de Mile Budak, braço direito de Pavelic, e uma famosa praça de Zagreb ganhou o nome de Praça da Grandeza Croata, como na época dos nazistas.

Quando a Croácia se tornou independente, em junho de 1991, o brasão em forma de tabuleiro de damas usado durante o regime *ustachi* em cada edifício e nos uniformes foi recolocado na bandeira nacional.

Tudjman apóia os bósnios croatas que atacaram os muçulmanos para criar seu próprio Estado na Bósnia. Os bósnios croatas não ocultam sua admiração por Ante Pavelic e ostentam freqüentemente sobre seus uniformes a "U" *ustachi*, o equivalente croata à suástica (cruz gamada) alemã.



Depois estão os integrantes do grupo Memória, oficializado em 1985, que defendem a recuperação dos valores da época dos czares e o expansionismo territorial. Usam uniformes do exército czarista e, embora não defendam a expulsão dos judeus, e sim a proibição de misturar-se com eles, se declaram herdeiros dos grupos que no século passado organizaram *pogroms* (massacres) em toda a Rússia.

O drama dos muçulmanos na Bósnia-Herzegovina, sob o emblema dos fascistas croatas

Nazistas, czaristas e imperialistas na Rússia – Nas eleições parlamentares de dezembro passado, Vladimir Jirinovski, líder do direitista Partido Liberal Democrático (PLD), obteve 23,5% dos votos e desde então sua beligerância – e aceitação entre a população – tem crescido.

Agora, pretende ganhar as eleições presidenciais de 1996 porque, segundo afirmam seus seguidores, "a maioria do povo quer ver seu país novamente forte e não se arrastando aos pés dos Estados Unidos".

Jirinovski propõe que a Rússia recupere sua antiga grandeza e restabeleça as fronteiras da desaparecida União Soviética, incluindo a reincorporação de 14 repúblicas que se tornaram independentes. É partidário do exército e da venda de armas russas para o Terceiro Mundo.

O caos em que se encontra mergulhada a Rússia desde a queda do comunismo – com 15 milhões de habitantes em risco de ficar desempregados e onde os menos favorecidos ganham salários de oito dólares – provoca uma sensação geral de insegurança e derrota, que cria um terreno fértil para as propostas da ultradireita.

Jirinovski é o principal representante da direita, mas não o único. Há outros, menos populares e mais extremistas, com os quais o líder do PLD tenta costurar uma grande aliança.

Os mais agressivos são os membros da Unidade Nacional Russa, uma força de 1.500 homens. Propõem a expulsão dos judeus e outras nacionalidades, vestem uniformes – em cujas mangas exibem uma versão estilizada da suástica alemã – e distribuem a publicação *Ordem Russa*, à qual definem como "o primeiro jornal nacional-socialista do país".

Grã-Bretanha: a ultradireita vem marchando – Quando Derek Bacon, do ultradireitista Partido Nacional Britânico (PNB), foi eleito no ano passado para ocupar uma cadeira na Câmara Municipal de Isle of Dogs, um subúrbio pobre a leste de Londres, os partidos tradicionais receberam o primeiro alerta de que a extrema-direita estava mais próxima que eles do eleitorado desempregado e que podia se transformar na quarta força política da Inglaterra.

O PNB assume um discurso neonazista e recruta seus integrantes entre os grupos de *skinheads*, jovens "carecas" desempregados, provenientes de famílias de bairros operários. Os *skinheads* surgiram por volta de 1966 como uma reação violenta contra o movimento *hippie* e sua palavra de ordem "paz e amor" e depois estenderam seus ataques contra trabalhadores estrangeiros, fundamentalmente indianos e paquistaneses.

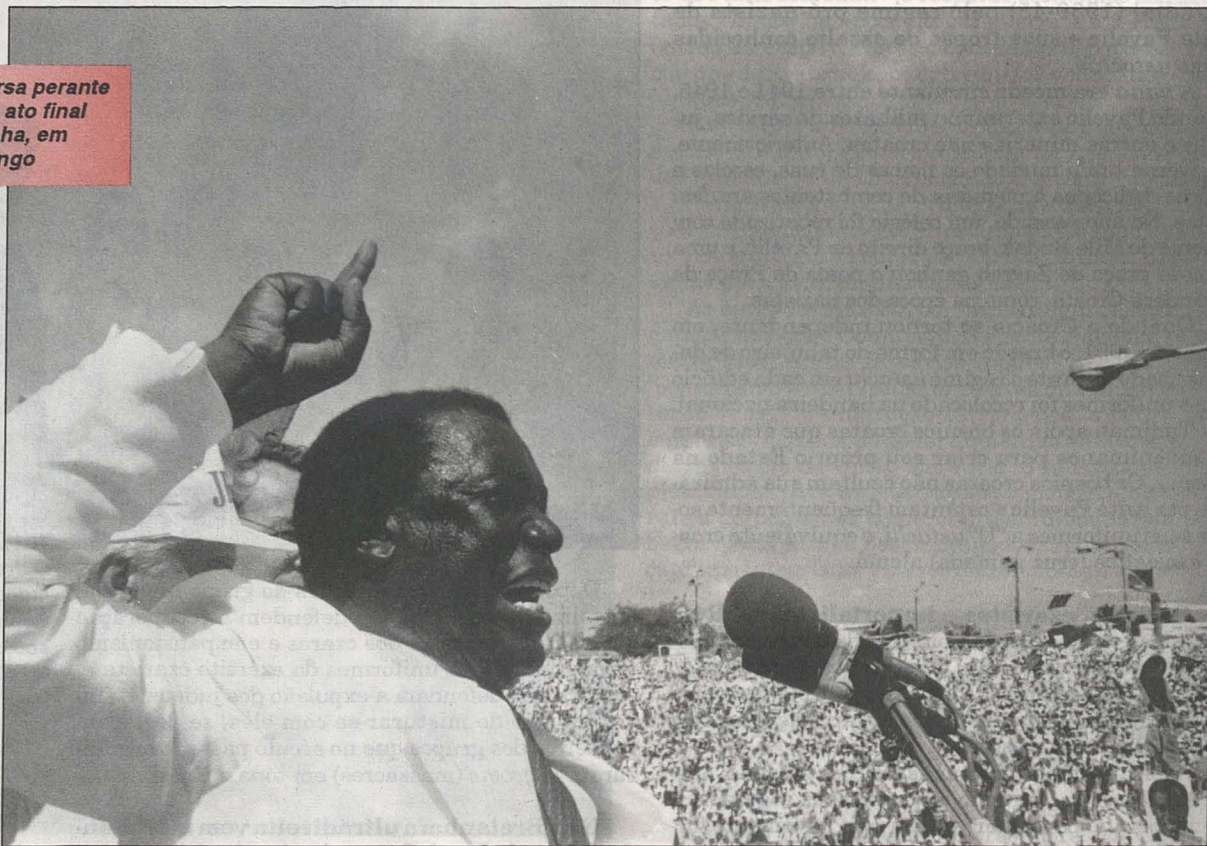
O segundo sinal chegou em 5 de maio passado, quando os extremistas do PNB se apresentaram nas eleições locais da Inglaterra, Escócia e Gales para disputar cadeiras em 50 câmaras municipais, em um total de 5 mil. O avanço da extrema-direita desde a eleição de Bacon até o último pleito foi evidente.

(R.B.)

Eleição de cartas marcadas

Foto: Beatriz Bissio

Peña Gómez discursa perante uma multidão no ato final de sua campanha, em Santo Domingo



A fraude praticada pelo governo de Joaquín Balaguer provoca a indignação do povo e deixa o país numa situação dramática

Beatriz Bissio,
enviada especial

Reunido na véspera da eleição com os representantes dos partidos políticos latino-americanos da Internacional Socialista (IS), o coordenador da campanha de José Francisco Peña Gómez à presidência da República, Tirso Mejía, advertia que várias possíveis fraudes haviam sido detectadas pelo Partido Revolucionário Dominicano (PRD). A mais escandalosa foi a de falsa identificação de eleitores.

Curiosamente, a criação de um novo título de eleitor foi fruto de uma nego-

ciação entre o governo e os partidos de oposição, com o objetivo de evitar as fraudes. O governo determinou o recadastramento de todos os eleitores mas, contrariando o senso comum, 48 horas antes do pleito ainda continuavam sendo expedidos os novos títulos. Desta forma, as listagens de eleitores que eram entregues pela Junta Central Eleitoral em cada mesa à oposição foram sempre "provisórias" pois faltavam os inscritos de última hora.

O fato de não existir uma data limite para a inscrição favoreceu o cadastramento irregular de eleitores, principalmente nos dias que antecederam o pleito. O próprio motorista de Tirso Me-

jía – recadastrado há meses –, dizendo-se eleitor de Balaguer, conseguiu que lhe dessem uma segunda via do título em um comitê do Partido Reformista Social Cristão (PRSC). No novo documento a foto realmente era a sua, mas constava o nome de uma outra pessoa. Percorrendo a cidade, o chofer confirmou o que muitos apenas supunham: numerosos eleitores do governo tinham em seu poder até cinco títulos.

Na reunião dos delegados da IS, os coordenadores da campanha de Peña Gómez mostraram um vídeo produzido pelo PRSC – uma espécie de aula para os fiscais desse partido nas mesas de votação – no qual o vice-presidente do Ins-

AMERICA LATINA

REPÚBLICA DOMINICANA

tituto de Formação de Quadros do Partido Reformista orientava a fazer todo possível para conseguir a anulação dos votos das urnas em que Balaguer não obtivesse a maioria.

As novas condições – Prever fraudes nas eleições da República Dominicana não é nada extraordinário já que essa tem sido a norma na precária democracia que se instalou no país depois da morte do ditador Leónidas Trujillo e da intervenção militar norte-americana de 1965. “Contamos com uma fraude que pode nos tirar cerca de cem mil votos, mas ainda assim ganharemos”, tinha afirmado Peña Gómez na madrugada anterior à eleição.

A certeza da vitória do líder negro tinha fundamento. Depois de anos de divisões internas, Peña Gómez havia conseguido reorganizar o PRD, agora consolidado em todas as províncias com a significativa cifra de um milhão de filiados. Por outro lado, depois de ter sido durante 30 anos o braço direito de Balaguer, Fernando Alvarez Bogaert fundou sua própria organização política, a União Democrática (UD), e se aliou a Peña Gómez em dezembro quando o velho presidente decidiu disputar novamente a eleição.

Alvarez Bogaert foi seguido por dirigentes de todo o país que o apoiaram na decisão de formalizar o acordo com o PRD, chamado “Pacto de Santo Domingo” e Peña Gómez lhe ofereceu a candidatura à vice-presidência. Não foi uma jogada eleitoral: é notória a amizade

que une ambos os dirigentes – oriundos da mesma cidade – desde que o líder do PRD foi acolhido pela família Bogaert em sua infância, ao ficar órfão.

A UD, que já surgiu com expressão nacional, contribuiu, ao chamado “Pacto de Santo Domingo”, com importantes candidatos a prefeituras e ao Senado em lugares onde o PRD nunca havia ganhado. As pesquisas de opinião refletiram o impacto dessa aliança, mostrando uma significativa vantagem – entre 6 e 12%, dependendo da fonte – da chapa Peña Gómez-Alvarez Bogaert sobre os candidatos do governo.

O ocaso de Balaguer – Aos 88 anos, Joaquín Balaguer se agarra ao poder com unhas e dentes, disputando a reeleição para um sexto período presidencial sem que os ventos lhe sejam favoráveis. Os empresários já não confiam na sua capacidade, considerando ultrapassada a sua concepção de desenvolvimento – baseada no setor da construção civil –, desconhecendo o papel da indústria e da agricultura, além de descuidar da saúde pública, da educação e do meio ambiente.

O outro alicerce que dava sustentação ao seu governo, os militares, deixou de ser um aliado incondicional. O comando da campanha de Balaguer se reuniu com alguns altos oficiais, para avaliar a eventualidade de recorrer a “artifícios” para ganhar a eleição. Terminada a reunião, vários oficiais entraram em contato com Peña Gómez e Alvarez Bogaert para denunciar o complô.

Este desgaste de Balaguer junto aos militares cresceu proporcionalmente ao aumento do prestígio dos integrantes da chapa do PRD. A questão militar constituiu uma parte substancial do discurso de Peña Gómez no encerramento de sua campanha, que reuniu em um bairro popular de Santo Domingo uma alegre multidão calculada em 400 mil pessoas.

Depois de mostrar como Balaguer havia usado as Forças Armadas sem respeitá-las – a ponto de haver nomeado um general como seu chofer particular – Peña Gómez anunciou um projeto de reestruturação dos quadros militares.

A proposta de continuar o processo de profissionalização do Exército iniciado pelos governos anteriores do PRD havia tido boa receptividade entre os militares, sobretudo entre os oficiais mais jovens, com quem o diálogo de Peña Gómez é mais fluido.

O cinismo da Junta – No dia da eleição visitamos a região de Moca e Puerto Plata, para observar a votação. As dez da manhã já havia um princípio de tumulto em Moca. Dezenas de eleitores protestavam em frente à Junta Municipal Eleitoral porque seus nomes não constavam nas listagens que estavam em poder dos presidentes de mesa, embora estivessem nas que a Junta Central Eleitoral havia entregue aos partidos políticos. O presidente da Junta Municipal, Fabio Luiz Ramírez, demonstrava boa vontade, mas alegava não poder fazer nada sem autorização da Junta Central de Santo Domingo, da qual aguardava uma resposta.

Quando chegamos a Puerto Plata ao meio-dia a situação era parecida: centenas de eleitores não haviam podido votar porque faltava seu nome nas listagens das mesas. Como em Moca, todos eles constavam das listagens em poder dos partidos políticos.

Após um telefonema para Santo Domingo constatamos que a situação era idêntica em todo o país. Pressionado pelo número de denúncias, o reitor da Pontifícia Universidade Católica,

Luis Ayala, secretário-geral da Internacional Socialista, denuncia a fraude



Eleição de cartas m

monsenhor Agripino Núñez Callado — um dos avalistas do “pacto de civilidade” assinado por Balaguer e Peña Gómez para garantir a transparência do pleito — pediu à Junta Central Eleitoral (JCE) que permitisse a esses eleitores votar.

A resposta da Junta chegou às 18h e 10min: dez minutos depois de terminado o prazo de votação. Em mensagem por rádio e televisão a JCE prorrogou o prazo para que esses milhares de eleitores votassem. Já era tarde: as mesas estavam fechadas e a sua grande maioria já contava os votos, com as urnas abertas.

Quando a Junta anunciou a prorrogação do horário de votação, acompanhamos os candidatos e militantes do “Pacto de Santo Domingo” em uma louca corrida aos locais de votação, diante dos quais se aglomeravam milhares de eleitores — entre eles muitas mulheres que não desistiam de votar — para tentar fazer cumprir essa determinação.

Mas o Exército — sob o comando do coronel Marcos Balaguer, que durante todo o dia havia estado na porta da Junta Municipal — já havia ocupado os locais. Só em duas mesas onde o escrutínio não havia começado, depois de muita conversa, se conseguiu fazer uma fila e retornar a votação.

A informática entra em cena — Todas essas irregularidades não foram suficientes para tirar a dianteira de Peña e Bogaert no primeiro boletim oficial da Junta Central Eleitoral. Mas aí entrou em cena um recurso mais sofisticado, através de uma certa diferença que se constatou entre os resultados do escrutínio nas mesas e os dados que iam processando e divulgando os computadores. A diferença entre os votos reais e votos computados chegou a ser, segundo estimativa de um jornal local, de 800 mil votos, em um universo de pouco mais de três milhões de eleitores. Chamou a atenção, além disso, o grande número de votos nulos, que chegou a 6% do total, quando a diferença reconhecida

O exército impede a chegada das pessoas aos locais de votação, favorecendo o presidente Balaguer (ao lado)

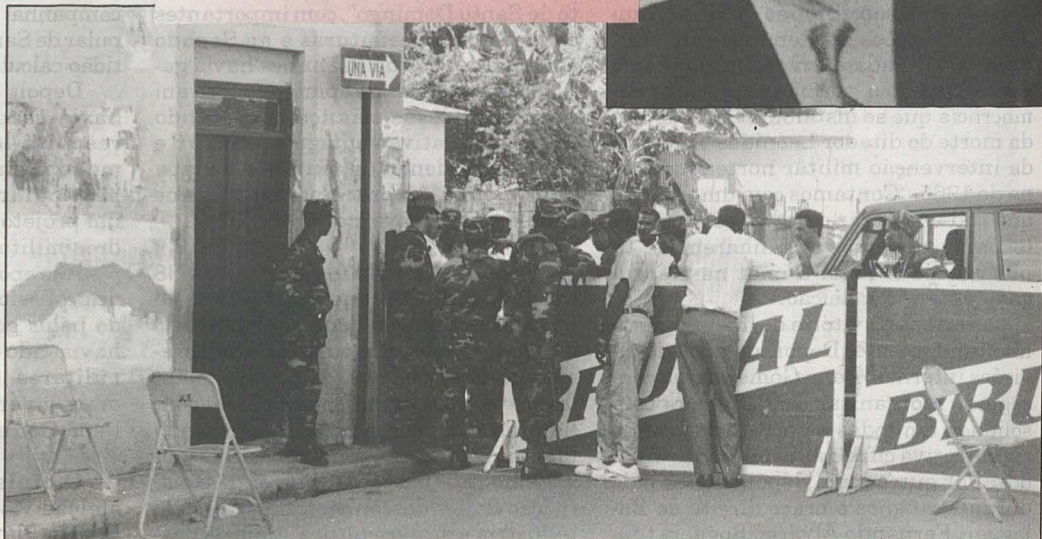


Foto: Luis Vega

pelo governo entre Balaguer e Peña não passava de 1%.

Com este pano de fundo, a partir do segundo boletim oficial Balaguer assumiu a dianteira e continuou assim até que o escândalo já era tão notório que a JCE se viu obrigada a suspender a contagem.

Para isso contribuíram muito os observadores internacionais. Os delegados da Internacional Socialista, que haviam se espalhado por todas as províncias do país, liderados pelo secretário-geral da IS, Luis Ayala, denunciaram em uma entrevista coletiva à imprensa as “graves e sérias anormalidades” que presenciaram e exortaram o governo e a Junta a respeitar a vontade popular.

Igual atitude tiveram os observadores do Instituto Interamericano de Direitos Humanos (ILDH) e de seu programa Capel. Daniel Zouatto, argentino radicado na Costa Rica, onde fica a sede da Capel, nos disse que, em mais de 30 eleições que havia presenciado, nunca havia presenciado nada igual ao sucedido na República Dominicana.

Já o ex-congressista norte-americano Stephen Solarz, que representou o Instituto Nacional Democrata, afirmou

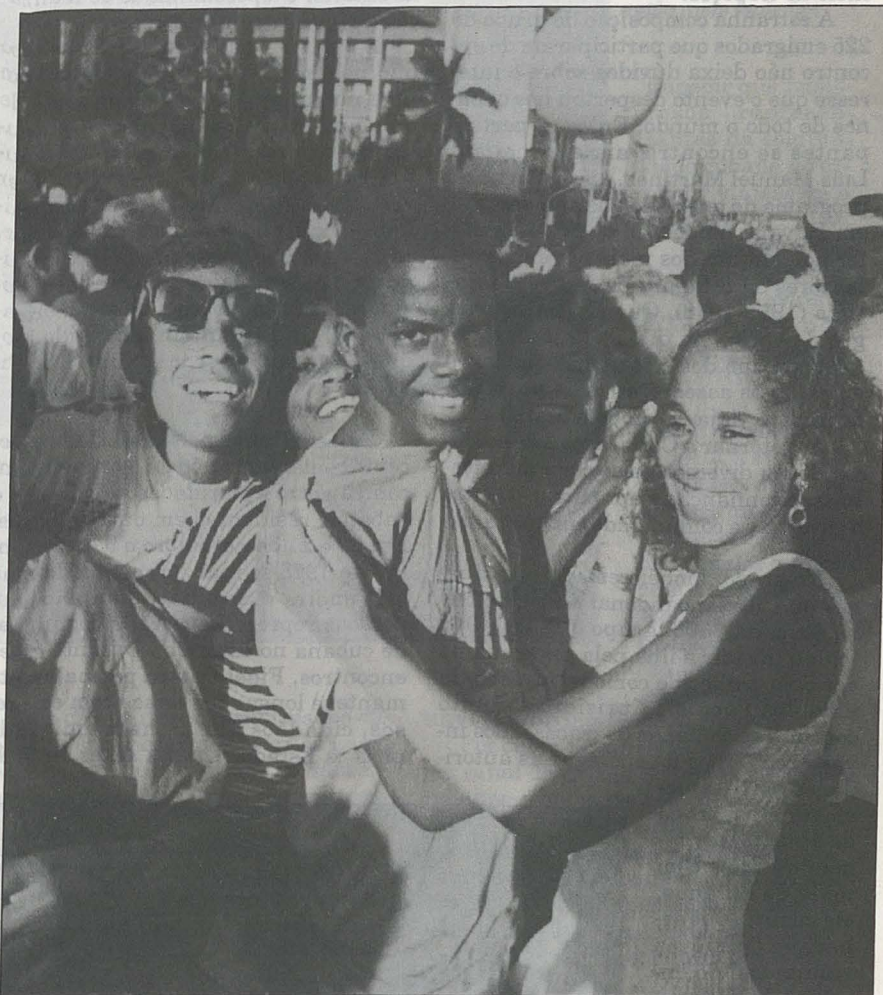
que havia entrevistado muitas pessoas que não tinham conseguido votar “das quais a maioria simpatizava com o PRD”. O governo dos Estados Unidos, através do porta-voz do Departamento de Estado, David Johnson, assinalou que as denúncias de fraude “invalidam as eleições da República Dominicana” e anunciou que seria impossível proclamar um vencedor antes que o problema das irregularidades fosse resolvido.

Em vista do atos de violência em vários pontos do país, Peña Gómez alertou o governo de Balaguer sobre a necessidade de solucionar a crise antes que o povo decidisse buscar saídas por conta própria. Esse alerta não foi precipitado: os dominicanos — que reconhecem no futebol e na política suas duas paixões — estão em grande número armados. “O povo tem milhares de armas que ficaram da invasão norte-americana”, comentou um importante dirigente.

O impasse está criado. A responsabilidade de Balaguer e seus seguidores é enorme, assim como também a de Peña Gómez e Alvarez Bogaert, pela grande ascendência que têm sobre o povo. Nesta era de exaltação democrática, são inadmissíveis os anacronismos existentes na República Dominicana.

Um primeiro passo

O governo de Havana e representantes da comunidade cubana que vive em vários países do mundo discutem o problema migratório e formas de superação da crise econômica na ilha



Os reencontros familiares são marcados por comemorações

Aldo Gamboa

A pesar da distância física e ideológica, foi um reencontro. Alguns deles não se viam há décadas e não faltou quem preferiu dissimular a emoção mediante um simples aperto de mão. Depois de décadas de falta de diálogo ou silêncios mal interpretados, o governo cubano e representantes da comunidade de cidadãos desse país que residem em 30 nações do mundo se reuniram em Havana em um encontro oficial para analisar e discutir o futuro das relações entre ambas as partes.

Alguns dos cubanos que participaram da conferência "A nação e a emigração", realizada em Havana entre os dias 22 e 24 de abril, já tinham visitado o país anteriormente para rever parentes, tratar-se de alguma doença ou simplesmente matar a saudade tomando um sorvete no arborizado bairro de Vedado, no centro da capital.

Para outros, foi a primeira ocasião de conversar com altos dirigentes do governo cubano sobre as relações com os compatriotas que vivem em outros países. Para todos – cubanos da ilha e de outras terras – foi uma oportunidade única de comprovar que a identidade

nacional é o denominador comum que permitirá a normalização desse diálogo cheio de tropeços.

A estranha composição do grupo de 225 emigrados que participaram do encontro não deixa dúvidas sobre o interesse que o evento despertou nos cubanos de todo o mundo. Entre os participantes se encontravam o jornalista Luis Manuel Martínez, que, a partir do programa de televisão que apresentava em Havana na década de 50, se transformou em um dos mais ferrenhos defensores da ditadura de Fulgêncio Batista (1952-1958). Quando Batista fugiu de Cuba, no dia 1º de janeiro de 1959, em um dos três aviões que levou ao exílio os assessores mais próximos do militar viajava também Martínez.

Ao retornar a Cuba, após 35 anos vivendo em diversos países, ele manifestou sua confiança na aproximação entre o governo e a comunidade cubana no exterior.

No grupo também estava Luis Tornes que, após abandonar Cuba, voltou na Brigada 2506, grupo que em 1961 tentou invadir a ilha pela costa sul, no episódio conhecido como a "invasão da baía dos Porcos". Aprisionado junto com outras centenas de fracassados invasores, Tornes foi entregue às autoridades norte-americanas em troca de alimentos e remédios. Hoje com mais de 60 anos, ele admitiu que esperava "maiores resultados" do encontro de Havana.

O interesse comum dos cubanos da diáspora era estabelecer com o governo de Havana um princípio de acordo sobre a normalização das condições migratórias, a definição de

*Estão os que
querem ir e os que
querem voltar. E
também os que
não têm dúvidas
sobre a sua opção*

critérios comuns e regulares para as visitas aos parentes residentes na ilha e no exterior e a possibilidade de realização de investimentos no país.

É evidente que medidas desse tipo não poderão ser levadas a cabo sem uma mudança de atitude por parte de Washington. Os cubanos da ilha encontram enormes dificuldades junto às autoridades norte-americanas para obter vistos que lhes permitam visitar familiares nos Estados Unidos. Por sua vez, os cubanos que vivem nos Estados Unidos não podem viajar a Havana sem desafiar a administração norte-americana, que ainda mantém um rígido bloqueio contra o governo socialista de Fidel Castro.

Antecedentes - Na realidade, a recente conferência não foi o primeiro encontro entre autoridades do governo e cubanos residentes em outros países. Em 20 e 21 de novembro e 9 de dezembro de 1978 se realizaram em Havana a Primeira e Segunda "Reunião com pessoas representativas da comunidade cubana no exterior". Durante esses encontros, Fidel Castro pessoalmente manteve longas conversas com ex-presos, cidadãos que tinham emigrado para os Estados Unidos antes de 1º de

janeiro de 1959 e até cubanos que tinham fugido ou pedido asilo político em outros países.

No final da década de 80, se promoveram em Havana outros enriquecidos encontros, menos divulgados, onde se discutiu a política de visitas a Cuba de cidadãos que haviam abandonado o país. Mas nenhum dos diálogos anteriores teve a repercussão deste último, pela amplitude dos temas discutidos, pela importância atribuída pelo governo de Havana e pela representatividade dos exilados presentes na capital cubana.

Praticamente todas as questões migratórias colocadas pelos representantes da comunidade cubana no exterior foram resolvidas. O jovem chanceler cubano, Roberto Robaina - um dos principais impulsionadores do encontro - destacou que o governo decidiu eliminar a proibição de visitar a ilha por cinco anos para as pessoas que saíram legalmente, permitindo-se agora sua entrada a qualquer momento.

Importante também foi a decisão do governo cubano de criar um Departamento especial para atender aos problemas específicos dos emigrados, incluindo a edição de uma revista que aborde as questões relativas a essa co-



AMÉRICA LATINA

CUBA



Contra-revolucionários de Miami: a cada dia, estão mais isolados

impedir que numerosos representantes da comunidade cubana no exterior viajassem a Havana.

A presença de tantos emigrados deixou em evidência que eles não têm uma posição monolítica quanto à nova relação com o governo de Fidel Castro. A pressão que os grupos mais radicais exercerão sobre aqueles que foram à conferência será significativa, mas dificilmente conseguirá reverter a tendência natural à aproximação com Havana.

Por outro lado, o estabelecimento de um canal de diálogo entre Havana e os cubanos emigrados coloca os Estados Unidos diante da questão de com quem negociar: com os – ricos e poderosos – dirigentes de Miami, que ficaram excluídos de um diálogo histórico, ou com os setores abertos a participar da vida política de Cuba sem compromisso com o projeto socialista?

A resposta é difícil. Mas já se percebe que figuras como Mas Canosa e Montaner constituem alguns dos últimos aliados da Casa Branca para justificar o bloqueio.

¹Mas Canosa é o principal dirigente da Fundação Cubano-Americana, muito influente na região da Flórida (e ligada a setores conservadores do Partido Democrata, como Albert Torricelli). Autoridades norte-americanas o consideram o mais lógico "sucessor de Fidel Castro" após um eventual desmoronamento do sistema socialista em Cuba. Mas Canosa e sua organização são acusados de diversos delitos nos Estados Unidos, embora nunca a Justiça tenha conseguido provas

² Montaner é apontado como o autor do livro "Contra toda a esperança", apresentado como tendo sido escrito por Armando Valladares. Ex-policia da ditadura de Batista, Valladares foi preso depois de colocar uma bomba em Havana, após a vitória da Revolução. Libertado, depois de se fazer passar por paralítico, foi nomeado por Reagan representante dos Estados Unidos perante a Comissão de Direitos Humanos da ONU

munidade. Atendendo a outro pedido, as autoridades concordaram em que os cubanos emigrados possam enviar seus filhos para freqüentar as universidades da ilha, custeando seus estudos. Muitos jovens cubanos residentes nos Estados Unidos tiveram que emigrar para Venezuela ou México para poder cursar a universidade, já que os centros de ensino norte-americanos são muito caros.

O governo cubano decidiu ainda eliminar dos pacotes turísticos dos emigrados a obrigatoriedade de pagar a hospedagem em um hotel, já que a maioria dos visitantes prefere hospedar-se nas casas de seus parentes ou até nos domicílios onde moravam antes.

Os emigrados pediram também que se estude a possibilidade de lhes outorgar a dupla nacionalidade (a cubana e a do país que os acolheu). Mas essa questão deverá ser ainda debatida, já que requer modificações substanciais na Constituição da ilha.

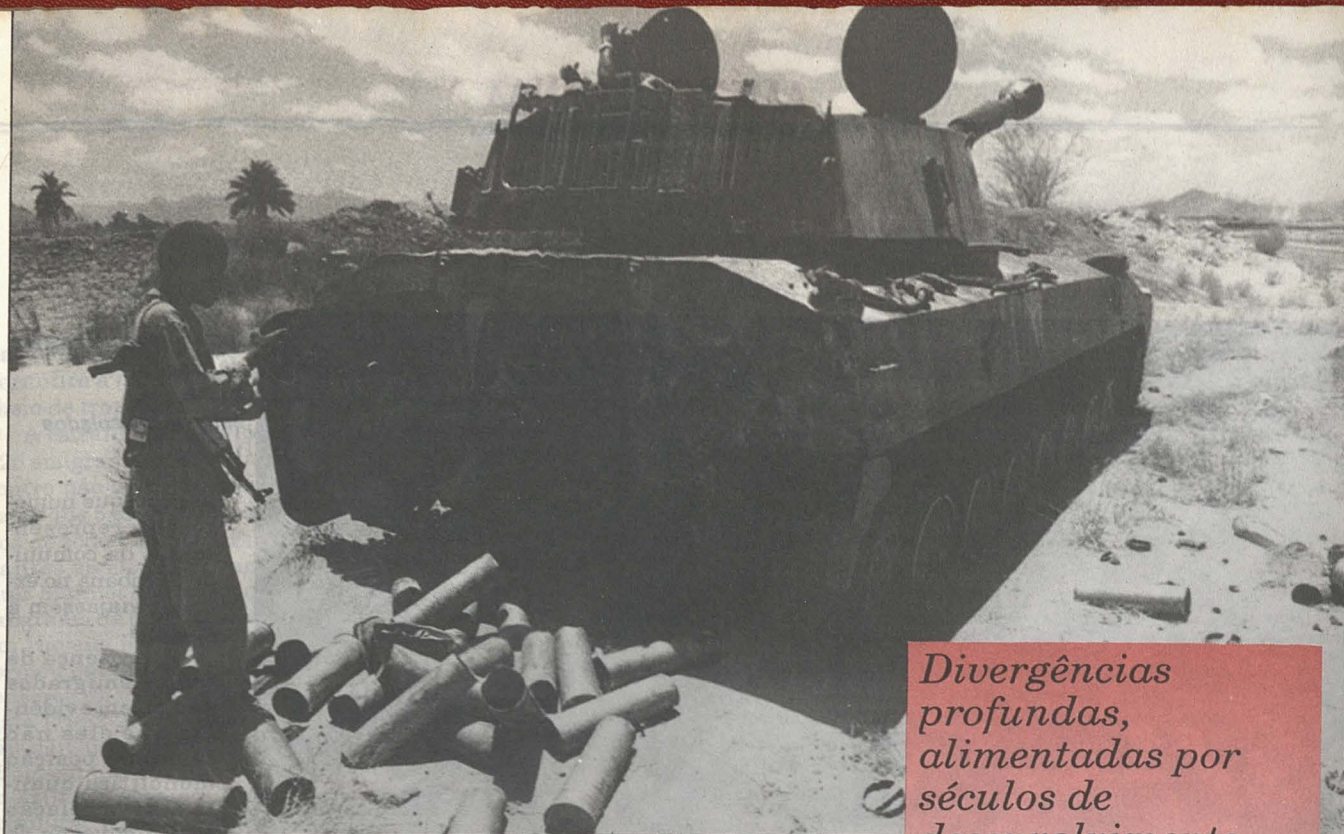
Outro assunto que surgiu nos diálogos foi o interesse de diversos emigrados em realizar investimentos na ilha, após um eventual levantamento do bloqueio dos Estados Unidos. Nesse senti-

do, uma das principais autoridades cubanas da área econômica, Carlos Lage, assinalou que os emigrados "podem investir nas mesmas condições que os capitais estrangeiros".

As demandas dos emigrados cubanos mostram seu desejo de participação futura na vida econômica, social e política de um país que, no final das contas, também é deles.

A principal conquista – Mais importante que qualquer acordo alcançado foi o diálogo direto que se estabeleceu entre o governo de Havana e a oposição, deixando de lado os setores mais radicais. "Os ausentes nunca fazem história", disse Martínez ao chegar a Havana, em uma fugaz mas clara referência aos dirigentes cubanos que fizeram da contra-revolução uma lucrativa profissão.

A referência se dirigia, possivelmente, a Jorge Mas Canosa¹ e Carlos Alberto Montaner², tradicionais inimigos do governo cubano que não só se opuseram a participar do diálogo, mas também fizeram o possível para esvaziá-lo. Porém, não tiveram força para



Próximo a Áden, a capital do sul, soldados tomam posições defensivas

Unificação em pedaços

Claudia Guimarães

Quatro anos após a eclosão da Guerra do Golfo, o Oriente Médio é palco de mais um conflito armado, que, ao contrário do anterior, tem todos os componentes para ser duradouro.

A atual guerra no Iêmen tem raízes profundas e parece sepultar de vez sua festejada unificação. "Apesar do entusiástico apoio da população, uma união bem-sucedida entre o norte e o sul parece improvável, pois os dois países tiveram uma evolução social e política muito diferente", assinala Peter Rodman, diretor da área de Oriente Médio do Centro para Estudos Internacionais e Estratégicos de Washington.

De fato, séculos de desenvolvimento em direções opostas ergueram uma barreira difícil de transpor. Enquanto ambas as regiões (sul e norte) foram dominadas durante três séculos pelos turcos otomanos, a capital sulista, Áden, foi ocupada pelos britânicos a partir de

1839. Após obter sua independência da Inglaterra, em 1967, o sul se tornou o primeiro Estado árabe socialista. Já o norte expulsou os turcos depois da I Guerra Mundial e desde então tem sido governado por clãs conservadores.

Ao longo dos últimos 27 anos, as divergências políticas entre os dois regimes resultaram em diversos choques fronteiriços, mas não impediram a concretização da unificação, em 22 de maio de 1990. Apesar das dificuldades – exército, forças policiais, moeda, estações de televisão e rádio e linhas aéreas permaneceram separadas –, o processo de unificação conseguiu avançar. Num claro sinal dos novos tempos, no ano passado o Iêmen realizou eleições parlamentares multipartidárias, em um exercício de democracia sem precedentes entre os regimes da península árabe. A vitória coube ao conservador Congresso Geral do Povo (CGP), do norte, que designou Ali Abdullah Saleh como presidente, ficando o Partido Socialista do Iêmen (PSI), do sul, com a

Divergências profundas, alimentadas por séculos de desenvolvimento em direções opostas, desencadeiam a guerra no Iêmen, quatro anos após sua reunificação

vice-presidência, em mãos de Ali Salem Al-Baidh.

Estoura a guerra – Divergências sobre a distribuição da renda oriunda do petróleo, o controle do governo por parte do CGP, sua aliança com o partido fundamentalista Islah – cujo ultraconservador líder, xeque Abdullah bin Hussein al-Hamar, foi designado presidente do Parlamento – e uma série de ataques armados contra líderes políticos do antigo Iêmen socialista fizeram muitos sulistas começarem a encarar a unificação como uma virtual anexação pelo norte.

O clima de tensão chegou ao auge em agosto passado, quando o vice-presidente, Al-Baidh, do sul, se negou a continuar exercendo suas funções no norte e exigiu reformas políticas e econômicas. A crise se arrastou até fevereiro deste ano, quando representantes dos dois lados firmaram um acordo de reconciliação na Jordânia. Porém, poucas horas depois estalaram novas com-

ORIENTE MÉDIO

IÊMEN



Uma vítima dos ataques do norte

Saudita, e o ex-governo socialista do Iêmen do Sul: as contínuas denúncias de que o presidente Abdullah Saleh não desmantelou todas as bases de treinamento dos muçulmanos extremistas, que lutam para impor o fundamentalismo na região.

Essas denúncias parecem estar sendo corroboradas pelo apoio explícito do regime iraniano às forças do norte, que, segundo um comunicado da Rádio Teerã, visa a "preservar a unidade do Iêmen e de todos os países islâmicos".

Apesar de não estarem dispostos a intervir diretamente no conflito, os países árabes aliados do sul têm feito intensas gestões para obter um cessar-fogo.

Mas, até agora, as iniciativas nesse sentido não prosperaram. Em fins de maio, o embaixador saudita nos Estados Unidos, príncipe Bandar bin Sultan, visitou as Nações Unidas para pedir que o organismo internacional intervenha no conflito. O diplomata demandou uma reunião urgente do Conselho de Segurança, onde se trataria a proposta dos países árabes de se fazer um apelo de cessar-fogo, abrir negociações de paz entre as partes beligerantes e interromper o comércio internacional de armas para o país.

Mas, aparentemente devido à objeção de Paris e Londres, o Conselho de Segurança optou por se manter fora do conflito e continuar considerando-o uma crise interna, em vez de uma guerra entre os antigos Estados do Iêmen do

Norte e Iêmen do Sul. O máximo que os países árabes conseguiram do Conselho de Segurança foi uma exortação em favor de uma solução política.

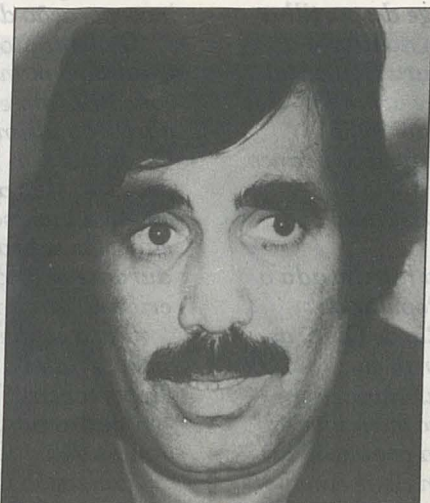
A ofensiva do norte - Sem um apoio mais concreto, as forças do sul estariam perdendo terreno nos combates, segundo os observadores. Reforçando esta análise, o sul exortou o norte a pôr fim aos combates, retirar as tropas para posições anteriores a 1990 e abrir negociações sob os auspícios da Liga Árabe.

O presidente Abdullah Saleh, porém, recusou todos os apelos de cessar-fogo. "O norte intensificou deliberadamente a luta ao atacar Aden, a capital sulista. A estratégia parece ser de precautar o sul o mais rápido possível antes que o presidente egípcio Hosni Mubarak consiga sucesso numa mediação", afirmou uma fonte dos serviços de segurança ocidentais.

De fato, embora o panorama ainda esteja incerto, se observa que o norte vem realizando progressos no campo de batalha, como a ocupação da rica província petrolífera de Hadramawt, a sudeste da fronteira com a Arábia Saudita. Mas é cedo para cantar vitória. "Não existe uma solução militar para o problema iemenita", garante o diplomata norte-americano Robert Pelletreau, secretário de estado adjunto para o Oriente Próximo.

Talvez consciente disso, o governo iemenita tem partido para uma verdadeira ofensiva no campo diplomático. Abdullah Saleh enviou seu principal aliado interno, o líder do partido Islah, para dois dias de conversações com o governo do Egito e um outro representante para reunir-se com o presidente líbio Muammar Kadhafi, em Trípoli, e com o líder palestino Yasser Arafat, na Tunísia.

Sem dúvida, em caso de vitória das forças do norte, o apoio internacional seria importante para quebrar a resistência interna a seu governo. Porém, seja quem for o vencedor desse conflito, terá que fazer um esforço gigantesco para cicatrizar as feridas da guerra. Acima de tudo, deve ter claro que as históricas diferenças, culturais e políticas, entre o norte e o sul precisam ser respeitadas. Ou então correr o risco de mergulhar indefinidamente o país numa sangrenta guerra fratricida. ■



Al-Baidh: luta pela autonomia do Sul

bates entre forças do sul e do norte e, no final de abril, os choques se transformaram em aberta guerra.

Um mês depois, exatamente às vésperas de cumprir-se o quarto aniversário da reunificação, o Partido Socialista declarou a independência do Iêmen do Sul, enquanto Aden, capital do proclamado novo Estado, permanecia sitiada pelas forças governamentais.

Ao contrário do que acontecia antes da reunificação, o Islã foi mantido como religião oficial pelos secessionistas.

Al-Baidh fez um apelo pedindo a "todos os países irmãos e amigos" o reconhecimento do novo Estado, que, segundo afirma, luta "pela democracia, as liberdades gerais e os direitos humanos".

Estranha aliança - A maioria dos países árabes - incluindo o Egito, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos -, além do próprio Estados Unidos, apóia o sul, refletindo as alianças surgidas durante a Guerra do Golfo, quando o Iêmen do Norte ficou do lado do governo de Saddam Hussein.

Mas outro fator também foi determinante para costurar essa estranha aliança política entre regimes extremamente conservadores, como o da Arábia



1974-1994

Saara
Occidental

A GUERRA DO DESERTO



Há exatamente 110 anos os habitantes do Saara Ocidental, território situado na costa noroeste da África, lutam pela sua autodeterminação. Primeiro contra a Espanha que, em 1884, no auge da partilha da África, ocupou algumas posições no litoral do que passaria a ser chamado de "Saara Ocidental".

Apesar da resistência – pacífica e armada – dos saarauís, a ocupação se prolongou até 1975 quando, com a morte do ditador Francisco Franco, a Espanha decide retirar-se do território e reparti-lo entre o Marrocos e a Mauritânia, em troca de vantagens econômicas.

Iniciava-se aí a segunda fase da luta levada a cabo pela Frente Polisario (Frente Popular de Libertação de Saguia El-Hamra e Rio de Ouro, as duas regiões em que se divide o Saara), que culminaria em 1979, quando a Mauritânia assina um acordo de paz com a organização guerrilheira.

Desde então, a guerra é contra a ocupação do Marrocos, cujo rei, Hassan II, é um dos principais aliados dos EUA e do Ocidente no mundo árabe.

Incapaz de ganhar a guerra, o regime de Rabat concordou no início de 1991 com uma proposta da ONU de realizar um plebiscito, onde a população decidiria pela autodeterminação ou pela incorporação definitiva ao Marrocos.

O plebiscito, porém, nunca saiu do papel. Quando o plano foi aprovado, as duas partes concordaram em que a lista de votantes deveria partir do último censo realizado no Saara Ocidental, em 1974, que contabilizou 74 mil pessoas. Mas a monarquia marroquina passou a exigir a inclusão de mais de 120 mil nomes (de supostos saarauís que teriam ido para o Marrocos durante os anos da colonização espanhola), criando um impasse que permanece até hoje.

Para conhecer um pouco mais da luta desse povo, estamos reeditando em "Grandes Reportagens", um resumo do material publicado em *cadernos*, nº 35 (julho de 1981), que nos dá uma idéia da vida nos acampamentos e da organização popular da República proclamada nas areias do deserto.

Por dentro da guerrilha

Baptista da Silva

No extremo sudoeste da Argélia, próximo ao oásis *Robinet* ("torneira"), a poucos quilômetros da militarizada cidade de Tinduf, os dirigentes da Frente Polisário instalaram um centro para receber jornalistas e delegações estrangeiras. Seguramente é o local mais cosmopolita do deserto do Saara. *Robinet* é, a um só tempo, o ponto de chegada para quem, vindo de Argel, se prepara para conhecer a realidade dos campos de refugiados e o ponto de partida para quem entra nas regiões libertadas, hoje sob a administração da República Árabe Saarauí Democrática (Rasd).

Partimos para o interior durante a madrugada, a bordo de duas camionetes. *Robinet* fica a hora e meia de *Mahbés*, a 75 quilômetros da fronteira com a Argélia, passagem obrigatória para quem visita a Rasd.

Quem chega a *Mahbés* não pode deixar de perceber de imediato os vestígios da grande batalha de 19 de outubro de 1979, quando o Exército de Libertação Popular Saarauí conseguiu libertá-la. O que primeiro nos chama a atenção são as trincheiras calcinadas e as casamatas das Forças Armadas marroquinas, transformadas em tumbas dos soldados que ali combatiam. Há corpos carbonizados pelo calor escaldante que ainda se conservam nas posições em que morreram, como que mumificados pela areia; outros foram desenterrados pelo *siroco*, o vento do deserto, e se amontoam enfileirados.

Quando nossa caravana chega, é logo cercada fra-

O exército de libertação, sua organização e eficácia. Mais de mil quilômetros percorridos, onde a guerra está sempre presente

ternalmente por guerrilheiros. Nosso guia, Ahmed, se apressa em explicar: "Os marroquinos vieram aqui para morrer por nada. Estão longe de suas terras, longe de suas famílias. Pobre gente. Nossos combatentes contam que a desmoralização entre os militares marroquinos é muito grande. Não sabem por que lutam. Gente como essa que morreu aqui passa meses enterrada nas trincheiras e, quando tem que lutar, reage das maneiras mais diferentes. Uns enlouquecem, outros se matam, outros fogem e são capturados pelas nossas forças, perdidos no deserto, e há aqueles que ficam, mesmo sabendo que vão morrer."

Cuidado: terreno minado! – *Mahbés* são duas cidades numa só. Ambas estão quase completamente destruídas. A primeira é o que resta da antiga zona civil, onde vivia a população no tempo do colonialismo espanhol; a outra é zona militar. Hoje, a impressão que se tem é que as duas cidades se fundem numa só.

Essa impressão não é reforçada apenas pela militarização, mas também pela quantidade de envólucros de munição, granadas e capacetes de combate, espalhados por toda parte. No meio da área civil, ainda há os destroços de uma enorme bomba lançada entre as casas pela aviação marroquina. "Vocês não podem imaginar como isso aqui era lindo...", diz Ahmed, com ar nostálgico.

Estamos conversando sobre a cidade, quando um dos guerrilheiros se aproxima e faz uma advertência:

"Cuidado com as minas!". Ele explica que os marroquinos espalharam minas ao longo de todas as posições que ocuparam. Não só nas linhas defensivas, mas também nas linhas recuadas.

O resultado disso é uma situação tragicamente paradoxal: na maioria das vezes o exército marroquino, nas linhas avançadas, se vê no dilema de ter de enfrentar, à sua frente, o exército saarauí e, na retaguarda, um campo minado dos mais perigosos.

"Quando tomamos uma localidade – intervém Ahmed – nosso exército convoca imediatamente especialistas para desativar as minas. Mas,

Armamento marroquino capturado pelos saaraúis durante um combate





TAGENS

Apesar das duras condições, o moral é alto nas tropas saarauís retamente com a guerra, mas sim uma das inúmeras surpresas que o deserto reserva.

São espécies de palitos vermelhos, altamente incandescentes. "São bons para acender fogueiras", dizem, mostrando os palitos nas mãos.

Lebuirat, obra-prima da engenharia militar – Os especialistas são taxativos: as sucessivas linhas defensivas de Lebuirat são verdadeiras obras-primas da engenharia militar.

Não foram, porém, suficientemente eficazes para conter o ímpeto do exército de libertação. Nos primeiros ataques, em 6 de julho e 10 de agosto, ficou claro que os marroquinos seriam derrotados.

No dia 24, a guerra acabou. O Exército de Libertação, após cerrada fuzilaria, tomou a cidade. Foram libertadas duas centenas de saarauís.

Pergunto por que os saarauís eram mantidos como reféns e Ahmed se apressa em responder nossa pergunta. "Primeiro por causa das mulheres, vocês compreendem, não é? (diz, insinuando abusos contra as mulheres prisioneiras por parte dos marroquinos). Em segundo, para usar nosso povo como um verdadeiro escudo humano. Os marroquinos usam as populações saarauís como escudo de proteção, particularmente em locais onde nossos aviões bombardeiam."

Ele faz uma pausa, ouve uma pergunta sobre o dilema que deve ser bombardear pontos onde os saarauís servem como escudo e responde: "Não sou combatente, mas posso garantir que o nosso exército faz o máximo de esforço para poupar a população civil."

Nós vamos conversando entre os escombros do que era Lebuirat, enquanto nosso guia vai mostrando, em pontos distantes, grande quantidade de tanques destruídos. Ele fala com tal riqueza de detalhes que não resistimos e perguntamos se ele não teria participado da batalha. Ahmed torna-se então enigmático: "A vitória é do nosso Exército de Libertação."

Onde está o Exército de Libertação? – Após dois dias no Saara esta questão se torna quase obsessiva. Do Exército de Libertação tínhamos visto apenas um pequeno vestígio: centenas de marcas de pneus de carros riscando a areia em todas as direções. Mas onde ele estaria?

Pelos cálculos dos observadores e peritos militares, o Exército de Libertação tem entre 12 e 15 mil homens. É um

As crianças aprendem desde cedo a conviver com as agruras da guerra e a dura vida no deserto



só podemos desativar aquelas que são obstáculos para os povoados. As demais ficam por aí, à espera que a guerra termine."

Intimidade com o deserto – Saímos de Mahbés em direção ao norte, circundando antes as últimas barreiras de arame farpado que serviam de obstáculos para o exército de libertação. Agora, não passam de objetos inúteis naquela cidade de cadáveres e silêncio, onde o povo saarauí começa a difícil tarefa da reconstrução.

O que nos surpreendeu nesse primeiro contato foi a intimidade dos saarauís com o deserto. É como se estivessem em casa. Não há segredos para eles naquela imensidão de areia que se prolonga indefinidamente por toda a parte. A impressão que dá é que herdaram o sentido de orientação da memória coletiva dos seus antepassados nômades. Concretamente, não há outra explicação senão a experiência adquirida no dia-a-dia de luta. Quantos milhares de quilômetros não terão percorrido cada um daqueles homens desde o início da luta armada? Talvez seja a experiência que lhes permite não passar por dificuldades. Nem para encontrar água, nem para escolher um local seguro para comer e descansar, nem para encontrar uma acácia que possa oferecer boa sombra para enfrentar o sol. Às vezes, encontram água apenas a um palmo do solo.

Durante toda a viagem sua hospitalidade nos cativa. Encontrado o local para a refeição, imediatamente eles se lançam ao trabalho, deixando que os hóspedes descansem: limpam o terreno, colocam os colchões no chão, preparam a comida e trazem o chá. Há ainda um outro detalhe que nos chama a atenção: sua discrição. Propositamente, se instalam a alguns metros de nós para que fiquemos mais à vontade para comer e conversar.

À medida que fomos avançando fomos sendo absorvidos pela mudança gradual de paisagem, onde a planície dava lugar a ravinas.

"Ali ao fundo (diz o guia apontando o território marroquino) ficam os fortes do Uarkziz. Foi ali que em março nossas tropas infligiram uma das mais pesadas derrotas já sofridas por Hassan. Destruímos as suas 'invencíveis' unidades móveis *Uhud* e *Zellaga*."

O número de tanques calcinados aumenta conforme avançamos em direção ao sul. Perto dos destroços de um caminhão de transporte de munição, os guerrilheiros param o carro e saltam agilmente. Não é nada ligado di-

AS GRANDES REPORTAGENS

exército que demonstra bem a capacidade de organização e a determinação do povo saarauí. Perfeitamente hierarquizado e disciplinado, funciona como uma força armada moderna. É distribuído por regiões militares e dividido em tropas com especialidades diversas, envolvendo desde os temidos grupos de comandos aos corpos de artilharia e comunicação.

Sua estrutura é uma das coisas que as autoridades da Rasd conservam fora do alcance dos olhares indiscretos de jornalistas e observadores estrangeiros. Principalmente no que se refere às suas ações em combate. São unidades muito ágeis e mobilizam milhares de homens para combates nas diversas regiões do deserto. Sem êxito, aviões marroquinos, equipados com aparelhos sofisticadíssimos, tentam, de muito alto localizar o Exército de Libertação. "Os aviões temem voar baixo. Há sempre o risco de serem abatidos", diz o nosso guia.

E não é só na guerra aérea que os marroquinos vêm perdendo terreno. Ao fim de seis anos de ocupação, as forças marroquinas estão limitadas a poucos pontos do território saarauí, vivendo entre minas, arame farpado e trincheiras, onde a vida é perigosa e o abastecimento de víveres e munição é bastante precário. Sem mobilidade, só se arriscam a sair em colunas com centenas de blindados e viaturas. Geralmente, só se dispõem a esse tipo de operação quando a situação é de completo desespero.

O próprio Hassan já não considera a guerra do Saara como uma questão de dias; o ufanismo inicial cedeu lugar à dura realidade de que para o Marrocos hoje a questão da guerra se limita ao reduzido "triângulo útil", com apenas 600 quilômetros, onde a questão vital é manter El-Aiun e as minas de fosfato.

Nas nossas duas viaturas, o moral dos guerrilheiros é excelente. Eles não perdem oportunidade de fazer brincadeiras: "A estrada de ferro que Hassan inaugurou, ligando Marrakesch a El-Aiun, vai custar caro. Ela nunca vai chegar lá", dizem, em tom irônico.

Mais sisudo que seus companheiros, nosso guia aproveita a oportunidade para mostrar uma realidade

irrefutável: "A diferença entre nossos combatentes e os marroquinos é esta, diz ele: nós rimos enquanto percorremos o deserto, porque o deserto é nosso; os marroquinos não podem fazer o mesmo. Vivem metidos nas trincheiras de onde não podem sair sequer para fazer suas necessidades fisiológicas."

O guerrilheiro de Huza – A viagem prossegue até Jderia. De Jderia, cidade natal do ministro da Defesa da Rasd, Ibrahim Ghali, tomamos uma estrada em direção a Huza e Smara.

A paisagem é quase imutável: destroços por toda parte e apenas raras, raríssimas construções. No alto de um depósito, que permanece intacto, vê-se a bandeira da Rasd. Flutua no ar, sobre a cidade, como símbolo de uma nova soberania, em contraste com dois gigantescos símbolos do passado recente, que, em baixo relevo, são visíveis ainda num monte, próximo à cidade. Trata-se dos símbolos da legião espanhola (*Los Tercios*) e a estrela do poder da dinastia aluíta do Marrocos.

O comandante da nossa coluna anuncia: "Vamos agora visitar Huza. É a minha cidade." Ele conta que, antes de ingressar no Exército de Libertação, em 1974, vivia da venda de camelos e tinha algumas cabras. "Os colonizadores espanhóis só ofereciam aos saaraúis emprego na construção de estradas. A mim nunca ofereceram nada."

A partir deste instante o comandante, para nós, passou a ser o "guerrilheiro de Huza".

Huza é um pequeno povoado, encrustado numa pequena montanha. Foi uma das primeiras cidades libertadas, no ano de 1977. O monte foi quase pulverizado pelo bombardeio marroquino. Não foi atingida apenas uma casa, a mansão de um inglês, construída no alto do monte, inexpugnável no começo do século. Esta casa inspirou o nome da cidade, "The House". Perto dela há dois aviões abatidos.

Quando chegamos a Huza tivemos uma surpresa. Mais uma vez, sentimos a cordialidade dos guerrilheiros. Nos preparávamos para nos instalar, quando dois deles saltaram de uma viatura e vieram nos oferecer um cordeiro, que tinham acabado de matar, e alguns vegetais. Lamentavam que tivéssemos chegado tarde:

"Vocês vão perder uma boa oportunidade de conhecer melhor a vida dos nossos combatentes", disseram.

Durante a noite e a madrugada não cessaram os disparos de armas ligeiras e semipesadas. "É treinamento de tiro", nos tranquilizou o guia.

No dia seguinte, antes de regressarmos, tivemos o cuidado de recolher outra curiosidade do deserto: o *atil*, um arbusto do interior do Saara que serve como eficaz branqueador de dentes. Depois, iniciamos a longa viagem de regresso à fronteira argelina.

No caminho, cruzamos com um gigantesco carro-tanque, seguido por uma camionete com sete guerrilheiros que nos saudaram amistosamente. Era a última imagem de uma viagem de mais de mil quilômetros pelas áreas libertadas da Rasd.



Nasce um país nas dunas

Nas terras áridas do Saara, as tendas da jovem república começam a mudar a paisagem. O governo popular está se organizando, enquanto a mortalidade infantil e o analfabetismo vão aos poucos sendo erradicados

Onde existiam apenas ervas daninhas e areia, existem hoje acampamentos que se parecem muito com cidades de verdade. Só que ao invés de construções sólidas, as ruas e bairros estão tomados por tendas, feitas com pele de camelo, que servem para tudo: ministérios, escolas, mesquitas, centros de atendimento materno-infantil, prédios da administração pública etc. Tudo isso forma a República Árabe Saarauí Democrática

(Rasd) que a Frente Polisario construiu no deserto nestes últimos cinco anos, apesar da guerra e das adversidades do clima.

Quem chega nos acampamentos custa a acreditar que, em tão pouco tempo e em condições tão adversas, a Frente Polisario tenha conseguido criar acampamentos tão organizados. Não há crimes – pelo menos é o que afirmam a população e os dirigentes da Frente Polisario –, a administração é feita por autogestão das comunidades e não há qualquer tipo de privilégio. A mulher, marginalizada em alguns países árabes, é tratada em pé de igualdade com o homem, cuidando de todo trabalho de organização e administração.

O que surpreende não é só a organização popular. O planejamento é também o traço marcante dos acampamentos. São ao todo três *wilayas* (regiões administrativas): El-Aiun, Smara e Dakhla, as três principais cidades do Saara Ocidental. As *wilayas* são formadas pelas *dayras* (23 acampamentos que abrigam os 120 mil refugiados saarauís ao longo da fronteira sudoeste da Argélia, na desértica região de Tinduf). Os governos locais são exercidos por cinco comitês, todos eleitos pela população.

As *wilayas* são os órgãos dirigentes dos acampamentos e funcionam como conselhos, onde atuam os representantes dos diferentes departamentos populares: justiça, saúde, ensino, transportes etc.



Parto no hospital "Mustapha Sayed", na wilaya de Dakhla

Saúde e educação – Os saarauís têm particular interesse em falar da justiça. "Justiça e revolução são duas coisas inseparáveis. Num processo revolucionário como o nosso, a justiça é indispensável. De outra forma, não haveria revolução. Injustiça nosso povo conhece bem. Vivemos sob o colonialismo e vimos nossa terra ser invadida", afirmam.

Não é só na administração da justiça que os saarauís vêm obtendo bons resultados. Há também dois

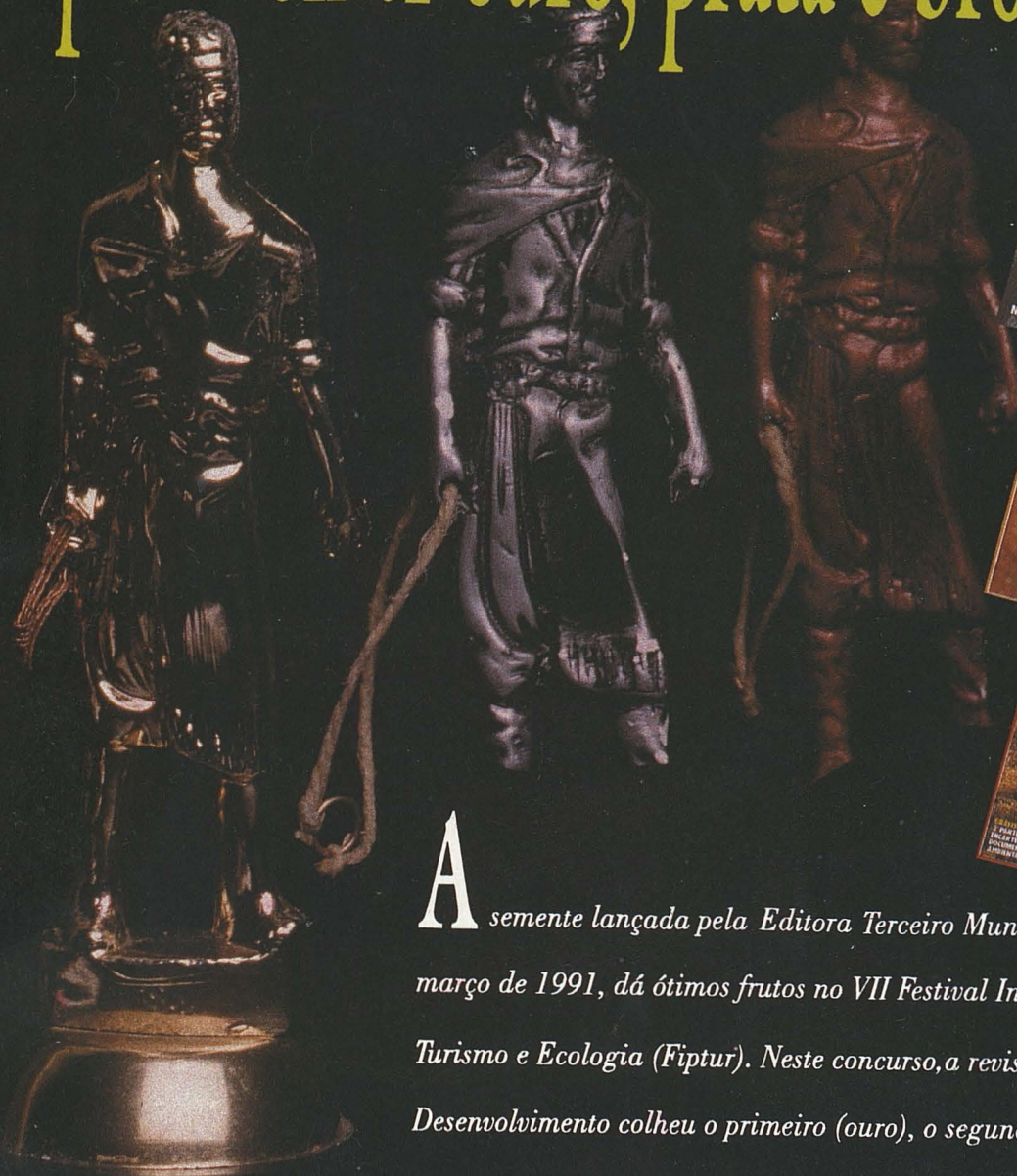
outros problemas que eles têm enfrentado com sucesso. São a mortalidade infantil, reduzida a níveis mínimos, e o analfabetismo. O ministro da Saúde, Salek Bõbih, resume assim a situação: "Não fosse a guerra, estaríamos numa situação muito boa. Apesar disso, a mortalidade infantil foi reduzida a níveis mínimos."

O ministro lembra que em quase um século de colonização, os espanhóis não formaram um único médico entre a população saarauí. Agora, acrescenta ele, a situação começa a mudar:

"Os primeiros médicos saarauís já estão sendo preparados no estrangeiro. Aqui nos acampamentos temos formado muitos quadros médios, como o pessoal de enfermagem e técnicos sanitários."

Outra herança negativa dos tempos do colonialismo é o analfabetismo. Várias escolas estão surgindo, inclusive com cursos de alfabetização para adultos. No momento, há três grandes escolas nacionais: a Escola 9 de Julho (para crianças órfãs ou que não podem viver junto dos pais), voltada para o ensino primário; a Escola 12 de Outubro, para jovens de ambos os sexos, voltada para o ensino secundário; e a Escola 27 de Fevereiro, que cuida do ensino técnico-profissional para mulheres. Nesta escola, as alunas recebem também instrução militar. Há também um programa para formação de quadros no exterior, já iniciado.

Ecologia e desenvolvimento planta verde para colher ouro, prata e bronze



A semente lançada pela Editora Terceiro Mundo em março de 1991, dá ótimos frutos no VII Festival Internacional de Turismo e Ecologia (Fiptur). Neste concurso, a revista *Ecologia e Desenvolvimento* colheu o primeiro (ouro), o segundo (prata) e o terceiro (bronze) lugares na categoria de reportagem sobre ecologia em jornais e revistas, disputando com mais de 50 veículos de comunicação. Agradecemos não só aos organizadores do evento como também aos nossos leitores e anunciantes.

Os frutos são de todos nós.

PRESENTE NA VIDA DA GENTE

O Amanhã é nosso

Acreditar num futuro melhor é importante sim. Aliás, é muito mais que importante. É fundamental. O bem-estar de cada um depende da força e participação de todos.



BANERJ

BANCO DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO S.A.

PRESENTE NA VIDA DA GENTE